



Rita de Cássia Gonçalo Alves

**Qual é o *dress code*? Moral e juízo
estético no vestir feminino evangélico**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio.

Orientador: Prof. José Carlos Souza Rodrigues

Rio de Janeiro
Abril de 2016



Rita de Cássia Gonçalo Alves

**Qual é o *dress code*? Moral e juízo
estético no vestir feminino evangélico**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social do Departamento de Comunicação Social do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. José Carlos Souza Rodrigues

Orientador

Departamento de Comunicação Social – PUC-Rio

Profa. Tatiana Siciliano

Departamento de Comunicação Social – PUC-Rio

Profa. Sonia Giacomini

Departamento de Ciências Sociais – PUC-Rio

Profa. Monica Herz

Vice-Decana de Pós-Graduação do CCS

Rio de Janeiro, 20 de abril de 2016.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autoria e do orientador.

Rita de Cássia Gonçalo Alves

Graduou-se em Ciências Sociais pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj/UCAM) em 2012. Coursou especialização em Filosofia Moderna e Contemporânea na Faculdade de São Bento (FSB-RJ) em 2013. Desenvolve projetos de comunicação social para comunidades costeiras tradicionais e diagnósticos socioeconômicos. Tem experiência nas áreas de sociologia e antropologia, com participação em pesquisas sobre comunidades tradicionais, criatividade/profissionalização e sociabilidades juvenis.

Ficha Catalográfica

Alves, Rita de Cássia Gonçalo

Qual é o dress code?: moral e juízo estético no vestir feminino evangélico / Rita de Cássia Gonçalo Alves ; orientador: José Carlos Souza Rodrigues. - 2016.

172 f. : il. (color.) ; 30 cm

Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação Social, 2016.

Inclui bibliografia

1. Comunicação Social - Teses. 2. Evangélicas. 3. Vestuário. 4. Juízo estético. 5. Modéstia. 6. Distinção. I. Rodrigues, José Carlos Souza. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Comunicação Social. III. Título.

CDD: 302.23

Para José, pela presença que motiva
e impulsiona o meu viver.

Agradecimentos

Agradeço a Deus, aos meus pais e à minha família, que antes de tudo e de todos foram meu mundo e minha abrigação.

Ao orientador e mestre José Carlos Rodrigues, pelo imenso saber, generosidade, solicitude e refinamento intelectual que moldaram esta pesquisa do início ao fim.

À Capes, pelo auxílio financeiro que contribuiu para a dedicação exclusiva à realização deste trabalho.

Às mulheres lindamente especiais que floream meu cotidiano: mamãe Rosane, tia Sueli e a amiga Flávia Alves, que foram verdadeiras mães para o pequeno José, cooperando grandemente para que eu dispusesse de tempo ao exercício das práticas intelectuais.

À querida amiga Solange Brito, pelo grande incentivo e apoio incondicional que me foi dado durante a trajetória no mestrado.

Aos parceiros Marcelo Alves, Alda Baracho e Wesley Queiroz, por me acolherem de diferentes formas nas diferentes etapas de produção da pesquisa. Aos amigos de perto e de longe que me presentearam com suas boas energias, constante incentivo e risadas, tornando momentos difíceis mais leves e fluidos.

A todos os colaboradores - mulheres e homens – que diretamente cederam parte de seu tempo e de suas experiências religiosas para compor o material etnográfico desta dissertação, bem como aqueles que, indiretamente, observei nos trânsitos pelas diferentes igrejas protestantes. Estes sujeitos são parte essencial para a construção de um novo olhar a esse público, expressos na multiplicidade das formas de identificação, de apresentação de si, de ser e estar no mundo, os quais foram objetos motivadores de minha inquietação antropológica e que procurei traduzir nas páginas que seguem.

Resumo

Alves, Rita de Cássia Gonçalo; Rodrigues, José Carlos Souza. **Qual é o *dress code*? Moral e juízo estético no vestir feminino evangélico.** Rio de Janeiro, 2016. 172 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Comunicação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente dissertação traz uma pesquisa acerca da moral evangélica que contempla o vestuário feminino como um importante elemento de distinção social. A partir da etnografia realizada em igrejas evangélicas na região metropolitana do Rio de Janeiro, procurei observar de que forma as subjetividades se manifestam nos discursos e como experiências religiosas e culturais operam nos distintos modos de vestir-se, performar-se e julgar o belo. Disso resulta que, entre o juízo de gosto e as práticas do vestir, há operações de agenciamento em que as mulheres investem na construção de uma identidade visual personalizada sem contrapor a moral evangélica, mas também evidenciando as múltiplas formas sobre como essas normas são incorporadas. Neste sentido, o diálogo entre os mecanismos de distinção e as relações entre performatividade e materialidade constroem uma ética corporal e comunal, contribuindo para o entendimento da regulação e inscrição desses corpos femininos, portadores de significados sociais.

Palavras-chave

Evangélicas; Vestuário; Juízo estético; Modéstia; Distinção.

Abstract

Alves, Rita de Cássia Gonçalo; Rodrigues, José Carlos Souza (Advisor). **Which is the dress code? Moral and aesthetic judgement in the Evangelical women's dress.** Rio de Janeiro, 2016. 172 p. MSc. Dissertation – Departamento de Comunicação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The present work brings a research about the gospel morality, which includes women's clothing as an important element of social distinction. From the ethnography in evangelical churches in the metropolitan region of Rio de Janeiro, I tried watching how the subjectivities are manifested in speeches and how religious and cultural experiences operating in distinct ways of dress up perform and judge the beautiful. It follows that between the judgement of taste and practices of dressing there are agency operations where women invest in constructing a personalized visual identity without opposing the evangelical morality, but also showing the multiple ways on how these norms are incorporated. In this sense, the dialogue between distinction mechanisms and the relations between performativity and materiality build a corporal and communal ethics, contributing to the understanding of the regulation and registration of these female bodies carrying social meanings.

Keywords

Evangelical; Clothing; Aesthetic judgement; Modesty; Distinction.

Sumário

1. Introdução	11
1.1. O campo etnográfico	15
1.2. Sobre o método de pesquisa	23
1.3. Organização da dissertação	25
2. Juízo estético em perspectivas transversais	27
2.1. A natureza do juízo estético puro em Kant: o desinteresse	29
2.2. As condições sociais para uma crítica do julgamento estético em <i>A Distinção</i>	31
2.3. A noção de campo como elemento das disposições perceptivas e demarcador do espaço social	33
2.4. O gosto e o senso de distinção como produtos de um <i>habitus</i>	36
3. Evangélicos no Brasil e as características do juízo estético sobre o feminino.....	40
3.1. Variáveis sociais para a compreensão do processo de formação das categorizações	41
3.2. A inscrição do juízo estético e suas polissemias	50
4. Espaço, performances e a produção de materialidades estéticas	63
4.1. Conversão	67
4.2. Códigos x contextos	72
4.3. O cabelo	85
4.4. O individualismo	91

5. Espectadores e o percurso do olhar	99
5.1. “Nós” e “elas” e os mecanismos de vigilância	100
5.2. Olhar, discurso e sensibilidades masculinas	106
6. Moda evangélica e a pedagogia das práticas de consumo	116
6.1. Nicho de mercado e características de consumo	118
6.2. Representações sobre a moda feminina no ciberespaço gospel	125
6.3. Moralidade estética na moda íntima	135
6.4. Ana Paula Valadão e o discurso pedagógico sobre o <i>dress code</i> “ideal”	139
7. Considerações finais	147
8. Referências Bibliográficas.....	151
Apêndice	159

A moda significa, pois, a anexação do igualmente posto, a unidade de um círculo por ela caracterizado, e assim o fechamento deste grupo perante os outros, a caracterização destes como não pertencendo àquele. Unir e diferenciar são as duas funções básicas que aqui se unem de modo inseparável, das quais uma, embora constitua a oposição lógica à outra, é a condição de sua realização.

Georg Simmel, *Filosofia da Moda e outros escritos*

Introdução

Este trabalho é fruto de uma inquietude que perdura há algum tempo, cuja origem remete aos idos dos anos 90. Nas orientações recebidas nos primeiros meses do mestrado percebi que realizar uma investigação sobre a moralidade estética que envolve o vestuário feminino evangélico seria talvez surpreendente, e que poderia, em certa medida, trazer alguma contribuição para as interpretações acerca desse conjunto religioso. Cabe aqui, antes de descrever esse aspecto, relatar brevemente dois fatos ocorridos na minha pré-adolescência, para compreender como se dá a lógica das múltiplas interpretações sobre o código de vestimenta feminino protestante.

Na época eu tinha cerca de 11 anos de idade, criada dentro da cultura pentecostal tradicional, aquela cujo *habitus* ainda hoje se configura no uso de roupas estritamente “masculinas” ou “femininas” - isto é, calça para os homens, saia para as mulheres. Estudava em uma escola pública, cujo uniforme era camiseta branca e calça jeans ou bermuda, mas eu sempre ia para a escola de saia.

Era uma tarde de inverno, estava um frio intenso e queria muito ir de calça jeans naquele dia, pois não suportava mais o frio que fazia naquela escola com minhas pequenas pernas desprotegidas. Sem contar a inveja que eu sentia das colegas que iam de jeans “stretch”¹, pela mobilidade e flexibilidade que se assegurava para brincar e correr, e também porque lhes era possível com aquele modelo de calça mostrar as primeiras formas do corpo feminino. Para minha tristeza, minha mãe foi categórica naquele dia:

- Não! Você vai de saia e acabou.

- Por que, mãe? - perguntei. Ela não soube me explicar por que eu não podia usar calça e devia vestir apenas saia. O motivo, a razão, até então não haviam sido questionados...

Dali em diante comecei a me incomodar com este assunto. Até que aos 13 anos, num primeiro ato de inconformismo, decidi sair daquela igreja e ir para uma

¹ Calça feita de um tecido que mistura jeans com elastano e que se ajusta perfeitamente aos contornos do corpo feminino.

outra que permitisse uso de calça. Solicitei o desligamento e fui congregar na igreja Metodista, que é uma denominação histórica, de origem na Reforma Protestante, com uma cultura bastante reflexiva. Para mim, naquele momento, sair da Assembleia de Deus e ir para a Metodista foi um verdadeiro ato de libertação. Era como se eu estivesse escrevendo um novo capítulo na minha história. Foi a partir do contato com a cultura metodista que comecei a questionar os padrões protestantes, a ter uma visão crítica das coisas. Essa ruptura com a Assembleia de Deus foi um marco, um legítimo rito de passagem. Ali aprendi a problematizar.

Pouco tempo depois ao ingresso na Metodista minha avó levou-me para fazer compras de Natal, e então comprei a minha primeira calça jeans e a minha primeira blusa sem manga, de alcinha. Não sei descrever a sensação que tive naquele momento, mas sei que foi algo sensacional! A partir dali começaram a vir os acessórios – brinco, anel, cordão, pulseira – e o cuidado com a aparência, como usar maquiagem, esmalte, desenhar as sobrancelhas etc. Quando minha mãe viu-me daquela forma – de calça, batom, sobrancelhas feitas e esmalte vermelho - começou a buscar respostas para aquele meu comportamento. A sua busca se deu assistindo aos programas, na televisão e no rádio, de pastores já conhecidos pela mídia nacional, bem como na leitura de revistas gospel multitemáticas. Com esses canais de comunicação minha mãe começou a vislumbrar que existia outro universo protestante para além daquele em que vivia. Então passou a perceber – e entender – que proibir o uso de calça e de outros acessórios era nada menos do que convenções sociais impostas por certas denominações evangélicas para educar de alguma forma os seus seguidores. Anos depois, ela mesma se desligou da Assembleia de Deus e foi congregar em uma igreja neopentecostal, cujos costumes dialogavam mais com os costumes modernos.

Menciono esta passagem para situar o que me parece ser uma das principais causas para que haja tanta diversidade e pluralidade dentro da cultura protestante: a hermenêutica. Ao observar o discurso de meus informantes, todos convergem para um ponto em comum que é a questão da decência e da modéstia. Mas para chegar até esse lugar todos eles terão distintas interpretações sobre a educação do corpo vestido que convém ao evangélico.

Para a maioria dos entrevistados um novo modo de vestir está intimamente ligado às experiências com o sagrado, aqui objetificado na figura do Espírito Santo. Os evangélicos acreditam que essa entidade mística opera na razão dos seres

humanos. No caso da mulher evangélica, e à medida em que ela adquire maturidade religiosa e intimidade com o Espírito, este conduz o corpo a se vestir da maneira como convém: com modéstia e discrição².

Impressionou-me a forte disparidade nos padrões estéticos entre as entrevistadas de diferentes denominações, desde as “tradicionais” até as mais “liberais”. Nas congregações ortodoxas, onde a cultura do vestuário é mais rígida, a performance da distinção é nítida; entretanto, as evangélicas pertencentes a esse conjunto não aparentaram sentir qualquer espécie de tristeza ou opressão por não seguirem as modas plenamente. Importante também apontar as diferenças de interpretação que existem entre as solteiras e as casadas sobre o uso das roupas - relativizadas de acordo com o tempo de conversão - e como a doutrinação do corpo feminino é uma constante dentro da cultura evangélica. Suscitar a sensualidade e promover a lascívia por meio das roupas, nada disso é favorável à evangélica, segundo os informantes. Acreditam que corpo seja o “templo do Espírito Santo”: logo, deve refletir o quanto ali habita um espírito puro, diferente, sóbrio e modesto.

Algo bastante recorrente no pensamento dos evangélicos é o “antes” e “depois” da conversão. Esse aspecto é determinante para diferentes níveis da vida humana: saúde, sexo, moral coletiva, organização da vida econômica, vestuário, entre outros. A conversão opera como um drama marcante para o indivíduo, especialmente para a mulher. Mas é importante salientar que essa conversão em geral não é abrupta. Normalmente corresponde a um processo de autoconvencimento e doutrinação, no qual constantemente se reavaliam os valores, os conceitos e as atitudes de acordo com os princípios de cada corrente denominacional.

O processo ritual de conversão é o ponto chave para compreender a sutileza dos fenômenos estéticos que ele provoca nas mulheres. O modo de vestir, o comprimento do cabelo, o uso (ou não) de maquiagem e adereços, tudo isso está associado, segundo dizem, às experiências metafísicas com a dimensão sagrada. Entre as pentecostais e neopentecostais, principalmente, esse fenômeno é bastante recorrente, pois as mesmas revelam ouvir a voz do Espírito Santo ditar como devem se vestir. E que o Espírito Santo é aquele que “faz a obra”, como se o corpo e sua carga simbólica fossem (re)construídos ao longo do tempo.

É sabido que os processos de subjetivação são constituídos pela experiência vivida dos sujeitos. Mas o modo como estes percebem e concebem suas relações

² Os termos *modéstia* e *discrição* referem-se a noções especialmente importantes no universo protestante e estarão aprofundados no Capítulo 3 deste trabalho.

com o outro e também consigo mesmos não estaria largamente moldado pelas relações de saber-poder? Entre as evangélicas, este saber-poder normativo poderia ser expresso pelas determinações das escrituras sagradas, que se manifestam por meio da coerção por parte de pastores, de ovelhas que frequentam as igrejas, e até mesmo de pessoas que não fazem parte de religião evangélica.

Na dimensão protestante vejo que o poder simbólico da Bíblia e do discurso dos comuns é um dispositivo que implica, em todo o tempo, uma análise e uma consciência de si. Conforme citado pelas entrevistadas, é necessário estabelecer uma renúncia, um sacrifício para ser *diferente*, pois “a porta é estreita e o caminho também”. Não se vestir e não se comportar como as pessoas “do mundo”³ denota essa diferença promovida pelo Espírito Santo, assemelhando-se àquele aspecto dos rituais das manifestações religiosas em que o sofrimento se torna em cura, transformação.

Procurei situar a conversão das pesquisadas em diferentes contextos, já que ela é não apenas um processo, mas também uma negociação, em que as mulheres vão ponderando se vale a pena abrir mão de certas coisas para adquirir outras. Pode ser que algumas abram mão de certa sensualidade para ter maior segurança de ser uma “mulher de Deus”; pode ser que outras criem mecanismos para agenciar a sensualidade e obter triunfo estético sem ser vítima de censuras morais. Logo, a materialidade da conversão não é instantânea; mas um processo gradual, com idas e vindas, dependendo das circunstâncias.

No universo desta pesquisa, a resposta que obtive para esse cenário foi a de que é mais fácil para uma mulher casada se dispor a uma transformação no modo de vestir, pois já conquistou um marido. Para a solteira o processo ocorre de maneira mais lenta, por estar competindo no “mercado amoroso”, enfrentando grande concorrência. Esta competição é complexa, pois os homens desejam uma mulher que seja evangélica, mas também sensual.

Um informante declarou que “os homens buscam as duas coisas. O jovem principalmente busca uma mulher de Deus, mas ele busca uma mulher que atenda a esse padrão de beleza; ele quer as duas coisas associadas”⁴ – e na cosmologia evangélica há forte tendência a olhar a questão da sensualidade pelo lado dos limites. A principal discussão estética que se coloca para a evangélica contemporânea é:

³ “Do mundo” e “de Deus” são outras duas categorias-chaves para compreender a moralidade estética entre os evangélicos. Estas serão exploradas mais detalhadamente também no Capítulo 3.

⁴ Sérgio, 46 anos, Igreja Batista (Levantamento de campo, junho de 2015).

Quais são os limites? Como ser bonita sem deixar de ser identificada como uma “mulher de Deus”?

Os evangélicos creem que é possível ser bonita e sensual preservando limites que a estética não evangélica rompe. Não obstante, é interessante enfatizar que, tanto pela minha experiência de pesquisadora no campo quanto nas relações cotidianas, os homens – evangélicos e não evangélicos - declaram que quando está “tudo liberado” a sensualidade se torna banalizada e o desejo não aflora.

Quando há essa preocupação com os limites ocorre também um jogo com o imaginário e as fantasias masculinas são despertadas para o que pode haver além do limite. Esse jogo de sensualidade é ensinado às mais jovens não apenas pelas senhoras casadas e pastoras, mas também – e principalmente – pelas lideranças femininas de repercussão midiática e pelo mercado de moda evangélica nos ambientes físicos e digitais, que incentivam a evangélica a despertar o seu lado sensual com modéstia. Essa modéstia estaria traduzida em elementos como saias de comprimento até o joelho, calças mais ou menos retas, blusas de manga, pouco decote, vestidos discretos, mas todos eles mostrando as formas do corpo feminino. Não é uma provocação aberta – e nem pode ser - mas insinuação discreta, encenando e atendendo o duplo aspecto que o homem evangélico busca na parceira: sensualidade com discrição.

1.1

O campo etnográfico

Meu percurso pelas igrejas evangélicas iniciou em janeiro de 2015, a partir de uma pequena rede de amigos que indicaram alguns praticantes da religião. Com as incursões, impossível não ser atingida pelos *anthropological blues*, uma vez que muitos dos depoimentos remeteram à minha própria história de vida, pois dela mesma surgiram as motivações que me impulsionaram a analisar, a partir do ponto de vista nativo, qual seria a roupa “adequada” à evangélica, e como essas mulheres apreendem o sentido daquilo que seja um vestuário decente e modesto. Desde o início da investigação, os dados do campo privilegiavam o tema da distinção e a questão moral no vestuário. Mas em quais elementos sutis estaria essa diferença nas

vestes da mulher evangélica? Havia, então, uma problemática propriamente estética a ser explorada empiricamente.

Após as dez primeiras entrevistas fiz uma pequena análise e percebi que os discursos começavam a apresentar falas redundantes e pouco nebulosas. Com o intuito de explorar o problema estético e aprofundar as respostas até então obtidas foi necessário alterar o escopo da pesquisa. Para tanto, modifiquei o roteiro de entrevistas procurando clarificar algumas categorias-chaves apresentadas pelos evangélicos - tais como “mulher de Deus” *versus* “mulher do mundo” - e iniciei a articulação com líderes de diferentes denominações que eu ainda não conhecia. A partir de então esses informantes começaram a apontar outros evangélicos para que eu os conhecesse. Assim foi-se ampliando o leque de observações.

Para fins de mapeamento do *dress code* da moda feminina evangélica dentro e fora dos templos, entre os meses de janeiro e novembro participei de cultos matutinos e noturnos em 16 correntes denominacionais⁵ na região metropolitana do Rio de Janeiro. Ademais, por ocasião de uma estadia em São Paulo durante um congresso acadêmico, aproveitei a oportunidade para obter uma perspectiva comparada realizando observações em dois imensos templos da Avenida Celso Garcia (Templo de Salomão e Assembleia de Deus – Ministério de Madureira) e no mercado de moda do Brás⁶⁷, considerado o maior polo de moda feminina evangélica da região Sudeste.

⁵ O quadro composto pela descrição do perfil de entrevistados e correntes evangélicas mostra que as denominações observadas mais são as mais conhecidas e tradicionais entre o público geral, além de duas outras que podem ser categorizadas como “alternativas” ou “inclusivas”. Todavia, esse número somente extrapolou a ordem de 10 correntes porque as igrejas neopentecostais visitadas são independentes (não filiadas a uma ordem regional ou nacional) e cada uma delas possui seu costume e sua linha de identificação.

⁶ A região do Brás abriga quatro dos maiores templos evangélicos do país – Templo de Salomão, sede nacional da Igreja Pentecostal Deus é Amor; sede paulistana da Assembleia de Deus Ministério de Madureira; e sede nacional da Congregação Cristã do Brasil. Antes considerado como um distrito essencialmente católico, a rápida expansão do protestantismo nos últimos 15 anos comprova que o catolicismo vem perdendo espaço nessa região. Uma explicação possível para o crescimento de tantas igrejas evangélicas na região do Brás está na localização facilitada pelo acesso ao transporte público como a estação Bresser-Moooca no metrô e as linhas de ônibus que ligam aos terminais onde é possível chegar a diversos pontos da cidade, o que possibilita agregar nesses templos pessoas de qualquer parte da metrópole paulistana. Este cenário teve como um dos resultados o aumento da oferta de lojas para atender as linhas de vestuário das fiéis. Durante a visita ao mercado do Brás pude constatar que as vitrines especializadas para o segmento evangélico ainda mantêm o ritmo, sobretudo aquelas que buscam atender ao público feminino mais conservador, mesmo diante da atual crise econômica.

⁷ No Capítulo 3 detenho-me sobre a expansão do protestantismo no Brasil e exponho alguns reflexos – diretos e indiretos – que este fenômeno causou na mudança do olhar sobre a moda feminina evangélica.

A escolha de explorar o comércio de moda evangélica paulistano ocorreu porque em minhas incursões no Rio de Janeiro não encontrei uma oferta grande de lojas específicas para a mulher evangélica. Somente na zona Oeste da cidade encontrei algo semelhante, mas também em números muito pequenos. Achei o fato curioso, pois na metrópole carioca há uma diversidade exponencial de denominações protestantes, o que me fez acreditar, a priori, que poderia haver um bom número de lojas específicas para esse público. Foi então que dois informantes - o dono de uma confecção e uma pastora paulistana – esclareceram-me que algumas marcas voltadas para as evangélicas do Rio compravam para revender peças das lojas de varejo e atacado dos mercados populares de São Paulo, sobretudo o do Brás. Por isso a curiosidade em conhecê-lo.

O material etnográfico contém um caderno de campo e arquivos audiovisuais, composto por 590 fotografias e 35 entrevistas gravadas com mulheres, homens e lideranças pastorais. As visitas aos templos e entrevistas no Rio de Janeiro foram realizadas em diferentes bairros de classe D, C e B⁸ das zonas Sul, Oeste e Centro, da Baixada Fluminense e de Niterói:

- o Zona Sul – Flamengo, Leblon, Gávea;
- o Zona Centro – Santa Teresa, Catumbi, Bairro de Fátima;
- o Zona Norte – Tijuca, Freguesia, Bonsucesso;
- o Zona Oeste – Barra da Tijuca, Recreio, Santa Cruz, Santíssimo, Taquara;
- o Niterói – Charitas, Itaipu, Pendotiba;
- o Baixada – Coelho da Rocha, Éden, Jardim Meriti, Vilar dos Teles.

O universo amostral é composto por donas de casa e profissionais de diferentes categorias, como advogados, engenheiros, profissionais da área da saúde,

⁸ Este trabalho utiliza a definição sociológica de classe adotada pelo IBGE e outros órgãos de pesquisa em variáveis sociais, subdivididas em classes A, B, C, D e E. Todavia, é importante ressaltar que as instituições de pesquisa em mercado adotam outro critério de mensuração dessas variáveis. A ABEP – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, órgão regulador das empresas de pesquisa em mercado, opinião e mídia – adotou, a partir de 2010, uma nova classificação para expressar o movimento da sociedade de consumo contemporânea. Com a “função de estimar o poder de compra das pessoas e das famílias urbanas, abandonando a pretensão de classificar em termos de classes sociais” (ABEP, 2016, p.3), a ABEP distribui as famílias ou domicílios pesquisados nas seguintes categorias: A, B1, B2, C1, C2 e D-E. Este se constitui no critério revisto e atualizado entre os anos 2015/2016 com base na Pesquisa de Orçamento Familiar (POF/IBGE), a fim de adaptar-se à nova realidade das famílias brasileiras.

Cf. ABEP. Critério de Classificação Econômica Brasil 2016. Disponível em <http://www.abep.org/criterio-brasil>. Acesso em 13 mai. 2016.

professoras(es) e executivas(os). A Tabela 1 e a Tabela 2 apresentam o perfil dos colaboradores⁹ e a classificação de suas respectivas denominações¹⁰.

Tabela 1 – Perfil das evangélicas entrevistadas e denominações

MULHERES						
Nome	Idade	Estado civil	Grau de Instrução	Profissão	Denominação	Classificação
Vivian	32	Solteira	Superior/ Doutorado	Farmacêutica e professora	Igreja Batista	Histórica
Luana	33	Casada	Superior/ Pós- graduação	Assistente social	Igreja Presbiteriana	
Bianca	23	Casada	Nível Médio	Técnica em eletrônica	Igreja Batista	
Jéssica	33	Casada	Superior/ Mestrado	Professora e pedagoga	Igreja Batista	
Andrea	55	Casada	Superior	Pedagoga	Assembleia de Deus	Pentecostal
Nádia	55	Casada	Nível Fundamental	Do lar	Assembleia de Deus	
Rosa	54	Casada	Nível Médio	Do lar	Assembleia de Deus	

⁹ Utilizo nomes fictícios como forma de preservar a identidade dos entrevistados. Em relação aos pastores e à missionária Etienne Amorim, da ADUD (ambos sinalizados no quadro com asterisco *) apresento seus nomes reais, visto que eles são figuras públicas e já relativamente conhecidas na cena evangélica carioca.

¹⁰ Os grupos evangélicos são divididos em quatro categorias, adotadas atualmente pelo IBGE para fins de recenseamento e produção de demais dados estatísticos. São elas: a) **históricas ou evangélicas de missão**: originadas a partir da Reforma Protestante ou em períodos bem próximos a ela. Representantes desse segmento são as igrejas Luteranas, Presbiterianas, Anglicanas, Batistas, e Metodistas; b) **pentecostais**: englobam as que tiveram início no reavivamento e nas experiências místicas com o Espírito Santo no primeiro quartel do século XX nos Estados Unidos; c) **neopentecostais**: são oriundas do pentecostalismo originalmente brasileiro, com ênfase na teologia da prosperidade. Fundadas a partir de uma nova cosmologia das experiências místicas com o sagrado, ou mesmo a partir de cismas entre as igrejas históricas, as denominações neopentecostais surgiram nos anos 1960, bem após a inserção do pentecostalismo de tradição norte-americana; d) **novas matrizes evangélicas**: são as igrejas que não se enquadram nas classificações acima, caracterizadas pela interpretação e vivência do cristianismo de maneira mais flexível, e também por incluir em seu rol de membros pessoas frequentemente identificadas como *outsiders* pelas igrejas evangélicas comuns, tais como homossexuais, metaleiros, tatuados, hippies, entre outros. Para fins deste trabalho, classifico as igrejas de costume mais flexível como “igrejas alternativas”.

Fontes: MENDONÇA, A. G.; FILHO, P. V. “Configuração institucional do protestantismo no Brasil”. In: Introdução ao protestantismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 2002, pp. 17-20. / Caderno de campo, julho de 2015. / Diálogos Políticos, “Conheça as diferenças entre os grupos evangélicos”. Disponível em <https://dialogospoliticos.wordpress.com/2009/11/05/conheca-as-diferencas-entre-os-grupos-evangelicos-tradicionais-pentecostais-e-neopentecostais/>. Acesso em: 20 dez. 2015.

MULHERES						
Nome	Idade	Estado civil	Grau de Instrução	Profissão	Denominação	Classificação
Sofia	28	Solteira	Nível Médio	Professora infantil	Assembleia de Deus	Pentecostal
Clara	30	Casada	Superior	Advogada	Cristã Maranata	
Verônica	31	Casada	Superior	Fisioterapeuta	Cristã Maranata	
Cibele	29	Casada	Nível Fundamental	Vendedora	Assembleia de Deus	
Denise	49	Casada	Superior/ Pós-graduação	Pedagoga / Diretora de creche	Assembleia de Deus	
Sueli	55	Solteira	Nível Médio	Taxista	Adventista do Sétimo Dia	
Heloísa	58	Viúva	Nível Médio	Técnica de enfermagem	Congregação Cristã do Brasil	
Etienne*	57	Casada	Nível Médio	Missionária	Assembleia de Deus dos Últimos Dias - ADUD	
Rosilene	44	Casada	Nível Fundamental	Do lar	Igreja Universal do Reino de Deus	Neopentecostal
Alice	37	Solteira	Nível Médio	Vendedora autônoma	Igreja Cristã Renovada em Cristo Jesus	
Antônia	53	Casada	Nível Fundamental	Do lar	Igreja Cristã Renovada em Cristo Jesus	
Rute	48	Solteira	Nível Médio	Do lar	Igreja Cristã Renovada em Cristo Jesus	
Elisa	52	Casada	Superior	Enfermeira	Mundial do Poder de Deus	

MULHERES						
Nome	Idade	Estado civil	Grau de Instrução	Profissão	Denominação	Classificação
Raquel	58	Casada	Superior/ Pós- graduação	Secretária executiva	Igreja da Lagoinha	Alternativa
Thaiane	27	Casada	Superior/ Pós- graduação	Educadora física	Metanoia Underground	
Irene Marrafa	Publicitária e proprietária de um sexshop no centro do Rio de Janeiro (que atende evangélicos das classes C e B)					

Fonte: Levantamento de campo (2015).

Tabela 2 – Perfil dos evangélicos entrevistados e denominações

HOMENS						
Nome	Idade	Estado civil	Grau de Instrução	Profissão	Denominação	Classificação
Alberto	54	Casado	Superior/ Doutorado	Filólogo e professor	Igreja Batista	Histórica
Sérgio	46	Casado	Nível Médio	Vendedor	Igreja Batista	
Maurício	56	Solteiro	Superior/ Mestrado	Executivo	Igreja Batista	
Rúben	52	Casado	Superior/ Doutorado	Engenheiro	Igreja Presbiteriana	
Marcelo Moraes*	40	Casado	Superior	Engenheiro	Igreja Batista	
André Jardim*	25	Casado	Superior	Educador físico	Igreja Batista	
Wagner Bastos* (Waguinho)	50	Casado	Nível Fundamental	Músico	Assembleia de Deus dos Últimos Dias	Pentecostal
Gerson	55	Casado	Nível Médio	Segurança patrimonial	Assembleia de Deus Restaurador de Roturas	Neopentecostal
João	58	Casado	Nível Médio	Autônomo	Igreja Cristã Renovada em Cristo Jesus	
Valmar	41	Casado	Superior	Educador	Base	Alternativa

HOMENS						
Nome	Idade	Estado civil	Grau de Instrução	Profissão	Denominação	Classificação
Neves*				físico	Missionária PinGODágua	
Fabiano Bispo*	35	Casado	Superior	Publicitário	Igreja da Orla	
Rodrigo Coutinho	Proprietário de uma confecção de moda feminina evangélica na zona oeste do Rio, membro da Igreja Metodista em Campo Grande.					

Fonte: Levantamento de campo (2015).

Em muitas igrejas pude notar que alguns códigos estéticos estão ligados ao funcionamento do próprio grupo ou são da ordem de uma liturgia. Sobretudo nas denominações pentecostais e neopentecostais, a configuração específica do lugar demanda certos modos de engajamento corporal, reforçando e naturalizando padrões de ação e interação com base em diferenças de posição, classe, geração etc. Do mesmo modo, as disposições corporais nessas igrejas envolvem a prática habitual de um conjunto de técnicas e posturas que traduzem a dimensão corporificada da cultura e da moral protestantes.

Outro dado importante é que diversas vezes minha figura foi utilizada como ponto de referência para fundamentar o discurso de alguns informantes. No caso dos homens, eles apontavam em meu aspecto exterior alguma peça (roupa ou adereço) para ilustrar um gosto que eles consideravam interessante e agradável. Em relação às mulheres, as mesmas citavam algum elemento do meu vestuário para exemplificar aquilo que consideravam reprovável. Esse fenômeno foi mais recorrente entre as evangélicas mais ortodoxas, conforme este exemplo extraído de um diálogo com uma senhora¹¹ da Assembleia de Deus, em que ela me pergunta:

Você é casada?

- Não.

Quando você casar, o teu marido vai dizer assim pra você: “Rita, eu não gosto que você use essa blusa baby look. Acho que não fica bem em você”. Você vai obedecer, não é? É a obediência! Não tem nada a ver com uma imposição – é uma obediência. Aí você pra agradar teu marido, pra não criar contenda, você não vai mais usar essa blusa baby look. Entendeu?

¹¹ Rosa, 54 anos (Levantamento de campo, janeiro de 2015).

Outra entrevistada¹², da Congregação Cristã do Brasil, se utiliza da minha aparência para afirmar:

Imagina se uma evangélica vai se vestir assim, vir pra igreja assim, com esse batom vermelho e esse colar no pescoço? Isso não existe. Quem faz a obra, minha filha, é o Espírito Santo. Não é obra do homem, de ancião, de cooperador nem nada – é o Espírito Santo de Deus.

Sobre a permanência no campo, percebi que houve maior receptividade nas igrejas pentecostais e alternativas, tanto que em algumas delas estive mais de uma vez e fui convidada a participar de jantares nos salões nobres do templo. A identidade de pesquisadora também ajudou, pois ao citar que era mestranda em comunicação social a maioria identificou-me como “a jornalista da PUC que veio conversar com a gente”, então as pessoas se sentiram importantes nesse aspecto. Mulheres e homens dessas denominações demonstram-se mais abertos e acessíveis¹³. Também percebi neles uma vontade maior em falar sobre o tema, visto que muitas entrevistas que fizemos duraram cerca de uma hora e meia a três horas. Há entre eles uma presença forte do sentimento de coletividade. Portanto os mecanismos de individualização pareceram-me relativamente diluídos – ao contrário dos batistas e demais integrantes das igrejas históricas, que aparentaram um perfil mais individualista. Quanto mais nobre o bairro e a igreja, maior parece ser a presença do individualismo.

De maneira geral, os depoimentos demonstraram sobejamente que houve uma sensível transformação (o mesmo sob nova forma) no vestuário feminino evangélico a partir da virada do século XX para o XXI. Ao aprofundar em que momento houve essa transformação e o que contribuiu para isso acontecer, os entrevistados atribuíram esse fenômeno em grande parte à intenção das igrejas de absorver mais fiéis ao abrir mão de certa rigidez em seus usos e costumes. Também se referiram ao fato de as cantoras gospel, com sua estética contemporânea, terem influenciado muitas evangélicas a adotarem outro perfil de vestuário e novas maneiras de apresentação e cuidado de si.

¹² Heloísa, 58 anos, (Levantamento de campo, julho de 2015).

¹³ Importante relatar que as ferramentas de bate-papo Messenger (Facebook) e WhatsApp foram de grande auxílio para estabelecer uma proximidade com meus interlocutores. A abordagem inicial para agendar as entrevistas foi feita por telefone (geralmente eu ligava para o celular da pessoa em questão), e em certos momentos isso ocorreu mais de uma vez. A partir de então eu iniciava paralelamente uma abordagem virtual, adicionando os interlocutores no FB e Wpp e tendo com eles rápidas conversas nesses canais. Quando eu chegava para fazer a entrevista ou a observação eles me recebiam com muito mais naturalidade, pois a interação prévia contribuiu para tanto. Com a maior parte dos informantes o diálogo por meio desses canais continuou após a visita, o que também possibilitou aprofundar questões não colocadas em algumas entrevistas.

O que a descrição etnográfica traz é uma elucidação do fato de que os evangélicos são heterogêneos, como heterogênea é a sociedade brasileira, e que o universo protestante tem visões muito mais diversificadas do que a agenda exclusivamente moralista que estamos acostumados a ver e ouvir nos ambientes midiáticos. Embora sejam todos irmãos de fé, nem todos compartilham da mesma opinião no que tange ao vestuário feminino. Analisar os usos de performatividade, *embodiment* (entendido como incorporação, personificação, representação) e agenciamentos morais do corpo foi uma maneira encontrada para mostrar que o evangélico não fala em nome de todos. Mesmo as lideranças religiosas entrevistadas não se apresentam como porta-vozes de todos os protestantes, já que reconhecem que esse segmento é extremamente plural.

1.2

Sobre o método de pesquisa

O exercício do trabalho de campo e da observação participante como principal estilo de coleta de dados está relacionado a uma modalidade de investigação antropológica que privilegia as concepções e imagens que o grupo escolhido constrói de si mesmo. No nosso caso a tentativa foi demonstrar como é vivenciada a experiência do corpo vestido feminino no contexto protestante. Embora o campo etnográfico ofereça uma boa amostra de dados para a análise do tema e construção de hipóteses, este método não completa todos os elementos necessários à pesquisa qualitativa. Sendo assim, além da abordagem empírica a partir de observações e entrevistas semiestruturadas, utilizei dados secundários – bibliográficos e digitais – e também outras fontes de dados primários - como anotações de campo, conversas virtuais e registros de *insights* do dia-a-dia, que estão se tornando cada vez mais comuns no campo de pesquisa das ciências sociais.

A análise de dados em ambientes digitais¹⁴ consistiu em um breve levantamento de reportagens jornalísticas retiradas das mídias impressa e eletrônica sobre o vestuário feminino evangélico que repercutiram entre os anos de 2014 e

¹⁴ Embora não tivesse havido tempo hábil para fazer um levantamento de filmes no YouTube sobre a pedagogia do consumo na moda evangélica, escolhi trazer para esta dissertação a análise realizada com um vídeo da pastora Ana Paula Valadão sobre o mesmo tema, detalhado no Capítulo 6, que foi essencial para despertar novos questionamentos sobre a moral evangélica e explorá-los empiricamente.

2015. Pesquisei também sobre os principais endereços de lojas de moda evangélica, blogs femininos evangélicos e seus perfis no Facebook com o auxílio da ferramenta de busca Google, organizando esses dados a partir dos próprios *trends* que a ferramenta oferece, isto é: os sites mais procurados aparecem categorizados como sendo de maior relevância, logo, podem ser visualizados nas primeiras páginas do dispositivo de busca. Foi interessante constatar que na maioria desses blogs femininos cerca da metade dos conteúdos é sobre a moda apropriada à mulher evangélica - o que, em termos de postagens e comentários, supera até os assuntos referentes à vida cristã e ao relacionamento com Deus.

As categorias discursivas coletadas em campo foram tabuladas no Excel e classificadas de acordo com a ordem de frequência em que aparecem nas falas dos entrevistados, de modo a produzir interpretações que pudessem dar conta, em alguma medida, do problema e das questões que motivaram a investigação. Do conjunto de fotografias, tentei dissecar as que chamavam mais atenção nos signos que as compunham (decomposição) e transformar, a partir desses signos, cada uma delas em uma pequena narrativa que situasse a foto no contexto em que ela foi capturada, incluindo minhas observações e hipóteses (recomposição).

Os diálogos presenciais com o orientador foram todos documentados, bem como as conversas e reflexões via e-mail organizadas e dispostas neste trabalho. Minhas elucubrações do dia-a-dia também foram registradas no caderno de campo ou no gravador e transcritas de modo mais elaborado e organizado para o computador¹⁵, tornando-as praticamente prontas a serem incorporadas ao texto final. Isto facilitou grandemente a organização mental de minhas ideias quanto aos discursos dos entrevistados e a transposição dos mesmos para a dissertação.

As muitas leituras de clássicos sobre a teoria do juízo estético, performatividade/materialidade através das roupas e individualismo no mundo contemporâneo contribuíram para a construção de olhar e sensibilidade armados pela teoria. Tais leituras orientaram a entrada e saída de minha posição dupla enquanto ao mesmo tempo observadora e nativa.

¹⁵ Agradeço às antropólogas Carolina Pucu, Maria Isabel M. Almeida e Fernanda Eugenio, que me apresentaram este método de pesquisa subjetivo e funcional quando fui estagiária no Centro de Estudos Sociais Aplicados (Cesap-UCAM) por ocasião da pesquisa “Profissionalização da criatividade, criativização da Profissão: jovens, construção de si e horizontes profissionais”, em 2009 e 2010. Gratidão na mesma medida ao oceanógrafo Davi Carioni, grande parceiro em aventuras etnográficas nos tempos de consultoria ambiental, o qual foi meu grande mestre no artesanato intelectual da pesquisa qualitativa, desde as observações até a tabulação e consolidação dos dados primários.

Todas essas etapas serviram para a construção da hipótese principal desta pesquisa, qual seja: o impacto da distinção a partir do vestuário é mais forte nas denominações ortodoxas e nas camadas populares. À medida que se ascende socialmente, essa distinção pelo vestuário se dilui, praticamente desvanece. Entretanto, o aspecto distintivo aparece em outros códigos mais sutis: comportamento, fala, modéstia, "brilho do Espírito Santo", tons de maquiagem ou esmalte, condutas morais ou éticas etc., e até mesmo em características como generosidade e amabilidade. É a partir desses elementos que os evangélicos se identificam entre si e por meio desses componentes conjugados ao vestuário uma mulher evangélica pode ser identificada pelos de fora e por seus semelhantes.

1.3

Organização da dissertação

A dissertação está organizada em seis capítulos e algumas considerações finais. Após esta introdução, na qual apresentei os elementos gerais do trabalho, o Capítulo 2 traz os referenciais teóricos para pensar o juízo estético em perspectivas transversais, utilizando reflexões oriundas da filosofia kantiana e da sociologia de Pierre Bourdieu. Em seguida, no Capítulo 3, apresento as variáveis quantitativas sobre o segmento evangélico e a expansão do protestantismo no Brasil, e também algumas exposições teóricas sobre a cosmologia do vestuário feminino para este público, estabelecendo um percurso pelas principais categorias de pensamento presentes nos discursos dos informantes e seus modos de apreensão em termos de capital cultural.

No Capítulo 4 tento compreender qual é a influência do espaço religioso e de experiências subjetivas na construção de performances e materialidades estéticas, conjugadas às demandas de categorias e preceitos morais apresentados pelas evangélicas entrevistadas. A questão da distinção é abordada de acordo com as estratégias de individualização face à moralidade protestante, o que permite avaliar de que maneira é possível, para as mulheres, ponderar o gosto estético dentro da tradição religiosa.

O Capítulo 5 faz um trajeto sobre a centralidade do olhar ao vestuário feminino a partir de uma perspectiva comparada, relatando os mecanismos de

vigilância dentro e fora do circuito religioso, as interpretações masculinas sobre o vestuário das protestantes e as implicações dessas subjetividades no plano das relações afetivas. No Capítulo 6 exponho o mercado da moda feminina evangélica, algumas estratégias de normatização do vestuário disponíveis e a pedagogia das práticas de consumo vigentes nos ambientes e interações digitais. Também pontuo brevemente em que medida a moralidade estética no universo evangélico atinge até mesmo a esfera privada, com o uso da moda íntima.

Nas considerações finais trago uma (in)conclusão sobre os conceitos abordados, visto que essa temática merece investigações mais amplas que relacionem o *habitus*, o juízo de gosto e a sensibilidade estética protestantes. Entretanto, apresenta-se como evidente que o significado sociológico da vestimenta, dos julgamentos estéticos e da performance da evangélica remetem simultaneamente tanto para o estímulo à igualdade como à distinção. A partir da sólida base dos costumes religiosos, elas se esforçam por alcançar uma relativa individualização e uma relativa distinção da personalidade individual que estejam dentro de seus limites sociais. A moda evangélica oferece a elas precisamente essa combinação: por um lado, a participação geral, a moda nas correntes sociais mais amplas; por outro, a distinção, a ênfase, o adorno individual da personalidade.

Juízo estético em perspectivas transversais

Immanuel Kant (1724-1804) teve um papel relevante na história da Filosofia Estética, ao criar um paradigma referente ao subjetivismo em relação ao *belo*. A tarefa da *Crítica da Faculdade do Juízo* (2008 [1793]) de Kant foi detectar a presença de uma faculdade de julgar *a priori*, e o exame de gosto nela é compreendido de um ponto de vista transcendental. Para ele, o belo apraz desinteressadamente, e tal fenômeno só é possível porque na base do juízo estético encontra-se um jogo de ambas as faculdades de conhecimento – imaginação e entendimento – livre de todo interesse individual. Estas faculdades em harmonia uma com a outra provocam uma espécie peculiar de prazer que não consiste na satisfação de uma necessidade sensível.

Entretanto, mesmo que a experiência genuinamente estética, para o filósofo, esteja relacionada ao valor sublime do objeto, será que o sentimento estético poderia ter alguma relação com o sentimento moral? Talvez a resposta básica de Kant à questão relacionada com os obstáculos epistemológicos da experiência estética seria que os seres humanos possuem um entendimento discursivo que depende da imagem. Como resultado, as necessidades invisíveis do homem têm de ser representadas através de algo visível (sensível).

Numa linguagem contemporânea, Kant diria que o olhar puramente estético implica uma ruptura com a atitude habitual em relação ao mundo que é por isso mesmo uma ruptura social. Seria uma recusa sistemática a tudo aquilo que os homens comuns experimentam em sua existência comum. Na estética sublime, rejeitar o “comum” significa rejeitar o genérico, o “fácil” e imediatamente acessível; é opor-se ao interesse pelo próprio conteúdo do objeto que leva a afirmar como belo as características que falam de modo mais imediato aos sentidos e à sensibilidade.

No entanto, o que se percebe hoje nas interações cotidianas é que não existe uma descrição neutra, imparcial e pura de um objeto. Este só adquire sentido e só tem interesse para quem é dotado do código segundo o qual o objeto é codificado. Em uma operação, consciente ou inconsciente, do sistema de esquemas de percepção e apreciação, o espectador desprovido do código específico sente-se submerso, “afogado” diante daquilo que lhe parece ser um caos de cores e linhas, de sons ou

ritmos. Logo, a possibilidade de passar da camada primária do sentido (com base na nossa experiência existencial) para a região do significado só ocorre se possuímos os conceitos que apreendem as características propriamente estilísticas do objeto.

Neste sentido, na obra *A distinção: crítica social do julgamento* (publicada originalmente em 1979) Pierre Bourdieu reinterpreta as concepções kantianas e desenvolve uma nova teoria sobre a disposição do gosto e dos julgamentos estéticos. Nela, o que Bourdieu nos mostra é que a experiência do prazer estético implica o acionamento de um patrimônio cognitivo e de uma competência cultural. Para ele, o “olho” é um produto da história reproduzido pela educação. Por conseguinte, “a percepção estética, enquanto é diferencial, relacional e atenta às diferenças entre estilos, é necessariamente histórica” (Bourdieu, 2013, p.11).

Segundo o autor, o gosto puro opera uma suspensão da adesão “naïve”¹⁶, que é a dimensão de uma relação quase lúdica com as necessidades do mundo, ao passo que os homens exigem, antes de tudo, que as representações sobre os objetos e as convenções que os regulam permita-lhes acreditar “naïvement” nas coisas representadas. Bourdieu defende que o desprendimento do olhar puro não pode ser dissociado de uma disposição geral em relação ao mundo. Há, então, uma completa inversão da disposição estética. O gosto classifica aquele que procede à classificação. Deste modo, a estética deixa de ser uma categoria puramente livre e desinteressada e passa a ser um elemento ético e moral.

A crítica que Bourdieu empreende ao conceito kantiano de desinteresse estético está contida na principal reflexão trazida pela obra *A Distinção*: a de que o desinteresse pode funcionar como distintas formas de dominação sobre as classes dominadas e como um legítimo marcador das posições de classe. Em outras palavras, desconsiderando a intenção do indivíduo, a retórica elitista de desinteresse perceptivo, como definido pela estética kantiana, cria a experiência de distinção social.

Este aspecto da distinção social está, segundo Bourdieu, carregado de um poder simbólico, cuja forma por excelência é o poder de fazer grupos, construir campos e demarcar espaços sociais. Enquanto um aspecto performativo, o poder simbólico possui uma autoridade social, que tem a característica de impor às outras mentes a visão de que “o grupo – classe, gênero, região, nação – só começa a existir enquanto tal, para os que fazem parte dele e para os outros, quando é distinguido

¹⁶ Adjetivo feminino de “naïf” – no francês, *ingénuo*.

segundo princípios do conhecimento e do reconhecimento” (Bourdieu, 2004a, p. 167).

Deste modo, compreende-se que o senso de distinção afirma-se nas inúmeras escolhas estilísticas que os grupos sociais fazem, tendo como princípio a preocupação de marcar a diferença dentro de um sistema de classificações, o qual é uma dimensão fundamental da luta de classes. O que ao longo de sua obra Bourdieu sinaliza é a denúncia da ideologia do gosto natural. Uma vez que procura naturalizar diferenças reais, “convertendo diferenças nos modos de aquisição da cultura em diferenças de natureza” (2013, p. 66), esta ideologia constitui-se em uma arte infinitamente variada de marcar as distâncias. Assim, para o sociólogo a crítica ao juízo estético de Kant revela uma peculiar relação social de diferença e posição de classe, considerada, nas palavras de Bourdieu (*Idem*, p. 460) como “o próprio símbolo da distinção filosófica”.

Neste capítulo busco compreender o conceito de juízo estético estabelecido por Kant e o princípio do desinteresse, e em seguida exponho a passagem dessa apreensão filosófica para a dimensão social da faculdade de julgar, materializada em um juízo de gosto informativo, sensível e moral. Apresentarei a crítica de Bourdieu ao juízo estético kantiano aplicada ao campo de análise do processo de distinção social. Com base neste referencial teórico, interpreto as subjetividades construídas sobre o vestuário feminino na cultura evangélica e o sistema de relações existente entre códigos estéticos e sentimentos morais.

2.1

A natureza do juízo estético puro em Kant: o desinteresse

Na filosofia crítica de Kant, a qualidade de um juízo estético se refere exclusivamente a contemplar aquilo que é belo e apraz por si próprio, sem interesse. Quando o belo apraz por si próprio, é exatamente por ser independente da matéria dos sentidos e de conceitos, e é nesse sentido que tal juízo, quanto ao momento da qualidade, é desinteressado. Um juízo é desinteressado quando o prazer ou desprazer nele não está ligado à representação da existência do objeto, mas apenas à forma desse objeto e/ou à ausência de forma do mesmo, que, por sua vez, é ajuizada na reflexão. Por sua vez, o filósofo entende que tudo aquilo que é moralmente agradável

está no universo dos juízos interessados. Mas, afinal, em que consiste ter interesse em alguma coisa? Kant define o conceito de “interesse” do seguinte modo:

[...] chama-se interesse a complacência que ligamos à representação da existência de um objeto. [...] um tal interesse sempre envolve, ao mesmo tempo, referência à faculdade da apetição, vinculando-se necessariamente ao seu fundamento de determinação. (2008, p. 52)

Para estabelecer a diferença entre uma satisfação pura e sem interesse e a satisfação interessada, Kant esclarece que o sentimento ligado à moralidade é dessa última espécie, na medida em que tal sentimento está envolvido num interesse de razão prática na realização de seu objeto que é o “bem moral”, ao sentimento de satisfação ligada ao bom como aquilo que é “estimado” e “aprovado”.

O que pretende dizer Kant pela palavra *interesse* é: “a constatação de uma relação de necessidade que liga o sujeito a seu objeto dispondo um em função do outro, seja este objeto um meio para um fim ou um fim em si mesmo” (Moraes, 2010, p. 155). O desinteresse diz respeito, então, a uma *não necessidade*, de modo que as questões dos fins e da utilidade sequer se colocam aí imediatamente.

Cada um tem de reconhecer que aquele juízo sobre beleza, ao qual se mescla o mínimo interesse, é muito faccioso e não é um juízo de gosto puro. [...] essa proposição se contrapõe ao comprazimento puro e desinteressado do juízo de gosto. Não se tem que simpatizar minimamente com a existência da coisa, mas ser a esse respeito completamente indiferente para, em matéria de gosto, desempenhar o papel de juiz. (Kant, 2008, p. 50)

Segundo a estética kantiana, é o desinteresse que torna possível a universalidade para o juízo estético, já que o caráter privado do interesse a impediria. O desinteresse tem a ver com a *suspensão da relação sujeito-objeto*, sem a qual não é possível haver qualquer interesse finalista. Manifestar desinteresse em termos estéticos kantianos não significa dizer que o objeto contemplado não tem qualquer importância ou que, numa linguagem de senso comum, seja “desinteressante”. A respeito da experiência estética, quando se fala em satisfação pura e desinteressada, diz-se que não está presente aquele tipo de interesse que tem a ver com as necessidades subjetivas do homem. Considera-se o objeto simplesmente por si mesmo, não por referência à sua utilidade para o todo social, nem o mesmo é subordinado a desejos sensoriais ou prescrições morais, políticas ou religiosas.

2.2

As condições sociais para uma crítica do julgamento estético em *A Distinção*

Ao longo dos anos 1970 Pierre Bourdieu empreendeu uma pesquisa sociológica fundamentada em uma nova concepção ao problema do julgamento estético, que traduz o capital simbólico a partir dos capitais social, cultural e econômico. Por meio dos estudos realizados para identificar nos sistemas de disposições características das diversas classes e frações de classes, Bourdieu demonstra ao longo de *A distinção: crítica social do julgamento* que os indivíduos e grupos se diferenciam pelos gostos e hábitos e que estes exprimem ou traduzem a história das posições desses elementos no espaço social.

Decifrar as características estilísticas e sociais é um dos aspectos da obra de Bourdieu. Neste sentido, “a referência a Kant [...] é um meio de radicalizar a crítica, colocando em todos os casos a questão das condições sociais de possibilidade da crítica” (Bourdieu, 2004b, p. 38). O sociólogo propõe contra Kant uma análise das condições de possibilidade do conhecimento e do julgar por meio do *lugar social* ocupado pelos atores, o que põe em jogo a própria crítica kantiana da faculdade de julgar, vendo-a como um expressivo objeto das posições de classe.

De acordo com as classes e contextos diversificados, o julgamento realizado sobre itens como vestuário, cardápio, decoração, preferências musicais e artísticas são produzidos pelas condições econômicas e sociais geradoras de dispositivos de distinção. Para Bourdieu o gosto diferencia as pessoas e atua como mecanismo de distinção, pois “o gosto efetivamente realizado depende do estado do sistema de bens oferecidos, de modo que toda mudança do sistema de bens acarreta uma mudança do gosto” (Bourdieu, 2013, p. 216). Esta dinâmica pressupõe aproximação e afastamento entre classes e frações de classes.

Bourdieu entende que esse conceito comporta, em sua expressão, um sistema de disposições que abrange as estratégias e as práticas sociais pelas quais a ordem social se materializa, tornando-a significativa e evidente à medida em que essas disposições são incorporadas e interiorizadas mediante um processo de interação social e em um contexto constituído historicamente. O gosto por algum cardápio ou por uma receita desenvolvida e passada de geração em geração, ou mesmo o modo

de se vestir, de pentear, de ir a um evento cultural, são *habitus*¹⁷, práticas socialmente percebidas, classificadas e reproduzidas. Bourdieu sustenta que esses hábitos de vida legitimados são reflexos do capital social unidos na relação estreita com o capital escolar, adquirido durante a formação educacional legitimada pelos diplomas emitidos pelas instituições escolares – escolas, universidades etc.

O sociólogo aponta que a utilização desses capitais, somados ao capital econômico que possibilita a apropriação de bens de consumo, dá origem à produção do capital simbólico e que o processo de aquisição, uso e consumo dos bens materiais e imateriais gera distinção de classes e grupos sociais e vice-versa. Sendo assim, o *habitus* de consumo de um bem recebe valor social pelo uso social a que é submetido.

O vestuário se apresenta na sociedade ocidental como um dos principais dispositivos de distinção, recebendo outros valores além do uso e de sua finalidade objetivas. Um casaco, por exemplo, acaba tendo outra finalidade além do seu objetivo técnico, que seria o de proteger o corpo humano e aquecê-lo. Passa a ter um valor simbólico, o de distinção perante as demais classes ou frações de classe; demonstra a diferenciação nos espaços em que circula e a aceitação ou rejeição em determinada posição social que detém as características semelhantes do capital simbólico almejado pelo casaco de luxo. Chamar a atenção por meio de elementos do vestuário é um dos padrões de solução simbólica da cultura. A moda se tornou uma competência individual administrável, entendida como “identidade portátil”. Não apenas como um conjunto aleatório de objetos, a moda se caracteriza hoje como resultado da manipulação de múltiplas significações pelo agenciamento humano corporal.

Em *A Distinção*, Bourdieu cita que “os objetos dotados do mais elevado poder distintivo são aqueles que dão melhor testemunho da qualidade da apropriação, portanto, da qualidade do proprietário” (2013, p. 263). Neste sentido, a estética das coisas do mundo, na perfeição com a qual desempenha sua função de representação, fica para além do simples fato de uso do bem, da apreciação. Está intrínseco, aí, o valor simbólico que essa representação estética reflete na realidade social vivenciada pelo sujeito que a consome.

Bourdieu pode mostrar que toda a linguagem da estética burguesa está restrita pela principal recusa do fácil, ao abandono da sensação imediata. A recusa do que é

¹⁷ No item 2.4 discorro mais detalhadamente sobre como a noção de *habitus*, enquanto saberes e práticas sociais incorporados, contribui para a definição dos sistemas de gosto entre os grupos sociais.

fácil, “barato”, no sentido de simples, portanto sem profundidade, fundamenta-se no princípio de que, se a decifração é fácil e culturalmente pouco custosa, não há como haver uma primazia do gosto ético e estético, uma vez que os prazeres oferecidos são imediatamente acessíveis (Bourdieu, 2013, p. 449). Não obstante, afirma o autor que as classes sociais projetam em relação à imagem a expectativa de que ela desempenhe uma *função*, manifestando em todos os seus julgamentos a referência explícita às normas da moral ou do decoro.

Entende-se que a apropriação de um vestuário específico gera a distinção perante as demais classes, legitimando-a, além de promover a acumulação de capital simbólico (ou perda deste). Para Bourdieu (*Ibidem*, p. 291), “o gosto encontra-se na origem dessas lutas simbólicas [...] baseadas nessa espécie de crença elementar que une cada agente a seu estilo de vida”. Portanto, as roupas constituem uma espécie de linguagem que carregam todo o significado da posição que o indivíduo ocupa na sociedade. Atualmente não representa mais uma classe social definida, mas é ainda uma forma de distinguir grupos e categorias sociais.

Os juízos de gosto e as tomadas de posição estéticas constituem oportunidades de experimentar ou afirmar a posição ocupada no espaço social como lugar a assegurar ou distanciamento a manter. Sabe-se que o modo de apropriação dessas tomadas de posição é uma manifestação simbólica cujo sentido depende daqueles que a percebem e daqueles que a produzem. Compreende-se então que a maneira de usar (ou de não usar) bens simbólicos constitui um dos marcadores privilegiados de classe e de fração de classe, sendo ao mesmo tempo o instrumento por excelência das estratégias de distinção.

2.3

A noção de *campo* como elemento das disposições perceptivas e demarcador do espaço social

Bourdieu analisa a relação entre as estruturas dos espaços social e físico de forma a evidenciar a importância do conceito de *distância social* para a teoria da distinção. Segundo o autor, os seres humanos e as coisas ocupam um lugar, tanto no espaço físico quanto no espaço social. O espaço físico remete a localização em escala

geográfica, e o espaço social indica uma posição, uma graduação em uma ordem, num sentido de distância e/ou distinção em relação às outras posições sociais.

No espaço social os agentes e grupos são distribuídos em função de sua posição de acordo com três princípios de diferenciação: o capital econômico, o capital cultural e o capital simbólico, que juntos formam o que Bourdieu chama de “capital global”. A partir do espaço social, seriam definidas as posições sociais dos agentes. Estas formariam seu *habitus* e este direcionaria suas tomadas de decisões. A posição social implica, portanto, um ajuste nas interações sociais do “senso de lugar” e a distância inscreve-se nas relações com o corpo, com a linguagem e com o tempo.

Essas relações objetivas são as relações entre as posições ocupadas nas distribuições dos recursos que são ou podem se tornar operantes, eficientes, na concorrência pela apropriação dos bens raros que tem lugar no universo social. Esses poderes sociais fundamentais são o capital econômico, em suas diferentes formas, e o capital cultural, além do capital simbólico [...]. Assim, os agentes estão distribuídos no espaço social global, na primeira dimensão de acordo com o volume de capital global que eles possuem, e, na segunda dimensão, de acordo com o peso relativo das diferentes espécies de capital econômico e cultural.

[...] o espaço social está construído de tal modo que os agentes que ocupam posições semelhantes ou vizinhas estão colocados em condições semelhantes e submetidos a condicionamentos semelhantes, logo, de produzirem práticas também semelhantes. As disposições adquiridas na posição ocupada implicam um ajustamento a essa posição, o que Goffman chamava de *sense of one's place*, que, nas interações, levam as pessoas a se manterem “modestamente” em seu lugar, e os outros a “guardarem as distâncias” ou a “manterem sua posição”, a “não terem intimidades”. [...] *De fato, as distâncias sociais estão inscritas nos corpos*, ou, mais exatamente, na relação com o corpo, com a linguagem e com o tempo. (Bourdieu, 2004b, pp. 154-155. Grifo meu)

Com tais afirmações, Bourdieu pretende chamar a atenção para a gramática do senso de lugar que se inscreve em um determinado campo. Neste sentido, o *campo* é considerado um espaço de forças e um ‘campo de lutas’, no qual os agentes atuam conforme suas posições para manter ou modificar sua estrutura, “levando em conta as probabilidades de conquista do poder e do prestígio como meios estratégicos que os produtores empregam na luta pelo poder” (Bourdieu, 2004a, p. 72). As estratégias práticas que exprimem os interesses estéticos e sociais, associados a uma posição no campo, são explicitamente orientadas por uma espécie de “vontade de poder”. Por isso, “as lutas que têm lugar no campo têm o poder simbólico como coisa em jogo: o que nelas está em jogo é o poder sobre um uso particular de sinais, e, deste modo, sobre a visão e o sentido do mundo natural e social” (*Ibidem*).

Dado que é o ser humano quem constrói o espaço social, os pontos de vista do sujeito constituem-se em visões tomadas a partir de um ponto, isto é, a partir de uma determinada posição no espaço social. Sendo assim, ocorre a possibilidade de

pontos de vista diferentes, e mesmo antagônicos, pois estes dependem do ponto a partir do qual são tomados, já que a visão que cada agente tem do espaço depende de sua posição nesse espaço¹⁸.

Ao propor esta análise Bourdieu refuta o “ego transcendental” do julgamento proposto por Kant, uma vez que os agentes têm uma apreensão ativa do mundo e constroem sua visão de mundo, mas essa construção é operada sob coações estruturais. Se o mundo social tende a ser percebido e apreendido segundo uma modalidade particular da doxa, da opinião, do senso comum, é porque as estruturas mentais dos agentes são, em essência, produto da interiorização das estruturas do mundo social. Assim, para Bourdieu não há formas invariantes de percepção, nem se observa um objeto desinteressadamente, pela “beleza que há em si mesmo”. Ao contrário, “as estruturas cognitivas também são socialmente estruturadas porque têm uma gênese social, e a construção da realidade social não é somente um empreendimento individual, podendo também tornar-se um empreendimento coletivo” (op. cit., p. 158).

Os significados dos objetos não impõem a evidência de um sentido universal. Eles variam segundo os esquemas de percepção, apreciação e ação produzidos em condições objetivamente observáveis das classes, as quais não são definidas apenas pela posição que ocupam nas relações de produção, mas também pelo conjunto de agentes que, situados em condições de existência análogas, produzem sistemas de disposições homogêneos, os quais originam práticas semelhantes. Significa, então, que é pelo *habitus* que se constitui o espaço dos estilos de vida, em cujo interior a distância da necessidade – possível de ser determinada pelos capitais econômico, simbólico e cultural - engendra o princípio das diferenças.

Para Bourdieu é no princípio da diferença que estão instaurados os sinais distintivos e os signos de distinção positivos e negativos. A disposição estética é uma dimensão da relação global com o outro, em que se exprimem os efeitos das condições particulares de existência. Ela contribui para o julgamento dos papéis representados pelos indivíduos, em que há uma inversão da lógica kantiana. A estética configura-se como uma escolha ideológica e como uma opção social de grupo, categoria, classe social e fração de classe. Sendo assim, só pode ser *interessada*. E o mundo social apresenta-se como sistema simbólico organizado segundo a lógica

¹⁸ Esse caráter das diferenças de posição no campo social fica bastante evidente quando dos discursos e interpretações dos nativos a respeito da moda feminina evangélica. A avaliação do que seja a modéstia no vestuário torna-se tanto mais flexível à medida em que se ascende socialmente, conforme propus na hipótese deste trabalho.

da diferença, do desvio diferencial, onde o espaço social tende a funcionar como um espaço simbólico de gostos e grupos de estatuto, caracterizados por diferentes estilos de vida.

2.4

O gosto e o senso de distinção como produtos de um *habitus*

Em *A Distinção*, a intenção primeira de Bourdieu é desmitificar a ideia de uma competência cultural inata e mostrar que o gosto não é algo natural, mas sim produto da educação e da luta de classes. Por isso “à hierarquia socialmente reconhecida dos estilos de vestuário, cardápio, música, arte, corresponde a hierarquia social dos consumidores e dos produtores. Eis o que predispõe os gostos a funcionarem como ‘marcadores privilegiados de classe’ ” (2013, p. 9). A percepção estética, nessa lógica, pode ser apreendida como algo histórico e socialmente produzido.

O senso estético aparece aqui como senso de distinção, na medida em que é tomado como dispositivo que passa a funcionar como justificativa ideológica da diferença. Assim, a disposição estética é a dimensão de uma relação distante e segura com o mundo e com os outros, que pressupõe a segurança da distância objetiva. No entanto, a disposição estética, bem como a postulação da diferença, são também expressões distintivas de uma posição privilegiada ou subalterna em um espaço social. Como toda espécie de gosto,

[...] o senso da distinção *une* e *separa*: sendo o produto dos condicionamentos associados a um grupo particular; a distinção *une* todos aqueles que são produto de condições semelhantes, mas distinguindo-os de todos os outros a partir daquilo que serve de base para classificar a si mesmo e pelo qual se é classificado. (Bourdieu, op. cit., p.60)

Importa aos homens reconhecerem o código e “enxergarem” aquilo que lhes é representado, enquanto a representação manifestar a função que uma coisa ou sujeito possui no seu cotidiano. Neste sentido, o juízo de gosto é a afirmação prática de uma diferença que um grupo, categoria ou classe manifesta exteriormente. Porém, essa diferença expressa pelo grupo não está dada de modo natural, mas construída por mecanismos subjetivos nas relações sociais, por um *habitus*.

Tal palavra traduz a noção grega de *hexis*¹⁹ utilizada por Aristóteles para designar características humanas adquiridas em um processo de aprendizagem. O *habitus* é um instrumento conceitual que pensa a relação, a mediação entre os condicionamentos sociais exteriores ao indivíduo e as subjetividades desses sujeitos. Rompendo com os paradigmas da filosofia do sujeito, que sustenta que indivíduo e sociedade sejam instâncias definitivamente polares, Bourdieu elimina essas oposições e afirma que o homem e o meio social estão intimamente ligados. O *habitus* é, ao mesmo tempo,

[...] um sistema de esquemas de produção de práticas e um sistema de esquemas de percepção e apreciação das práticas. E, nos dois casos, suas operações exprimem a posição social em que foi construído. Em consequência, o *habitus* produz práticas e representações que estão disponíveis para a classificação, mas elas só são imediatamente percebidas enquanto tal por agentes que possuam o código, os esquemas classificatórios necessários para compreender-lhes o sentido social. [...] Por exemplo, a propósito de uma roupa, de um móvel ou de um livro, nós dizemos: “Isso é coisa de pequeno burguês” ou “Isso é coisa de intelectual”. Quais as condições de possibilidade de um tal juízo? Em primeiro lugar, isso supõe que o gosto (ou o *habitus*) enquanto sistema de esquemas de classificação está objetivamente referido a uma condição social: os agentes se autoclassificam, eles mesmos se expõem à classificação ao escolherem, em conformidade com seus gostos, diferentes atributos que combinam com eles, ou, mais exatamente, que convêm à sua posição. Isso faz com que nada classifique mais uma pessoa do que as suas classificações. (Bourdieu, 2004b, pp. 158-159)

A interpretação do *habitus* faz compreender que todo e qualquer comportamento é construído socialmente. Até mesmo aquelas ações que parecem mais elementares não o são de fato. Tudo o que faz parte dos relacionamentos sociais é construído: “numerosos modos de pensamento e ação transmitem-se de prática a prática, por modos de transmissão totais e práticos, firmados no contato direto e duradouro entre aquele que ensina e aquele que aprende” (Bourdieu, 2004a, p. 22). O *habitus* é um saber social incorporado, implicando a inscrição do indivíduo em termos de capital social, cultural, econômico e simbólico. É uma adaptação, que realiza sem cessar um ajustamento ao mundo; ou seja, o *habitus* é uma subjetividade socializada ao mesmo tempo que subjetivação socializada.

¹⁹ Cf. “A gênese dos conceitos de *habitus* e de *campo*”. In: *O poder simbólico*, 2004a. Em *A Distinção*, Bourdieu também faz referência à noção de *hexis* proposta por Marcel Mauss, que pode ser entendida como “sensibilidades que variam não somente com os indivíduos e suas imitações, mas sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências, as modas, os prestígios. É preciso ver as técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, ali onde de ordinário se vê apenas a alma e suas faculdades de repetição.” (MAUSS, 2003, p. 404)

O autor aponta ainda que a ideia de gosto está estritamente associada a sistemas de classificação²⁰ dependentes dos meios econômicos e culturais suscetíveis de serem aí investidos, onde o corpo seria o principal portador de sinais e produtor de signos, única manifestação sensível da “pessoa”²¹. Tais sistemas de classificação engendram uma fisionomia moral, socialmente caracterizada e relacionalmente cultivada. Para Bourdieu, os sinais constitutivos do corpo percebido na sociedade burguesa são produtos de uma fabricação propriamente cultural, cujo efeito consiste em distinguir os grupos no que diz respeito ao grau de cultura, ou seja, de distância à natureza. O que se chama de apresentação – a maneira legítima de posicionar o corpo e de mostrá-lo - é espontaneamente percebida como um índice de conduta moral e de propriedades corporais que são apreendidas através dos sistemas sociais de classificação.

Assim, a teoria de Bourdieu postula que há uma razão para os agentes fazerem o que fazem, pela qual o *habitus* transforma uma série de condutas aparentemente incoerentes, arbitrárias, em uma série coerente, em algo que se possa compreender a partir de um princípio único ou de um conjunto coerente de princípios. O *habitus* é “um corpo que incorporou as estruturas imanentes de um mundo ou de um setor particular desse mundo, de um campo, e que estrutura tanto a percepção desse mundo quanto a ação nesse mundo” (Bourdieu, 1996, p. 144). O sociólogo postula que os agentes sociais não realizam atos gratuitos.

Relacionando o *habitus*, o juízo de gosto e a sensibilidade estética, pode-se dizer que a aparência exterior configura-se, quase sempre, como resposta à realidade da coisa representada ou às funções que a representação pode desempenhar. Para Bourdieu, “ao subordinar a forma e a própria existência da imagem à sua função, esta

²⁰ Sistemas de classificação podem ser entendidos como um conjunto de conceitos ou categorias de pensamento que utilizamos para perceber o mundo, através das quais distinguimos, separamos, opomos e hierarquizamos os objetos, as pessoas, os animais ou quaisquer entidades materiais ou imateriais com que interagimos (Cf. DURKHEIM; MAUSS, 2001). A questão das origens e das funções das categorias de pensamento tem ocupado de modo constante os pensadores ocidentais, da antiguidade clássica ao presente, acentuando as dimensões sociais, culturais e históricas das categorias. Na tradição sociológica, o problema da classificação foi primeiramente exposto por Emile Durkheim e Marcel Mauss em *Algumas formas primitivas de classificação* [“De quelques formes primitives de classification”], publicado originalmente em 1903. Neste trabalho Durkheim e Mauss observam que as faculdades de definir e classificar são traços essenciais da humanidade, tendo efetiva importância sob o ponto de vista das representações coletivas. Para os autores, eram as representações coletivas que gerenciavam o conjunto de imagens, conceitos e palavras que possibilitavam o ato classificatório, e as classificações seriam, portanto, expressões genuínas da sociedade que as elaborou.

²¹ Em Bourdieu a noção de pessoa é entendida como o *corpo socializado*, formado a partir das disposições adquiridas, as maneiras duradouras de ser ou de fazer que encarnam nos corpos (Cf. “O conhecimento pelo corpo”. In: *Meditações Pascalianas*, 1997, pp. 157-198; “O habitus e o espaço dos estilos de vida”. In: *A Distinção*, 2013, pp.162-211).

‘estética’ é necessariamente pluralista e condicional” (2013, p. 43). Como a imagem é sempre julgada com referência à função que desempenha para quem a observa, o julgamento estético assume a forma de um julgamento hipotético que se baseia no reconhecimento de gêneros e na atribuição de um uso social. Ou seja, transforma-se o princípio da apreciação proposto inicialmente por Kant em uma estética cujo interesse é informativo, sensível e moral.

Com esse argumento Bourdieu põe em discussão um dos maiores consensos contemporâneos: o de que “gosto não se discute”. Ao contrário, para ele o gosto não é uma propriedade inata dos indivíduos, nem intrínseca dos objetos. O gosto é produzido e é resultado de um feixe de condições materiais e simbólicas acumuladas no percurso de uma trajetória educativa. Sendo assim, o gosto é cultural e se adquire; mais do que isso, é resultado de diferenças de origem e de oportunidades sociais, e, portanto, deve ser denunciado enquanto tal. As distinções do gosto revelam sobretudo uma ordem social onde as diferenças de cultura de origem podem ser convertidas em diferenças entre o “bom” e o “mau” gosto. Uma permanente dinâmica de classificar hierarquicamente os segmentos sociais.

Evangélicos no Brasil e as características do juízo estético sobre o feminino

De acordo com Bourdieu (2004b, p. 121) a religião “contribui para o imperativo dos princípios de estruturação de percepção e de pensamento do mundo, e, em particular, do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e de representações”. Em todas as suas manifestações, a religião produz, conserva e garante um *ethos* e uma quantidade de significados que cada indivíduo tem acerca de sua experiência emocional, afetiva e espiritual. Estes tendem a ser reproduzidos nas ações diárias em meio a uma realidade social, que por sua vez é produto e produtora ativa do que ocorre nos demais campos.

Em perspectiva semelhante, ao falar da dimensão cultural da análise religiosa, Geertz²² entende que a religião denota um padrão de significados transmitidos historicamente, sendo “um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida” (Geertz, 1989, p. 103). A religião faz parte, portanto, deste padrão de significados por meio dos quais os fiéis podem se comunicar. No caso da cultura protestante, uma das esferas de comunicação é a educação ao corpo.

Em muitos casos a religião pode ser percebida como uma instituição educadora do corpo, pois, quando se adere a uma cultura religiosa, adotam-se seus símbolos morais e incorporam-se as condutas sociais consideradas coerentes por aquela instituição. Entre os evangélicos, embora se considere a alma como superior, é o corpo o lugar no qual se demonstra a experiência religiosa da transformação. O corpo expressa não somente a mudança individual provocada pela fé como mostra também algumas marcas de distinção frente ao não evangélico.

Isto só é possível porque os evangélicos pretendem possuir características referentes ao corpo diferentes das dos fiéis de outras religiões, sobretudo no que

²² Utilizo as contribuições de Clifford Geertz sobre a religião enquanto um sistema cultural no Capítulo 6, para falar da influência que a cultura religiosa evangélica exerce nas práticas de consumo de vestuário para as mulheres.

tange à estética. Entre as mulheres especificamente, cabelos longos, pouca maquiagem ou ausência da mesma e o uso frequente ou exclusivo de saias são algumas características que evidenciam a tentativa de moralização do corpo, criando desta forma uma identidade tipicamente religiosa.

Parto do pressuposto de que a religiosidade, “manifestação pessoal de fé em uma busca por experiências e valores que transcendam a dimensão material e corporal” (Bourdieu, 2004b, p. 122) contribui para o significado da existência e coordena a moralidade para os diferentes aspectos da vida e induzindo comportamentos. No caso do protestantismo, essa religiosidade é organizada e administrada por igrejas das mais diferentes denominações. Nelas se vivenciam, se experimentam e se moldam comportamentos e valores, tornando-os fontes de poder discursivo e comportamental, porque reproduzem princípios morais e éticos que norteiam e justificam as relações entre os indivíduos e entre estes e a coletividade.

Busco compreender quais elementos caracterizam o juízo estético sobre feminino no protestantismo e como determinadas categorias de componentes estéticos são designadas como marcadores distintivos dessas mulheres perante o não evangélico. O vestuário e a estética como um todo funcionam como componentes-chaves para compartilhar a moral religiosa e expor a experiência da transformação por meio da distinção.

3.1

Variáveis sociais para a compreensão do processo de formação das categorizações

Em referência às importantes transformações quantitativas e qualitativas no campo religioso brasileiro nas últimas décadas do século XX e início do XXI, verifica-se que os recenseamentos demográficos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelam a intensificação da expansão dos evangélicos no Brasil. Levantamentos do instituto (IBGE/CSE, 2012) mostram, pela primeira vez, uma queda em números absolutos da população católica face aos evangélicos nas últimas décadas. A mudança foi lenta entre 1872 e 1970, com perda de 7,9% de participação no total da população ao longo de quase um século; e tornou-se acelerada nos últimos 20 anos, quando a retração foi de 22%.

O censo de 2010 aponta que nos últimos 10 anos manteve-se estável a proporção de cristãos, o que indica tanto o aumento dos protestantes quanto uma migração de católicos para as correntes evangélicas e para outras religiões. O segmento dos sem religião também cresceu percentualmente, e chegou a 8% da população em 2010. O contingente de católicos foi reduzido em todas as regiões e se manteve mais elevado no Sul e no Nordeste. O Norte foi onde houve a maior redução relativa dos católicos. Por sua vez, os evangélicos somam 42.275.440 pessoas, constituindo cerca de 23% da população brasileira. Destes, a maior parte é ligada às denominações pentecostais e neopentecostais (Gráfico 1), evidenciando que a crescente expansão do protestantismo está diretamente relacionada com a difusão e a diversificação do pentecostalismo.

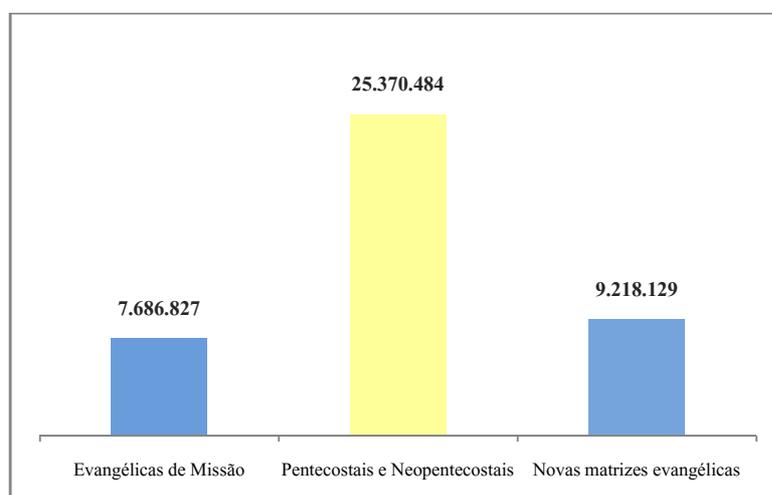


Gráfico 1 – População evangélica brasileira por categoria denominacional Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

De acordo com Machado (2005) 49% dos evangélicos identificados como pentecostais em 1980 ultrapassaram os chamados protestantes históricos nas duas décadas seguintes, visto que seus índices subiram de 67% em 1991 para 68% em 2000. O aumento do segmento pentecostal no país é puxado pela esteira das migrações internas nas regiões metropolitanas. Nesses locais, os evangélicos construíram igrejas nos hiatos da estrutura católica (Jacob, 2004). Nas periferias urbanas, com a ausência do estado e da Igreja Católica, os pentecostais atuaram como guias espirituais e como figuras centrais do assistencialismo, agregando fiéis “onde o catolicismo não tinha se preparado para arregimentar a nova população, e adaptaram a mensagem para diversos públicos” (*Idem*).

Em termos qualitativos, observa-se atualmente a crescente dificuldade das instituições tradicionais em regular e manter seus adeptos dentro dos limites seguros e estáveis de seus sistemas de crença, produzindo, conseqüentemente, a intensificação do trânsito religioso e da competição entre as igrejas e denominações. Ao analisar os dois maiores conjuntos religiosos – católicos e protestantes - sob a perspectiva geracional percebe-se a queda do catolicismo pelas linhas inclinadas para baixo (Gráfico 2). Analisando a mesma geração nos dois grupos, de 1950 a 2009 a taxa de participação no catolicismo diminuiu de 94,34% para 74,14%, com os evangélicos caminhando em direção contrária.

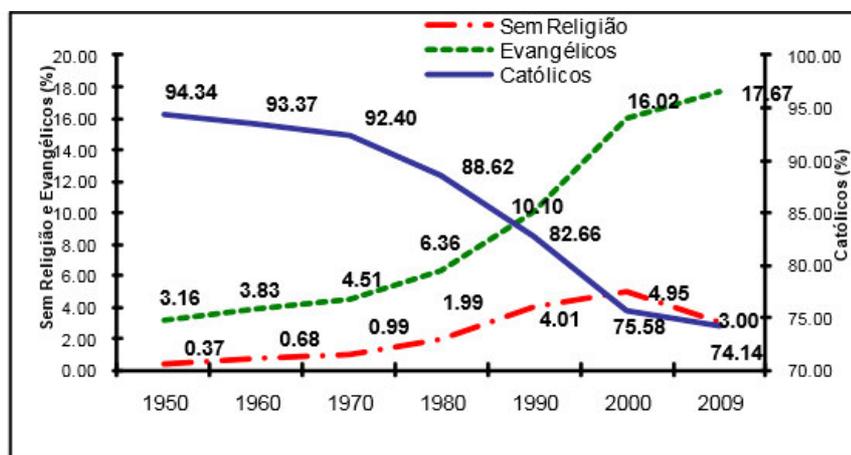


Gráfico 2 - Evolução das crenças no Brasil - 1950 a 2009.

Fonte: FGV/CPS (2001)

No Brasil, as correntes religiosas que possuem os maiores níveis de escolaridade e rendimento são o judaísmo e o espiritismo. Mais da metade (62%) dos judeus com mais de 25 anos de idade possuem nível superior completo, o maior percentual entre todas as denominações. A renda média per capita nessa população é de 5 a 10 salários mínimos, segundo o IBGE (2010). Já os espíritas contemplam, entre o total de adeptos, 98,6% de pessoas alfabetizadas, cujo grau de escolaridade concentra-se entre os níveis médio e superior.

Todavia, é interessante notar que em matéria de educação e de renda (Gráfico 3 e Tabela 3), os evangélicos em geral se caracterizam por níveis relativamente baixos de instrução e de remuneração, uma vez que possuem sobretudo o curso de alfabetização de adultos, o antigo primário e o primeiro grau e recebem até três salários mínimos. No universo desta pesquisa, os níveis de escolaridade e renda mais

altos estiveram concentrados entre os evangélicos oriundos de igrejas históricas e/ou das classes C-B e tendiam a diminuir à medida que caminhava à classe D.

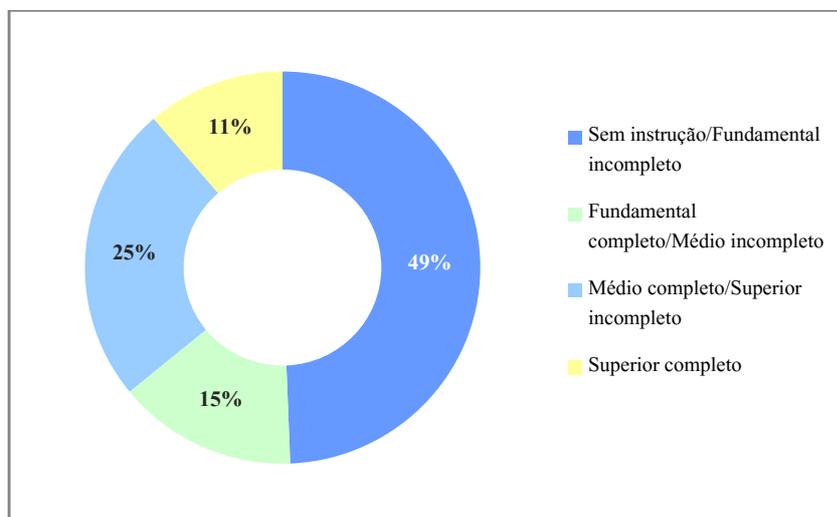


Gráfico 3 – População evangélica brasileira de acordo com o nível de instrução. Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Tabela 3 – População evangélica brasileira por categorias de rendimento

Salário mínimo	Históricas	Pentecostais	Outras denominações
Até 1/2	244 773	880 025	219 535
Mais de 1/2 a 1	801 902	2 811 546	953 653
Mais de 1 a 2	1 165 564	3 809 450	1 544 614
Mais de 2 a 3	428 817	1 083 734	505 531
Mais de 3 a 5	364 646	688 772	377 772
Mais de 5 a 10	260 797	352 524	256 018
Mais de 10 a 15	48 118	45 952	43 488
Mais de 15 a 20	33 950	29 853	32 192
Mais de 20 a 30	18 077	13 715	14 748
Mais de 30	11 418	9 691	9 336
Sem rendimento*	192 056	579 241	129 390

* Inclui aqueles que recebem somente benefícios. Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Quanto à faixa etária, a proporção de católicos é maior entre as pessoas com idade superior a 40 anos (17.241.358 seguidores). Segundo Jacob (2004), isso é decorrente de gerações formadas durante os anos de hegemonia católica. Quando se acompanha a perspectiva geracional da população evangélica, verifica-se que o nível

de participação é maior entre o público com idades de 30 a 59 anos (Gráfico 4) – que também consistiu na faixa etária de público-alvo desta pesquisa. No universo amostral dos dados de campo, esta informação pode ser consistente com a ideia de que as pessoas vão aderindo ao segmento protestante à medida em que avançam na trajetória de vida²³.

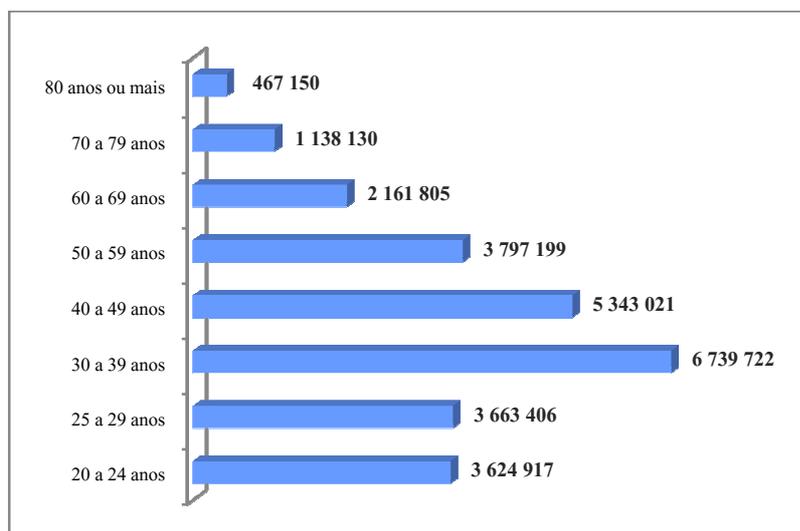


Gráfico 4 – População evangélica brasileira de acordo com a faixa etária. Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Outro fator importante é que os evangélicos se encontram entre os conjuntos religiosos que apresentam as maiores taxas de fiéis do sexo feminino (Gráfico 5), pois a proporção das mulheres (56%) é superior em 5 pontos percentuais à representação feminina na população brasileira (51%). O protestantismo atual é, portanto, uma religião majoritariamente feminina. Um exemplo desse aspecto observado em campo foi o de que nas denominações pentecostais visitadas – como Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil e Igreja Universal do Reino de Deus – a desproporção entre homens e mulheres mostrou-se maior do que a encontrada no conjunto dos evangélicos das igrejas históricas. Não obstante, o convívio social entre as evangélicas também se mostrou mais intenso nas igrejas pentecostais, talvez pelo fato de algumas delas não estarem inseridas no mercado formal de trabalho, o que as possibilitam doar mais de seu tempo à comunidade religiosa.

²³ Conforme demonstrado nas Tabelas 1 e 2 (Perfil das evangélicas e dos evangélicos entrevistados). O mesmo aspecto também pode ser observado nos depoimentos que aparecerão nos Capítulos 4 e 5, sobretudo nos discursos femininos que tratam do tema da conversão.

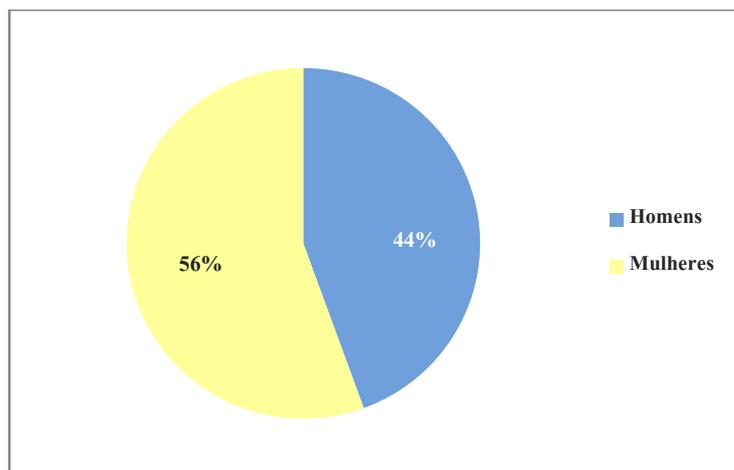


Gráfico 5 – Percentual de evangélicos no país segundo o sexo

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Pesquisas voltadas para a análise entre população economicamente ativa e religiosidade apontam o crescimento acentuado da participação das mulheres das camadas populares no protestantismo durante os anos 1990. Machado (2005) atribui a maior presença delas neste segmento por considerar que o movimento evangélico – em especial o pentecostalismo – tem reforçado a autoestima das mulheres, na medida em que permite a atuação destas nas mais diversas frentes de trabalho. Além de enfatizar a reflexividade e subjetividades no presente e de estimular a busca da prosperidade, o que certamente contribuiu para a superação de alguns níveis de segregações de gênero da cultura religiosa tradicional brasileira, fundamentada no catolicismo.

Tomando por base a perspectiva de gênero é possível crer que a opção de ingressar em uma igreja evangélica resulta de experiências diferentes de homens e mulheres. Segundo Machado (2005), nas justificativas para a adesão ao protestantismo as histórias de conversão masculinas revelam situações de desemprego, dificuldades financeiras e problemas pessoais na área da saúde. As mulheres quase sempre associam suas escolhas religiosas à (re)organização ou restauração dos núcleos familiares e à satisfação de suas necessidades materiais e espirituais. Enquanto os homens procuram a comunidade religiosa em situações que põem em ameaça a identidade masculina hegemônica, as mulheres se colocam como “guardiãs” da família e dos valores morais e religiosos.

As qualidades alocadas ao sexo masculino no sistema hegemônico de representações parecem distanciar os homens das prescrições religiosas de uma forma geral e, em especial, do *ethos* evangélico, enquanto os atributos femininos

favorecem as experiências das mulheres com o sagrado e os vínculos com a comunidade religiosa, como, por exemplo, a designação de mulheres para estarem à frente trabalhos de oração e ministérios feminino e infantil. Nesse sentido, a doutrina protestante enfatiza os valores associados à figura feminina – em especial a relação dialética entre os domínios exterior e interior. Um argumento utilizado por grande parcela das correntes evangélicas é a passagem relatada na epístola de 1 Pedro, cap. 3, versos 3 e 4:

O vosso adorno não seja o enfeite exterior, como as tranças dos cabelos, o uso de joias de ouro, ou o luxo dos vestidos, mas seja o do íntimo do coração, no incorruptível traje de um espírito manso e tranquilo, o que é de grande valor para Deus²⁴.

O trecho desta mensagem trata da questão da “verdadeira beleza”, que nasce do âmago e se manifesta em ações ditas “puras” e num espírito abnegado, em contraposição ao ‘falso eu’, adornado pelos enfeites exteriores. Deste modo, a aparência de uma mulher evangélica deve refletir, sobretudo, o ser interior. Entre os protestantes, ainda que as mulheres estejam inseridas em diversos campos da vida secular (família, trabalho, amigos etc.), suas roupas devem sinalizar a marca da diferença. Por essa razão, as evangélicas

devem se vestir *adequadamente*. Embora a Bíblia não contenha um encarte de modelos de roupas ou ilustrações de moda para nós, mulheres de Deus, seguirmos, a Palavra nos ensina princípios acerca deste assunto. E que princípios são estes? Honestidade, pureza, pudor, decência, modéstia e simplicidade. (Cardoso, 2013, p. 96) Grifo meu

O mercado fonográfico gospel constitui um importante exemplo para elucidar como a moralidade estética feminina era percebida no protestantismo até a virada do século 21. Os anos 1960 marcam o início da presença das mulheres no mercado musical gospel, sobretudo aquelas oriundas de denominações batistas, cujas igrejas possuem forte tradição musical. Nos anos 1980, com o surgimento da gravadora MK Publicitá²⁵ ocorre a ascensão de diversas cantoras evangélicas, o que possibilitou a apresentação delas em diferentes igrejas e programações evangélicas. A

²⁴ Bíblia Sagrada, tradução em português de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

²⁵ A MK Publicitá, antigo nome da atual MK Music, é a maior gravadora brasileira de música gospel, fundada em 1986 e pertencente ao Grupo MK de Comunicação. A marca já lançou mais de 400 obras fonográficas em diversos suportes e recebeu vários prêmios internacionais, como o Grammy Latino. A MK Music possui em seu *cast* cerca de 40 nomes e mais de 300 títulos disponíveis para a comercialização em diversos estilos - que vão do romântico ao sertanejo, passando pelo rock, o reggae, o dance, o hip hop e ritmos brasileiros. A própria empresa é responsável pela criação, distribuição e divulgação de todo o material que produz (da arte a campanhas publicitárias). Disponível em http://www.abpd.org.br/sobre_gravadora.asp?g=23. Acesso em: 07 mai. 2015.

aparência dessas cantoras (Figura 1 e Figura 2) materializava, em muitos aspectos, as características do perfil feminino nas igrejas protestantes daquele período.

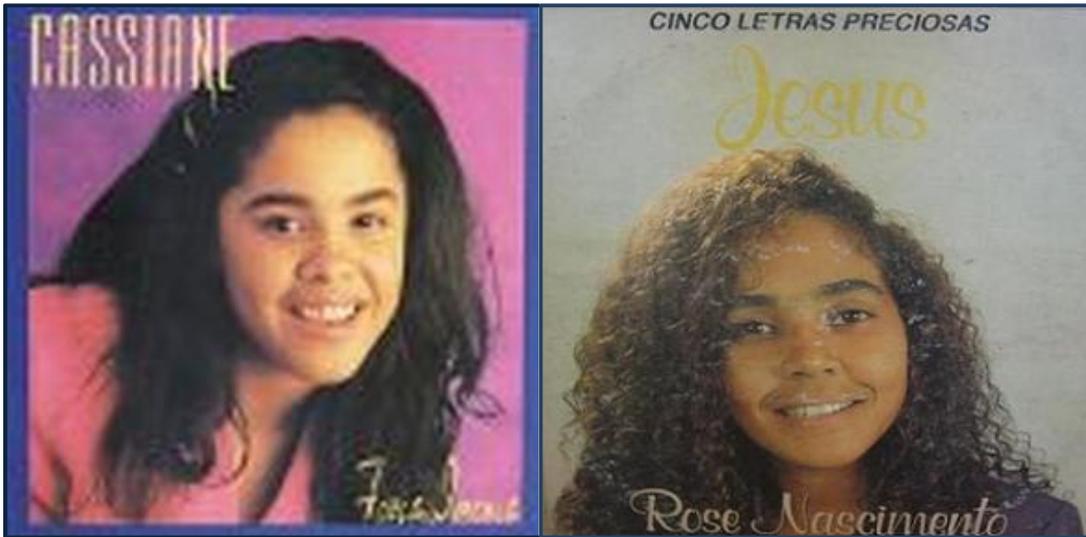


Figura 1 – Capa do LP *Força Imensa*, da cantora Cassiane (1993).

Fonte: iTunes, 2015²⁶.

Figura 2 – Capa do LP *Cinco Letras Preciosas – Jesus*, da cantora Rose Nascimento (1993). Fonte: Youtube, 2015²⁷.

O uso de cabelos longos, vestidos ou saias e o não consumo de maquiagens ou qualquer outro tipo de acessórios caracterizavam o modelo de mulher evangélica da época. Esse ascetismo de caráter distintivo simbolizava uma forma de resistir à imagem proibida de mulher “mundana”, mantendo o padrão estético estabelecido pela igreja e conservando sua identidade religiosa e seus valores morais.

Como reflexo das importações imagético-culturais inseridas no contexto musical do período, surge um conceito nos modelos de fotografia para LPs evangélicos: o close fotográfico (Silva, 2010, p. 30). Juntamente com este, o rosto torna-se fundamental. Segundo Le Breton (2007), o rosto é a parte do corpo onde se condensam os valores mais elevados e relevantes. A cristalização da identidade e o reconhecimento por parte do outro se iniciam por ele. “O rosto se altera, gera proximidade e intimidade, atrai e seduz. O rosto transparece os sentimentos e em variadas tradições é considerado um revelador da alma” (Silva, op. cit., p. 33). Neste

²⁶ Disponível em <https://itunes.apple.com/nz/album/forca-imensa/id484963976>. Acesso em: 11 mai. 2015.

²⁷ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=K2C1b-jWHqI>. Acesso em: 11 mai. 2015.

aspecto, o close do rosto retrata não apenas alguém, mas, sobretudo, esse ser simbólico.

Neste espaço em que a iconografia produzida no meio evangélico está sujeita, as capas de LPs como construção visual correspondiam à negação do corpo apresentada pelo pensamento teológico das igrejas evangélicas. A representação do visual estético na construção do imaginário evangélico denota o ascetismo e o simbolismo que o corpo possui na formação teológica e prática dos fiéis. A partir dos anos 2000 pôde-se observar que o estilo mais “moderno” que as cantoras evangélicas passaram a adotar impulsionou posteriormente os primeiros passos para o relativo rompimento com alguns preceitos do tradicionalismo evangélico, entre eles a recusa de maquiagens e adornos. Hoje já é possível observar maior adequação à secularização da estética feminina, como a utilização de maquiagens e de joias (Figura 3 e Figura 4), revelando nova perspectiva do cuidado de si no meio evangélico.



Figura 3 – Capa do CD Tempo de Excelência, da cantora Cassiane (2013).

Fonte: iTunes, 2015²⁸.



Figura 4 – Capa do CD O Menor da Casa, da cantora Rose Nascimento (2013). Fonte: iTunes, 2015²⁹.

Este cenário demonstra como o lugar da estética corporal varia na medida em que tal aspecto fica cada vez mais importante na sociedade. Como efeito dessa tendência, ao protestantismo foi necessária a adoção de certa flexibilidade nos

²⁸ Disponível em <https://itunes.apple.com/br/album/tempo-de-excelencia/id621457735>. Acesso em 11 mai. 2015.

²⁹ Disponível em <https://itunes.apple.com/br/album/o-menor-da-casa/id910900306>. Acesso em 11 mai. 2015.

costumes em relação ao tradicionalismo que marcou a maior parte da história desse ramo religioso no Brasil. Também ocorreu incessante revisão das estratégias de recrutamento dos fiéis e das formas de atuação e apresentação estética das lideranças religiosas, tanto no interior da denominação quanto em sua representação na sociedade mais ampla. Todavia, não se deve perder de vista que, apesar de ser constatável relativa variação nos costumes, os mesmos estão igualmente estabelecidos no imaginário evangélico como um todo e alguns valores centrais perpassam as diferentes correntes evangélicas, desde as tradicionais até as mais alternativas. Entre os informantes, as categorias de juízo estético acentuadamente relevantes e discutidas por todos os entrevistados revelavam-se sob o termo “modéstia” e sob o dualismo “mulher do mundo” *versus* “mulher de Deus”, examinados a seguir.

3.2

A inscrição do juízo estético e suas polissemias

Na tradição sociológica da teoria moral, tem-se Emile Durkheim como um dos principais teóricos que descreve sobre os fundamentos que regulam a moralidade humana. Na obra *As formas elementares da vida religiosa* (2003[1912]), Durkheim entende a moral como uma perspectiva geral que traz à luz a dimensão da vida social. Princípios, normas e valores não são apenas regulatórios, mas também constitutivos de um certo domínio de ações. Isso não implica que todas as ações sejam por definição ações morais, mas que a moral, os costumes e a ética estão invariavelmente implicados nas ações de ordem e mudança social. Assim, cada ação, não importa quão racional ou emocional, rotineira ou estratégica, está cercada por um horizonte normativo que fornece os princípios, fins e valores que a definem e direcionam.

A moralidade é parte da cultura, mas o que distingue aquela desta é “sua relação intrínseca com padrões normativos de avaliação, julgamento e justificação em termos de entendimentos sobre o que é certo e errado, bom e mau, com valor e sem valor, justo e injusto” (Durkheim, 2003, p. 28). Enquanto conjunto de visões normativas que fornecem padrões de avaliação (princípios, valores e normas) pelos quais as ações (próprias e de outros) podem ser julgadas, a moralidade é parte de uma ordem cultural compartilhada que se institucionaliza em práticas sociais estruturadas.

Como tal, ela existe *fora das pessoas*. Uma vez que essas perspectivas culturais são aprendidas e internalizadas em e através de processos de socialização, a moralidade também existe *dentro das pessoas* (Durkheim, op. cit., p. 32) como um conjunto de padrões de comportamentos corretos que define, orienta e regula suas ações a partir de seu ego.

Tais padrões podem ser formulados reflexivamente, seguidos de forma semiconsciente e expressos de modo interessado, como no caso dos sentimentos morais. Enquanto a conexão com a cultura permite conceber a moralidade como um sistema referencial coletivo internalizado, o qual estrutura e regula ações conforme padrões, sua relação com estruturas sociais e interesses materiais sugere que a invocação do bem comum e do interesse geral - que caracteriza a vida moral - está enraizada em determinados modos de viver e expressa, através de estratégias de universalização e de idealização, os interesses e ideais de determinados grupos e estratos sociais.

Nessa linha de pensamento estabeleço como ponto de partida possível para uma reflexão sobre a moral protestante a existência de gramáticas e discursos através dos quais os agentes visam a produzir a aparência de conformidade a regras comuns. Essas estratégias implicam como reconhecimento da lei fundamental do grupo uma declaração pública de reverência à representação que ele pretende dar a si mesmo e aos demais. No protestantismo, os sentimentos morais relacionados às formas de representação se fundamentam no modelo de vida ideal centrado nos padrões bíblicos, cuja ênfase é traduzida na sua aplicabilidade nas práticas cotidianas.

De acordo com Webb Keane (2010), referência em antropologia do cristianismo, a ideologia da moralidade protestante está baseada em noções de sinceridade: a exigência moral de que as pessoas têm de falar e agir conforme os postulados das Escrituras Sagradas. Os protestantes centram a atenção nos sentidos imateriais da linguagem de tal forma que os fatores materiais e sociais que influenciam o processo são entendidos como facilitadores da comunicação entre as pessoas. No modelo protestante, supõe-se que os agentes sinceros devam esforçar-se por transmitir com total precisão seus sentimentos religiosos imateriais, envolvendo modalidades distintas de objetivações pelas quais os fiéis mediam suas relações com outras pessoas.

A partir do ponto de vista dos entrevistados, a *modéstia* constitui a principal ferramenta semiótica pela qual a mulher evangélica pode comunicar ao outro sua

identidade religiosa. Essa categoria foi frequentemente citada nos discursos dos informantes e é também amplamente abordada em conteúdos evangélicos disponíveis em mídias impressas e digitais (sobretudo blogs, grupos de discussão e redes sociais). Em linhas gerais, exponho que este termo é entendido pelos evangélicos como a atitude de não chamar a atenção para aquilo que não convém. Modéstia na cultura protestante seria o bom senso, uma recusa a ultrapassar os limites, uma reserva apropriada.

A importância dada à modéstia pelos evangélicos advém dos ensinamentos do apóstolo Paulo aos membros da igreja primitiva em Éfeso, uma cidade greco-romana da Antiguidade situada na costa ocidental da Ásia Menor, onde hoje está localizada a Turquia. Após realizar sua viagem missionária a Éfeso, Paulo comissiona seu discípulo Timóteo para dar continuidade ao trabalho de evangelização na cidade, e escreve-lhe duas cartas a fim de orientá-lo nessa missão. Na primeira correspondência há um tópico específico para as mulheres daquela comunidade, intitulado “Os deveres das mulheres cristãs” (1 Timóteo cap. 2, versos 9 a 15), o qual expõe que “Do mesmo modo as mulheres cristãs se ataviem em traje honesto, *com pudor e modéstia*, não com tranças, ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos, mas como convém a mulheres que fazem profissão de servir a Deus com boas obras”³⁰.

“Pudor e modéstia”, conforme citados na escritura bíblica, estão para os evangélicos diretamente associados à decência e ao autocontrole. Eles avaliam que o guarda-roupa da evangélica deve expressar uma declaração pública de sua motivação pessoal e íntima de fé. Isto se traduz em evitar roupas e adornos que sejam extravagantes ou sexualmente atrativos. Modéstia é humildade expressa na forma de vestir. Imodéstia, então, seria muito mais do que usar uma saia curta ou um decote ousado: ela estaria expressa no ato de chamar atenção imprópria para si, em pretensões desconexas aos preceitos bíblicos de guardar o corpo.

O apóstolo Paulo considerava que pudor e modéstia eram termos estranhos para muitas mulheres da comunidade de Éfeso. Sua carta, escrita entre 63 e 67 d.C., já demonstra explicitamente a lógica da distinção, ao orientar que as cristãs se vestissem de maneira diferente para que não ocorresse identificação com as sacerdotisas - mulheres que exerciam práticas pagãs naquela região. Os cultos a Afrodite incluíam ritos sexuais realizados por centenas de sacerdotisas, caracterizadas

³⁰ Bíblia Sagrada, tradução em português de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

como prostitutas culturais. Éfeso era uma cidade portuária e este elemento também contribuía para a prática da prostituição, adicionada ao fato de que as mulheres ocupavam lugar de proeminência na religião pagã dos tempos greco-romanos. John McArthur, um dos principais comentaristas da epístola de Paulo a Timóteo, esclarece que:

[...] àquela época, quando uma mulher usava o véu, isso significava que ela estava submissa a um homem, fosse o marido, seu pai ou um parente responsável. Quando se via uma mulher sem véu e com o cabelo tosquiado ou mesmo raspado, já se deduzia que a mesma estava totalmente disponível, pois esta era a maneira como as prostitutas eram identificadas. Sendo assim, as mulheres cristãs precisavam agir com modéstia, precisavam usar o véu e manter seus cabelos compridos. O uso do véu era importante naquele contexto cultural. Deixar de usá-lo naqueles dias seria motivo de mal testemunho ou escândalo. (McArthur, 1995, p. 82).

De lá para cá os costumes se alteraram. Hoje é pouco provável que se estabeleça uma diferenciação tão polarizada entre as que praticam ou não a prostituição a partir de elementos estéticos rigidamente marcados. Mas a modéstia tal como entendida por Paulo continua proeminente no imaginário protestante. Contudo, a pesquisa revelou que uns têm uma ideia mais rígida de o que seja modéstia, enquanto outros a têm mais flexível. A categoria “modéstia”, portanto, tem um parâmetro de nuances variado e é entendida de maneira mais codificada ou menos codificada.

Com base nos discursos obtidos na pesquisa, classifico por modéstia rígida a postura ascética no que tange a vestuário, maquiagem, adereço e formato capilar (o interdito aos cortes de cabelo). Por modéstia flexível entendo a adoção de certa maleabilidade nas práticas estéticas, como a permissão ao uso da calça comprida, maquiagem e adereços discretos. Já a modéstia muito flexível consiste em permitir que as mulheres se adornem da maneira mais individualista possível, considerando até mesmo as opções diametralmente opostos ao tradicionalismo evangélico – como a produção de corpos fisicamente trabalhados, tatuagens, o uso de piercings e de roupas perfeitamente ajustadas às formas femininas. A Figura 5 apresenta uma condensação simples da variação do código no universo pesquisado.

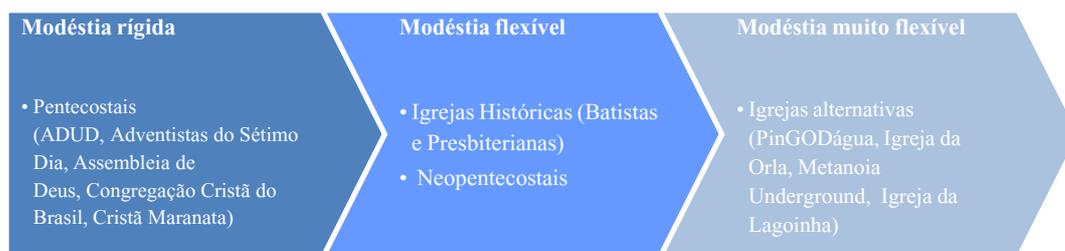


Figura 5 – Codificações da categoria *modéstia* pelos evangélicos entrevistados, de acordo com as correntes denominacionais. Fonte: Levantamento de campo (2015).

Durante as entrevistas, meu pedido aos informantes para definir “modéstia” vinha logo após as perguntas sobre as estratégias de sensualidade por meio das roupas. Uns responderam de maneira mais profunda e elaborada, outros de modo relativamente raso, mas de qualquer forma aplicando o termo em seu pensamento. Alguns pausaram para uma média reflexão e de início não souberam responder.

O que é modéstia pra você, pr. Waguinho?

Modéstia? Meu Deus... Modéstia... modéstia à parte... Modéstia vem de modesto, né?

Modéstia é a pessoa ter, posso dizer... Modéstia, modéstia, definir a modéstia...

Modéstia à parte, não sei definir! (risos)

[Wagner Bastos, 50 anos, pastor da Assembleia de Deus dos Últimos Dias (ADUD)]

Para estes entrevistados ajudei a elaborar algum pensamento a respeito, elucidando-os sobre o que eles poderiam entender como "modéstia" a partir do vestuário e/ou comportamentos. Daí em diante eles começaram a argumentar posições próprias sobre o que definiria uma mulher evangélica modesta.

- Pra você o que é modéstia?

Modéstia? [pausa longa...] Não sei o que é modéstia...

- Quando eu falo de modéstia você associa primeiramente ao vestuário, às roupas?

Mais ou menos. Tô querendo achar uma palavra pra poder falar pra você.

- Algumas pessoas que entrevistei associam sim ao vestuário, e outras falam mais no sentido de comportamento.

É, a roupa pode ser também, né? Depende também. Tipo assim, eu acho que é igual na Bíblia, onde tá escrito “Venha como estás” né, as pessoas na igreja. Sendo que tem pessoas que vão pra igreja que meu Deus do céu! Eu não teria coragem de ir daquele jeito que as pessoas vão. Ó, semana passada teve culto jovem. Foi umas meninas com a roupa aparecendo os peitos todos, com a calcinha toda enfiada, transparente... Isso é uma coisa que a pessoa tem que ter modéstia pra poder estar em certos lugares e ir, e elas não têm. Só porque tá escrito na Bíblia “Venha como estás”, não é pra ser bagunça, né? Você pode ir com uma calça, mas já que você vai pra igreja, bota uma blusinha mais tampada. Vá de calça, mas que não seja transparente; se for, põe uma blusa um pouquinho abaixo da bunda, pra tampar. Mas... o pessoal não quer nem saber. [Cibele, 29 anos, Assembleia de Deus]

Na época que eu era criança; em 68, com oito anos de idade, nem as crianças podiam mostrar o cotovelo. Então era muito, muito rígida mesmo. Hoje deu uma

abertura maior, mas em minha opinião sobre a veste e o cuidado acho que não tem exagero, porque a Bíblia manda a gente ser modesta. O que que é modéstia? Modéstia é aquilo que não causa escândalo; aquilo que você pode fazer, as pessoas olharem pra você e identificarem: “Ali vai uma pessoa cristã”. Se ela estiver com uma unha pintada, com um a calça, a pessoa tem que ter um destaque por causa da modéstia do vestido, do andar, do falar, tudo isso. Pra mim, a vida cristã e o modo de vestir da mulher cristã reflete isso. [Nádia, 54 anos, Assembleia de Deus]

Por sua vez, à medida que a mesma reflexão era proposta aos evangélicos de capital cultural mais elevado, as elaborações sobre o conceito de modéstia se tornavam mais sofisticadas, demonstrando que a operacionalização do conceito é resultado de um acúmulo de bens simbólicos inscritos nas estruturas de pensamento, resultantes de um *habitus* de grupo que acompanha a trajetória de vida dessas pessoas.

Quando se fala em modéstia pra mim, eu consigo interpretar muito mais como simplicidade, humildade, sem querer que nenhuma atitude, comportamento ou qualquer manifestação visual lance a mulher em evidência. Ser modesta é a pessoa ser mais simples, mais linear. Eu não digo neutra, porque a pessoa não precisa ser neutra. Não é neutralidade, mas é uma pessoa que você não consegue traduzir nela nada que a destaque dentro de um grupo de pessoas. Até pode se usar o vestuário como uma ferramenta forte. Eu posso ser modesto na minha forma de vestir, mas não necessariamente eu posso ser modesto nas minhas relações. Por exemplo, eu me visto modesto mas falo alto, tenho comportamentos que demonstram que a minha modéstia é só visual. Eu acho que o risco em associar modéstia e roupa é você confundir modéstia com mau gosto. [Maurício, 56 anos, Igreja Batista]

A modéstia não tá nessa forçação de certos trejeitos, de roupas e etc. que ferem a sutileza, a feminilidade, a educação. Tanto o homem como a mulher deve buscar o apuro na sua maneira de ser. É uma série de coisinhas que têm muito a ver com a solidariedade social, a agradabilidade social. Você se sente numa certa obrigação, de você com você mesmo, de não ser desagradável, com ou sem intenção de namoro. Há certas sutilezas, certas maneiras na educação que caracterizam a não rudeza, e tem algumas coisas a mulher de hoje em dia tá cada vez mais aceitando, ou até se insinuando como se fosse homem. Uma moça que tenha tido toda uma condução educacional em um lar evangélico se choca com isso. E a outra coisa que eu acho é que o mundo, de um modo geral, tá apelando demais; são apelos assim, quase chegando à devassidão, que em princípio nem um evangélico ou uma evangélica aceita de bom grado. Eu acho que a coerência bíblica de uma evangélica faz com que ela não aceite uma série de coisas e permissividades que pro mundo atual tá sendo assim, comum. Eu diria até o seguinte: se eu vou num casamento, um pedaço daquele bolo com uma taça de prosecco é de lei, não me sinto pecaminoso. É o “use, mas não abuse”. Esse “use, mas não abuse” está muito na cabeça de um evangélico, e muitas vezes não está na cabeça do não evangélico. [Ruben, 52 anos, Igreja Presbiteriana]

O Espírito Santo não tá preocupado com essa coisa de moda, de vestuário, porém ele também sabe da nossa dificuldade de entendimento; ele trata a gente igual criança quando a gente se comporta como criança. Então por exemplo, se pra essa comunidade aqui shortinho branco curto é pecado, então Deus respeita isso. Porque não é importante botar o shortinho e retirar o shortinho, mas é importante seguir regras. Mas você pode escolher a igreja em que você vai estar. Então se você tá numa igreja que não pode usar o shortinho, se você tá usando você tá errada, e o

Espírito Santo vai te incomodar - não porque o shortinho é errado, mas porque naquele lugar o shortinho é errado. Da mesma forma eu não posso pegar minha roupa de surf e ir pra escola. O Espírito Santo vai me incomodar? Talvez não, mas a pressão social vai me incomodar. Às vezes nem é o Espírito Santo; às vezes é a vó olhando pro teu short ou pra tua calça colada, tá te julgando e quer que você saia. A igreja Batista que eu estava era assim também. Só que as pessoas são tão apegadas ao regional, a cultura é tão forte que eles não conseguem sair daquilo ali. Então pode ser uma pressão social, pode ser o próprio Espírito Santo falando “Filha, vai, bota a saia. Eu quero te ensinar uma outra coisa, mas pra você aprender essa outra coisa você tem que ficar ali. Eles são meio ‘cafoninhas’, têm esse problema, mas eles vão te ensinar a amar, a perdoar. Ninguém te abraçou. Você veio de um lugar que podia usar qualquer roupa, mas ninguém te amou. Aqui eles são cafoninhas, não conhecem essa parte, mas eles vão te amar, então fica aí”.

[Pastor Valmar, 41 anos, Base Missionária PinGODágua]

Bourdieu argumenta que os sujeitos sociais encarnam *habitus* “com todas as disposições que são, ao mesmo tempo, marcas da posição social e, portanto, da distância social exigida para manipulá-las estratégica ou simbolicamente [no intuito de] reduzi-las, aumentá-las ou simplesmente mantê-las” (Bourdieu, 1983, p. 75). Com isso, o autor pretende sustentar que os indivíduos incorporam sistema de disposições, modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar, que os levam a dispor a apresentação do self de determinada forma em uma circunstância dada. No caso dos evangélicos, a modéstia deve estar implícita nesse código de vestimenta, pois ela se constitui a principal característica que distingue as fiéis daquelas não pertencentes à religião. Na perspectiva nativa, portanto, a modéstia consiste em fazer valer a simplicidade e a postura reservada na exposição estética. O Quadro 1 sintetiza os conceitos usados pelos entrevistados para definir a modéstia enquanto categoria moral.

Quadro 1 – Definições sobre modéstia e diferença no vestuário (ordenadas pela frequência de citações nos discursos)

Conceitos usados para definir modéstia	Onde estaria a diferença no vestuário da evangélica?
<ul style="list-style-type: none"> ○ Simplicidade; humildade ○ Não sei definir ○ Se vestir adequadamente; não chamar a atenção ○ Não ostentar; não proparlar ○ Não se expor; ter uma postura contida ○ Aquilo que te faz bem sem 	<ul style="list-style-type: none"> ○ No comprimento da blusa, da saia e do vestido ○ No bom senso ○ Na preservação o próprio corpo ○ Na não exibição da sensualidade ○ Vestuário com elegância e simplicidade ○ Nas peças sem decotes e

<p>constranger o outro</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Preservação de valores ○ Aquilo que não causa escândalo ○ Viver aquilo que faz ○ Amor, perdão e respeito ○ Fazer o bem sem olhar a quem 	<p>transparências</p>
--	-----------------------

Fonte: Levantamento de campo (2015).

Sendo o vestuário da evangélica um atributo que preenche certo conjunto de signos dentro de suas funções sociais e estéticas, os entrevistados apontaram precisamente quais seriam os estilos de roupas e adereços majoritariamente censurados à evangélica contemporânea, conforme mostra o Quadro 2.

Quadro 2 - Categorias de vestuário para a mulher evangélica (ordenadas pela frequência de citações nos discursos)

O que é uma roupa <i>decente</i> ?	Que tipo de roupa ou adereço a evangélica não deve usar?
<ul style="list-style-type: none"> ○ Uma roupa que não expõe ○ Uma roupa sem decote e não curta ○ Uma roupa que não escandalize ○ Uma roupa limpa, passada e não rasgada ○ Saia e vestido ○ Uma calça que não seja apertada ○ Roupa que agrade a Deus 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Minissaia ○ Blusas transparentes; decote ○ Esmalte escuro ○ Batom vermelho/roxo/lilás ○ Vestido colado ○ Shortinho ○ Brincos de argola grandes ○ Colares e anéis chamativos ○ Biquíni na praia ○ Camisetas com estampas de caveira ○ Saia com fenda lateral

Fonte: Levantamento de campo (2015).

Em referência à modéstia, nas ações de representação individual e coletiva dos evangélicos coexiste ainda outro *habitus* valorativo da moral no que tange ao feminino: o de que as evangélicas devem ser identificadas pelo público como *mulheres de Deus*, em contraposição às *mulheres do mundo*. Mulher de Deus é uma categoria nativa utilizada para designar aquela que não somente pertence ao protestantismo, mas que pratica a religião em suas interações cotidianas e é reconhecida publicamente

como tal. Ela é o exato contrário da mulher do mundo, que para eles seria a mulher que não detém a presença de Jesus Cristo em sua vida – em linhas gerais, a não convertida, portadora de uma performance estética mais extravagante e principalmente de comportamentos libidinosos ou devassos.

Nas entrevistas, muitos definiram a mulher do mundo com base em características externas – maquiagem e vestuário - como se nelas houvesse uma “estetização de si”. Sobre a mulher de Deus, grande parte dos entrevistados a definiu a partir de atributos subjetivos, um conjunto de modos de percepção, afeto, pensamento e desejo que a animam enquanto sujeito atuante. Neste ponto percebo um paradoxo interessante: julga-se que a mulher de Deus precisa ter um desempenho estético diferente do das outras; todavia, não é este fator que a delimita. Sobre tais conceitos, observei novamente diferenças no modo de operar esses registros entre os dois grupos – os de médio ou alto capital cultural/econômico e os de baixo capital econômico e/ou cultural (Quadro 3).

Quadro 3 – Definições sobre mulher “do mundo” e mulher “de Deus” (ordenadas pela frequência de citações nos discursos)

Conceitos usados para definir a mulher do mundo	Conceitos usados para definir a mulher de Deus
<ul style="list-style-type: none"> ○ Ausência de Cristo e do Espírito Santo ○ Não conhece ou não teve um encontro com Deus ○ Usa roupa decotada; seios e costas de fora; shortinho ○ Aquela que não tem amor; esperança; perdão; fé ○ Aquela que se droga, bebe ou se prostitui ○ Aquela que frequenta bailes, festas, boates 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Aquela que tem a presença de Cristo ○ Aquela que tem amor; esperança; perdão; fé ○ É uma mulher convertida ○ Pratica aquilo que diz; sua vida dá testemunho de si ○ Uma mulher que pensa nas outras pessoas; é caridosa ○ Aquela que faz a diferença ○ Uma mulher que busca e serve a Deus ○ Uma mulher que edifica a casa e os filhos ○ Aquela que respeita o marido ○ Ela é mulher de um homem só

<ul style="list-style-type: none"> ○ Não cultiva os valores do reino de Deus ○ Ela está preocupada com as coisas do mundo ○ Uma mulher que mente e trai ○ Uma pessoa mau-caráter ○ Mulher "estourada"; abusada; sem limites ○ Aquela que xinga palavrões ○ Aquela que casa e descasa ○ Ela namora com uns e com outros ○ Só pensa em si mesma ○ Usa batom e unhas vermelhas; olhos pintados ○ Usa aplique no cabelo ○ Mulher antenada, up to date ○ Mulher classuda, inteligente; que tem liderança 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Aquela que ora, jejua e lê a bíblia (prática devocional) ○ Aquela que faz uso de um vestuário decente ○ É vaidosa e cuida da aparência ○ Ela é respeitada em todos os ambientes ○ Tem mansidão no falar e no agir ○ Compreende as metavisões e metalinguagens espirituais³¹ ○ Uma mulher que não xinga palavrões ○ Uma mulher que não fala mentiras e não faz intrigas
--	--

obs.: os termos destacados em vermelho foram os únicos que destoaram dos demais conceitos utilizados para definir a mulher do mundo. Ambos foram definidos por homens membros de igrejas históricas.

Fonte: Levantamento de campo (2015).

No protestantismo há todo um conjunto de normas e valores que regem o comportamento da mulher de Deus. Segundo o discurso religioso, espera-se que em toda e qualquer esfera de que as mulheres participem elas sejam dóceis, carinhosas, tolerantes, cuidadosas e que se preocupem com o corpo em sua dimensão espiritual, para que o mesmo revele à primeira vista o caráter distintivo da identidade religiosa. À mulher de Deus são delegados diversos papéis, pelos quais ela detém grandes responsabilidades na família, na igreja e no meio social.

Mulher de Deus é aquela que vive os ensinamentos de Cristo. A Bíblia ensina isso: em primeiro lugar: a amar o seu Deus sobre todas as coisas e ao seu irmão como a si mesmo. A mulher de Deus é uma mulher que se enquadra nisso. Ela é uma mulher de oração, que ajuda a quem pode, está sempre pronta a servir, pronta a orar; ela cuida da sua família, cuida dos seus filhos... Olha quanta coisa pra mulher, como a mulher de Deus é sobrecarregada! Mas a mulher de Deus ela sabe cuidar da aparência; se ela sabe que tem culto às 7, às 4 ela já tá se cuidando, pra de noite no culto ela estar apresentável pra Cristo.

[João, 58 anos, Igreja Cristã Renovada em Cristo Jesus]

³¹ Acredito que sobre esse aspecto o informante quis se referir à experiência de intimidade com o sagrado, o que permite à evangélica (e até mesmo ao homem evangélico) estar sensível à voz do Espírito Santo em seu cotidiano.

Na vestimenta, se for coloca as duas – a do mundo e a cristã -, só de você olhar dá pra diferenciar. A mulher do mundo vai estar com as unhas pintadas de vermelho, com batom vermelho, com os olhos todos negros, com aquela sombra grande... Tô falando assim pra diferenciar, pra você olhar pras duas e diferenciar bem. E, sei lá, de repente a mulher do mundo também tá com um aplique no cabelo, um shortinho curtinho enfiado aqui, os peitos quase caindo... E a mulher modesta com uma saia bonita, uma blusa cavadinha cobrindo a barriga, com seu relógio, muito bem penteada, um batom clarinho. Quando você vê as duas dá pra distinguir a mulher do mundo e a mulher cristã; só de você olhar dá pra você ver.
[Sueli, 55 anos, Adventista do Sétimo Dia]

Na nossa visão a mulher de Deus é a mulher decente. Por exemplo, você tem um namorado? Então você fica só com seu namorado, não fique dando a aparência de que tá afim de outra pessoa. É a mulher que fala a verdade, que não fica mentindo, que sabe perdoar, que não fica em intrigas. Agora, ela pode usar um shortinho branco curto? Pode. Ela vai pra praia e bota biquíni. E aí? O que isso tem a ver? Claro, tem coisas que não convém, aí a gente vai nos significados sociais, mas isso é mais uma questão de educação do que religiosa. Tem gente que se veste muito bem só que são mulheres mentirosas, indecentes. As aeromoças são um exemplo de vestuário positivo; agora, por causa da roupa delas elas são decentes? Todas elas são mulheres de confiança, por causa do treinamento que tiveram na Infraero? A gente não se ilude com isso. [Pastor Valmar, 41 anos, Base Missionária PinGODágua]

A descrição da percepção nativa atesta que a reserva nas práticas do vestir é um princípio moral fundamental para o público evangélico, uma vez que eles acreditam que é a partir do vestuário que são impulsionados os desejos sexuais. Neste sentido, atribui-se à mulher de Deus importância ímpar na preservação dos valores relativos à educação corporal e o aspecto da vigilância é maior para elas do que em relação ao sexo masculino, pois acredita-se que os homens, em geral, sejam muito mais afetados pelo que veem. Vestir-se intencionalmente de maneira que provoque ou estimule a libido masculina é considerado pecado; por essa razão, a cosmologia evangélica pressupõe que as fiéis “não devem estar em conformidade com as normas deste mundo. A beleza deve ser mostrada e admirada numa atmosfera de contentamento aos olhos de Deus, por isso a mulher cristã deve ater-se ao traje decoroso e à modéstia no vestir” (Cardoso, 2013, p. 175). O Quadro 4 apresenta os principais signos distintivos e de preservação ao corpo da mulher de Deus e a Tabela 4 condensa a percepção dos entrevistados referente à distinção a partir do vestuário.

Quadro 4 – Principais signos distintivos atribuídos à mulher de Deus.

Em quais elementos uma pessoa consegue identificar a mulher de Deus?	Como a evangélica pode ser bonita sem ser vulgar?
<ul style="list-style-type: none"> ○ Na modéstia no jeito de se vestir (não exibir a sensualidade) ○ No brilho do Espírito Santo ○ Pouco uso de apetrechos exteriores (joias, bijuterias, maquiagens) ○ No modo de ela agir e pensar 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Se vestindo decentemente ○ Caprichando na maquiagem ○ Se guardando para o marido ○ Agindo com classe e elegância ○ Tendo simpatia e se expressando bem ○ Orando, jejuando e lendo a bíblia ○ Tendo atitudes equilibradas e bom senso ○ Se amando e investindo em si mesma ○ Não usando decotes, roupas curtas ou transparências

Fonte: Levantamento de campo (2015).

Tabela 4 – Opinião nativa sobre a percepção do vestir feminino evangélico.

PERGUNTA	VARIÁVEIS / Nº RESPONDENTES		
A roupa que a evangélica usa dá testemunho de como ela é?	Sim	Não	Depende
	22	5	9

Fonte: Levantamento de campo (2015).

O valor de um elemento estético feminino no contexto protestante é avaliado pelo interesse da informação que ele veicula, pela clareza com a qual desempenha a função de comunicação e por sua legibilidade. Usar esta ou aquela peça de vestuário é um dos principais instrumentos utilizados pelas evangélicas para marcar sua distância social. A roupa, com efeito, desempenha a função de contraste à mulher do mundo ou ponto de referência em relação ao qual se define o pertencimento ao segmento evangélico.

Com isto depreende-se que a evangélica que se enquadra na categoria *mulher de Deus* tem suas escolhas estéticas moldadas pelos padrões ideológicos protestantes. Em suas práticas de vestir, ela usa “inscrições feitas sobre o corpo oriundas dessa relação entre a psicologia pessoal e a ordem social” (Wilson, 1985, p. 327). A moda

evangélica – e por conseguinte seu juízo estético moralizante – reforçam a solidariedade social e impõem normas de grupo. Seus limites constituem fronteiras a serem defendidas. Além disso, são fixadas por sistemas de classificação que funcionam como instrumentos de poder subordinados a funções sociais. A modéstia da mulher de Deus é, com efeito, a materialização de um *habitus* enquanto conduta interessada. Seus elementos estéticos se convertem em signos de identificação que podem ser, também, sinais de distinção.

Espaço, performances e a produção de materialidades estéticas

Aliadas ao suporte biológico que é o corpo humano, as vestes são veículos de identificação dos indivíduos. Todo o aparato social de formação de uma identidade, ou de uma *persona*, aqui entendida como máscara social (Goffman, 2002), virá a sedimentar-se sobre a relação de apresentação de si no cotidiano. Para tanto, o trabalho de apresentação de si empreendido pelo sujeito pressupõe uma primeira educação que acontece pela absorção, por meio das interações sociais, de uma matriz de práticas regidas por códigos.

Práticas envolvem não só o engajamento em certas atividades, mas também a apropriação destas como canais de informação sobre determinada mensagem. Com a posse de informações sobre a roupa e os modos de vestir, o indivíduo investe na construção de uma identidade visual personalizada circulando entre os diferentes grupos para demarcar sua diferenciação social e estética.

Elizabeth Wilson (1985, p. 13) afirma que nas sociedades “onde o corpo é vestido, por todo o lado as roupas e os adornos têm um papel simbólico de comunicação e um papel estético”. Ao mesmo tempo, a moda “reforça a solidariedade social e impõe normas de grupo, enquanto os desvios da moda são considerados chocantes ou perturbadores” (*Ibidem*, p. 17). Esse aspecto denota que as implicações morais do vestuário estão enraizadas tão profundamente na consciência social que até a própria língua os reflete, utilizando adjetivos disjuntivos como “certo/errado”, “bonito/feio”, “aceitável/não aceitável” etc., que pertencem propriamente à discussão das categorias em termos de moralidade.

Tanto na natureza quanto na cultura os seres humanos se deparam com dicotomias e atribuem valores a esses polos, sendo um positivo e outro negativo. As estruturas dicotômicas funcionam como diretrizes, indicações, instruções para a ação. Neste sentido, o vestuário desloca as emoções para o reino da estética, como forma de “intelectualizar visualmente tudo o que toca os desejos individuais e as aspirações sociais” (Wilson, op. cit., p. 21) e afirmar a natureza arbitrária das convenções sociais.

É possível pensar que o vestuário das evangélicas associado a outros elementos estéticos cria uma imagem que afirma um posicionamento no mundo e constitui estratégia de afirmação de alteridade. Michael Taussig (1993), ao refletir sobre alteridade e *mimesis*, propõe que os modos miméticos de percepção nos levam a um entendimento do que é narrado ou apresentado pela performance corporal. Taussig mostra também que a escuta e observação daquela narrativa demanda um estado de percepção que não se resume apenas à contemplação, mas corresponde a um deslocamento, um sair de si mesmo para perceber as coisas fora de nós em contato com a alteridade.

Essa alteridade a que me refiro se traduz na diversidade de vestimentas e gostos estéticos encontrados em campo. Nas duas pontas entre a modéstia rígida e a modéstia muito flexível, o que se verifica são atos performativos como propriedades de constituição de si face à vertente religiosa a que pertence. A maneira pela qual o universo religioso evangélico é representado através das imagens e posturas do corpo feminino, assumindo uma identidade que repercute na totalidade de uma orientação existencial organizada pela corrente religiosa.

Para elucidar esse aspecto, exponho inicialmente algumas observações de campo e imagens capturadas nas igrejas onde encontrei uma alteridade mais radical - a Congregação Cristã do Brasil/CCB e a Assembleia de Deus dos Últimos Dias/ADUD - para demonstrar de que modo o vestuário implica ser um dispositivo visual e tátil concernente às cosmologias e experiências religiosas.

A Congregação Cristã do Brasil, por exemplo, é reconhecida entre os evangélicos como a “igreja do véu” (Figuras 6 e 7), em razão de as mulheres cobrirem a cabeça com véu durante os serviços religiosos. A CCB segue a recomendação do apóstolo Paulo sobre o véu escrito na Bíblia nas cartas de 1 Coríntios e 1 Timóteo¹, que orienta as mulheres a cobrirem-se com o véu ao orar ou profetizar.

A CCB é uma denominação muito diferente; achei-a muito interessante. A Gislaine, minha interlocutora local, ofereceu-me o véu para por sobre a cabeça logo assim que cheguei à igreja. As visitantes não são obrigadas a usar o véu, mas mesmo assim quis experimentar para provar da sensação. Como observadora de fora, percebi que realmente o véu, ali no culto, homogeneiza todas as mulheres para que elas não se sobressaíam umas às outras; mas fora do culto, do espaço do templo, o clima é completamente diferente. Tive outra impressão, porque elas se parecem muito mais bonitas e charmosas sem o véu – sobretudo as jovens com o uso das saias compridas e ajustadas ao corpo, cabelos longos jogando pra lá e pra cá, e tudo o

¹ Bíblia Sagrada, tradução em português de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

mais... Enfim, eu percebi certo jogo de sensualidade ali. Não sei se elas fazem isso no intuito de chamar a atenção dos rapazes da congregação, porque realmente dentro da igreja os jovens me pareceram ser bastante tímidos, moderados. Talvez ocorra um pouco esse movimento, mas sem dúvida as meninas eram muito mais espontâneas do que eles. [Anotações de campo, julho de 2015]



Figura 6 e Figura 7 – Mulheres na Congregação Cristã do Brasil na Taquara.

Fonte: Levantamento de campo (2015).

Na ADUD o famoso e polêmico roupão utilizado pelas fiéis (Figura 8) foi instituído por uma visão que o pastor Marcos Pereira, seu fundador, teve no ano de 1990. Pastor Marcos contou-me² que essa revelação lhe foi dada por Deus quando estava em um monte a orar pelo início do ministério da ADUD. Argumenta que viu uma mulher vestida de roupão comprido, com mangas compridas e sem um corte que valorizasse a cintura, decote ou quadris. Para ele esse tipo de vestuário seria o principal veículo de exercício e reconhecimento da doutrina e trabalho da congregação: guardar o corpo para ter um contato de santificação maior com Deus por meio dele.

Uma coisa que me chamou muito a atenção foi o semblante das mulheres membros da ADUD vestidas com o roupão. Antes de conhecê-las de perto, a primeira coisa que imaginava era que deveriam ser oprimidas por usarem aquele tipo de traje. Contudo, ali no templo – e mesmo fora dele - as fiéis pareciam estar muito bem e confortáveis com a roupa. Não havia qualquer espécie de “anormalidade” implicada pelo roupão conforme eu e alguns informantes que entrevistei pensávamos existir no exercício religioso dessas mulheres.

² No salão de recepções durante visita à Assembleia de Deus dos Últimos Dias, em maio de 2015.



Figura 8 – Coral de jovens na Assembleia de Deus dos Últimos

Dias. Fonte: Levantamento de campo (2015). Créditos: Thiago Guarabyra.

Algumas tinham o roupão em tecido oxford³; outras usavam a vestimenta com um tecido feito de um crepe mais encorpado, com uma tonalidade mais vibrante conjugada com bolsas de couro nos braços, sapato alto e celulares iPhone nas mãos, insinuando certo poder de compra entre elas. Minha interlocutora Ana Paula, jovem responsável pela agenda comercial de apresentações do pastor Waguinho, argumenta que não pode haver estampa nos roupões e que os mesmos devem ser monocromáticos.

As mulheres jovens usavam roupões de cores claras, como rosa, lilás e amarelo bebê. Já as mais velhas usavam cores mais fechadas, como o marrom e o roxo. As meninas crianças também estavam vestidas com lindos roupões, bem costurados e com botões na parte de trás bastante ornamentados, além de delicados sapatos de fivela. Todas usavam cabelos presos em formato de coque, adornados por uma tira elástica da mesma cor do roupão.

A observação dos corpos circulantes nas igrejas que visitei e a escuta dos discursos de mulheres e lideranças evangélicas postulam que o corpo feminino na cultura protestante seria uma espécie de material cultivado por três instâncias: o sagrado (aqui entendido como a atuação de Deus e do Espírito Santo), as normas morais e as relações de poder imbricadas nos discursos das lideranças. Como observa Judith Butler (2003), os corpos são “produzidos” por normas regulatórias que determinam o seu significado e sua materialidade – a qual é instituída pelo efeito do

³ Tecido misto de algodão e poliéster.

poder, ou sendo ele mesmo o poder em seus efeitos de formação e representação⁴. Daí conclui-se que os corpos se performam, ou seja, constituem-se numa prática “reiterativa” das normas que os definem. Podendo ser visto como uma escrita, o corpo se inscreve na cultura e nas suas imagens. No ambiente evangélico, a norma em suas variadas formas seria, então, o fator que compõe a escrita corporal, tanto em relação com os códigos sociais e estéticos quanto em relação a uma performance específica num determinado momento. Essa escrita se constituiria através dos diversos mecanismos que ligam corpo e cultura.

Com base nessas concepções, exponho neste capítulo alguns elementos de agência feminina evangélica que se desenvolvem em contextos em que as normas podem ser performadas, habitadas e experienciadas de várias maneiras, na relação constitutiva entre ação moral e *embodiment*⁵ para fins de uma ética corporal. Experiências pessoais e o espaço do templo funcionam, aqui, como componentes da dinâmica performativa, os quais permitem pensar o corpo feminino evangélico como texto, observando os códigos de comunicação nele investidos e materializados. A adoção de trajes modestos é um dos atributos qualificativos da mulher evangélica. Neste sentido, é vestida que a mulher protestante atua no universo evangélico – e também fora dele, onde as vestimentas muitas vezes têm a função de representar uma ética protestante.

4.1

Conversão

O tema da conversão e seus efeitos na carreira do indivíduo não é evidentemente novo, porquanto está desenvolvido de modo significativo desde a filosofia em Platão, sob a forma da noção de *epistrophé* - o retorno a si, o desviar-se das aparências (Foucault, 2011, p. 188). O cristianismo clássico e a reforma

⁴ “Materiality designates a certain effect of power or, rather, is power in its formative or constituting effects. Insofar as power operates successfully by constituting an object domain, a field of intelligibility, as a taken-for-granted ontology, its material effects are taken as material data or primary givens.” (BUTLER, 2003, p. 9)

⁵ Refere-se a tornar algo físico ou corporificar, materializar. Mais adiante recorro às concepções de Saba Mahmood (2005) referentes à reformulação da agência corporal entre o movimento pietista das mulheres islâmicas no Egito para elucidar como a representação de uma identidade feminina evangélica se materializa, adquire significado e obtém legitimidade a partir das roupas sem implicar necessariamente a abdicção de preceitos e gostos individualistas.

protestante, por sua vez, constituíram a conversão – praticada e experimentada – a partir de modos de transformação e transfiguração do sujeito, materializada no conceito de *metanoia* cristã, que se organiza em torno da renúncia de si e da reversão dramática do ser do sujeito (*Idem*).

A conversão protestante é tratada enquanto um processo de transformação no universo discursivo e de atuação do indivíduo. Engloba mudança de valores, crenças, comportamentos e da forma de interpretar os acontecimentos. Permite uma reinterpretação biográfica por instrumento de um aparelho legitimador da nova realidade religiosa. Esse aparelho promove a harmonização do passado com o presente e com o futuro do indivíduo, descartando alguns traços e eventos, ressignificando outros, produzindo para ele um conjunto de acontecimentos plenamente significativos.

Os depoimentos das entrevistadas conferem narrativas de conversão atravessadas por uma série de mediações. Tais descrições possuem uma relação bastante estreita com a conjuntura que vivenciavam, muitas vezes implicadas por tensões familiares, financeiras ou mesmo subjetivas. A conversão não aparece por si mesma como “evento transformador”, mas como ápice de um processo que envolve as entrevistadas e os contextos (social e religioso) em que estão inseridas. As narrativas de Rosa, pentecostal da Assembleia de Deus, e Raquel, membro da alternativa Igreja da Lagoinha, por exemplo, exploram bem essa dimensão.

Eu aceitei Jesus na igreja Universal. Depois que eu saí da igreja Universal meu marido aceitou Jesus na Assembleia, aí falou: “Ah, eu quero Assembleia”. Aí nós fomos pra Assembleia. Mas quando eu entrei na Assembleia – e eu sou uma pessoa muito “eu” -, fui ao pastor da igreja e falei assim: “Ó, pastor, eu uso calça comprida, uso bermuda, eu pinto o cabelo, corto o cabelo, e eu não vou deixar de fazer as minhas coisas por causa da igreja”. Aí o pastor falou: “Tudo bem, irmã. Sente-se lá e vamos deixar Deus trabalhar”. E aí automaticamente Deus foi falando no meu coração, fui vendo que não ficava bem eu com aquela saia curta, com aquela bermuda, e aí fui mudando aos poucos. De repente, quando vi, estava transformada. Mas foi o espírito de Deus que fez uma transformação na minha vida, porque se o homem fizer, você não fica. Agora, quando Deus faz, você fica. Tudo que Deus faz na minha vida e na sua vida permanece. Quando eu parei de pintar o cabelo eu falei pra Deus. Eu ia no salão toda sexta-feira, pintava meu cabelo, e quando parei de pintar o cabelo foi num dia em que fui no salão e não pintei, houve alguma coisa e eu não pintei. Aí eu falei: “Não vou pintar mais também”. Um dia eu acordei e falei: “Senhor, meu marido é um homem novo!”. Sabe o que Deus respondeu pra mim? “Quem cuida do teu casamento e do teu marido sou eu”. Se pintura de cabelo segurasse marido, essas mulheres do mundo todas estavam casadas, não teria ninguém divorciada. [...] É aquilo que eu falei no começo: quando o Espírito faz uma obra na tua vida, tem mudança. Quando a pessoa aceita a Jesus e o Espírito Santo faz a obra, ele fala: - Minha filha, essa roupa que você tá usando não é adequada pra você. Deus falou pra mim dentro da Universal. Eu usava bermuda, ia de bermuda jeans, e Deus falou: - Não te quero assim. E nisso, na minha frente tinha uma

mulher em pé: ela estava vestida com um blazer e de saia. Ele [Deus] falou assim: “Te quero desse jeito”. Aí eu falei: - Ih, é ruim, hein!. Aí fui pegar a revista da Contigo e comecei a desfolhar. No final da revista vinha anunciando umas máquinas de costura e tinha um blazer e uma saia. Eu olhei e aí veio assim no meu coração: “Essa roupa’. Não queria aceitar isso. Olha só como Deus faz - Deus usou a minha mãe, que chegou lá na minha casa e falou assim pra mim: - Rosa, deixei uma coisa pra você em cima da mesa. Aí eu fui abrir o embrulho e eram dois pedaços de pano daquele tecido da roupa que estava lá. Era bege, aí eu fui na costureira e mandei ela fazer uma saia tradicional e um blazer pra mim. Quando ela fez, que eu vesti e me olhei no espelho, Deus falou assim: - É assim que eu quero você. [Rosa, 54 anos]

Eu tive uma infância muito boa. Nunca tive falta de nada, nem socialmente, nem economicamente, nem culturalmente. Então eu tive muitas oportunidades, e numa dessas oportunidades fui pros Estados Unidos fazer um trabalho de convivência internacional. Um órgão da ONU levou estudantes pra fazer intercâmbio e eu fiquei dois meses lá. Foi uma experiência muito boa, “paz e amor”, “bicho”, o pessoal dessa geração, então eu sempre tive uma cabeça muito aberta. Mas eu tinha um outro lado meu, subjetivo, e desse lado subjetivo eu tinha uma falta muito grande, esse vazio, o vazio do ser humano. Eu tinha esse vazio muito claro e ele ia aumentando conforme os anos se passavam. Desse vazio eu sentia a necessidade de buscar esse deus que estava distante. Não sabia onde encontrar, qual era o caminho. Eu já tive algumas experiências com o sobrenatural e aquilo me incomodava muito. Aí eu tinha uma amiga do ensino médio que falava da bíblia pra mim. Eu achava aquilo ridículo, mas como eu amava a minha amiga eu prestava atenção. Achava que pessoal de bíblia era gente feia, que se vestia mal, gente que só pensava em gritar em praça pública e dizer que ia todo mundo pro inferno, e eu também achava que eram pessoas que não tinham cultura. Era essa a minha impressão. Aí numa dessas brigas de adolescente, eu com raiva fui pro cabeleireiro e lá tinha uma moça com um olhar que me atraía e me constrangia ao mesmo tempo. Comecei a conversar com ela falei da viagem, do filme “O Exorcista” que eu assisti em Nova Iorque e ela começou a falar de Jesus. Aí eu falei assim: “Ah, eu acho interessante isso que você tá falando; eu realmente busco muito” - porque eu ia pro espiritismo. Aí ela falou: “Você conhece Jesus?”. – Conheço ué, super conhecido. Dependendo da igreja que eu vá ele é de ouro, pedra, pau, prateado... “Não filha, não é isso. Você quer receber Jesus no seu coração? Ele pode te dar paz”. – Paz?! Porque eu não tinha paz no meu coração. Aí eu falei – Como é que faz? “Abre o teu coração que Jesus vai entrar”. Eu falei – Só isso? Eu faço tanta coisa: vou jogar flor no mar, faço isso, faço aquilo... Não precisa fazer nada? Nunca vou conseguir ter a fé que você tem. Mas então tá, vou falar: “Jesus, entra no meu coração”. Quando eu falei aquilo... olha, impressionante, foi um impacto. Eu comecei a sentir aquilo descendo, uma paz, e eu me emocionei. Até pedi desculpas, porque eu tava chorando debaixo do secador; comecei a sentir águas que caíam sobre a minha cabeça. Não tinha água, mas a sensação era de águas frescas que caíam sobre a minha cabeça, porque eu já tava acostumada a sentir o sobrenatural, só que dessa vez o sobrenatural veio do próprio Deus. E desde aquele momento eu nunca mais deixei Jesus, porque entendi que ele nunca mais me deixaria também. E aí começou a minha vida cristã; não religiosa, mas buscando o cristianismo autêntico. Isso não significa que eu não tivesse momentos muito religiosos, mas isso faz parte quando se é novo. Aí vem aquela coisa do equilíbrio quando a gente vai passando o tempo, e a gente tá sempre aprendendo, Rita. Jesus nos chama para estar aprendendo. E assim foi minha conversão. Eu sempre fui muito elegante, mas eu também tinha assim, roupas muito extravagantes. Não que eu quisesse chamar a atenção de alguém pela minha roupa, mas porque eu fui habituada, e quando eu aceitei Jesus eu continuei. Só que, como eu te falei, parei de usar transparência, frente única me constrangia - isso naquele

momento. Depois com o passar do tempo, que eu fui amadurecendo, aí eu vi que não tinha nada a ver. [Raquel, 58 anos]

Curiosamente, algumas informantes cujo discurso apresentava certo rigor moral não souberam esclarecer exatamente qual foi o elemento que operou a transformação no modo de vestir. Outras ofereceram respostas com as quais é possível presumir que sua transformação foi oriunda de um rígido ascetismo e das pressões sociais contidas nos costumes da congregação. Sob este ponto, essas mulheres ofereceram-me retornos relativamente complexos ou paradoxais. Até mesmo elas parecem perceber, esquivamente, a precariedade das respostas que oferecem a questões colocadas sobre as práticas de vestir.

Nessa época que eu era jovem era difícil pra mim; na época era tudo proibido. Hoje em dia mudou bastante, mas é curioso... Porque mesmo hoje em dia tendo evoluído essa questão, ainda tá muito enraizada essa mentalidade de que a calça é pro homem e a saia é pra mulher. Infelizmente está, porque foi uma coisa muito durona, aquilo assustava as pessoas, mas de primeiro as pessoas eram mais tementes a Deus. Hoje em dia, infelizmente, mudou muito. Você vê, hoje eu não boto calça, porque foi tão entranhado isso em mim, que era pecado, que era errado, que eu boto calça comprida e me sinto estranha. Eu sei que eu não estou errada, que não estou pecando, mas a gente ficou tão “coisa” que a gente se sente estranha, não sente aquela liberdade. Isso tudo mexe com o ser humano.

[Andrea, 55 anos, Assembleia de Deus]

Eu vejo que de lá pra cá mudou muita coisa. Na época antiga tinha aquelas irmãs antigas, década de 60, 70, mas quando eu entrei, meados dos anos 90, ainda peguei aquele pedacinho da saiona, de blusa assim [manga comprida], aí se a gente botasse camiseta eles ficavam falando, se a gente botasse um short em casa, né...

- E você ia assim pra igreja?

Eu ia, né... Tinha que ir. Em casa eu botava camiseta, ainda boto. Mas pra ir pra igreja não boto, não; uso uma blusinha mais fechada, de manga, porque senão eles podem ficar me olhando assim, então eu não boto.

[Rute, 48 anos, Igreja Cristã Renovada em Cristo Jesus]

- O que você acha que mudou em você antes e depois da conversão?

Aqui você mantém conhecimento do poder, do operar de Deus – o quanto Deus é poderoso, o quanto Deus pode atuar na nossa vida desde o momento que você cria mesmo, de sincero coração. Porque o nosso coração tem que estar limpo; não é com ódio, nem com mágoa nem com falsidade, para que Deus faça uma obra em nosso coração. E aqui nós não temos estudos de teologia: tudo é ligado pelo Espírito Santo de Deus, entendeu? Não temos dízimo; o dízimo era no tempo de Moisés. Aqui você dá aquilo que você quer, aquilo que você pode, ninguém vai te cobrar nada. Aqui todo mundo vive assalariado; quem não trabalha é porque já é aposentado. Aqui nós não temos pastor, pastor para nós é Jesus Cristo.

- É, isso você me falou ao telefone. Mas e sobre a questão do uso do véu. Por que as mulheres precisam usar o véu dentro da igreja?

Porque é poderio dos anjos, está escrito na Bíblia. Quando a Rebeca foi encontrar com Isaque, de longe quando ela avistou ele, ela cobriu o rosto. Eu já ouvi muitos testemunhos – não só aqui como em outras igrejas – da pessoa estar passando mal,

colocar o véu em cima da dor, fazendo oração e a dor passar. E aqui, conforme você viu, os homens sentam de um lado e as mulheres do outro. Isso tá escrito. Eu não sei dizer em que parte, mas eu já escutei essa parte na Bíblia. É poderio dos anjos.

- E o fato de sentar mulheres à direita e homens à esquerda tá escrito na Bíblia também?

Essa parte aí não sei explicar a você, mas eu acho que sim, porque isso é desde o início do ministério dessa igreja em São Paulo⁶.

[Heloísa, 58 anos, Congregação Cristã do Brasil]

O drama da conversão, onde o corpo atua como lugar de negociação entre razão e emoção, tem como um dos efeitos primordiais a materialização de uma nova performance nos modos de vestir. Quando este fenômeno acontece, o corpo e a vivência cotidiana confirmam a dinâmica da transformação. Além disso, as experiências com o sagrado funcionam como uma espécie de “bússola”, encarregada de orientar a expressão pública dos comportamentos gestuais e indumentários dessas mulheres.

Embora a religiosidade protestante nos dias de hoje atue de maneira comparativamente mais “permissiva” e/ou liturgicamente mais “leve”, o sentimento de transformação deve, segundo as pesquisadas, ser buscado e posto em prática no dia a dia, de modo a tornar a fé cada vez mais utilitária e individual. Para que a conversão tenha efeito sobre a sujeição, não bastaria apenas abandonar o modo de vestir anterior, mas transformar a própria subjetividade, transformar-se em “outra pessoa”. A conversão diz respeito a processos contínuos de assimilação de determinada “verdade” como forma de individualidade.

Bom, eu entendo aquele versículo que diz que nosso corpo é templo do Espírito Santo, então se é templo do Espírito Santo você tem que andar da melhor maneira. Você tem que andar de uma forma que não vai causar nenhum escândalo, não vai causar nenhuma dificuldade pra quem tá te vendo. Acho que a imagem tem um poder muito importante, até pra trazer uma credibilidade pra quem está ouvindo. Acredito que tem que ter uma postura, tem que ser uma roupa mais decente, porque a imagem é tudo. Nós somos muito visuais, então acho que andar bem vestida pra quem tem um cargo, está à frente, deve ter uma postura mais séria com relação à roupa. Acho que a aparência é importante. [Jéssica, 33 anos, Igreja Batista]

A igreja é uma instituição, né? Vamos pensar numa instituição de trabalho, comparando. Uma mulher que tem determinado cargo ela tem que denotar respeito, então a roupa dela vai influenciar, porque é visual. Eu acredito que seja muito mais por isso, a questão de que a roupa dela não possibilite que outros a vejam como uma pessoa infantil, imatura, como uma mulher que não é de Deus. Por exemplo: não tenho seio muito grande, então posso colocar uma blusa e não vai impactar tanto,

⁶ Notar que ao ser questionada sobre o que mudou em si antes e depois da conversão, a informante da Congregação Cristã do Brasil oferece respostas que fogem à indagação, atestando uma aparente incerteza sobre este aspecto.

porque vai ficar discreto. Agora, tem mulheres que tem o seio maior, corpo de mulher “boazuda”, e isso pode suscitar um monte de coisas, a questão da lascívia. Se isso acontecer, ela tem que ter o bom senso de se vestir mais comportada, sem decote. Estou pensando numa pessoa que chegou agora, que não entendeu ainda o que é aquela instituição “igreja”. Então é a questão do respeito, e em outros lugares seculares isso funciona muito bem: não se portar de qualquer forma, ter um diferencial que pode ser as vestes. Acho que não é uma regra, “tem que ser assim”, mas tem que ter o bom senso, tudo é bom senso. Quando vira regra as pessoas não querem fazer. O ser humano não gosta de regras – ele tem que entender por quê ele tem que fazer isso. Se eu não entender o porquê daquilo (e às vezes é difícil), o porquê daqueles comportamentos, e pedir a luz do Espírito Santo, pedir a Deus, eu não vou conseguir fazer aquilo, porque vai ser uma obrigação muitas vezes. Não pode ser uma imposição, tem que ser o bom senso. [Vivian, 32 anos, Igreja Batista]

O termo “conversão” pode oferecer exatamente a ideia de uma mudança que se efetua a partir da substituição de certos códigos por outros. Como se opera esta substituição? O processo que permite a compreensão da conversão “é similar ao da compreensão da vida emocional dos povos: ele implica um problema de tradução. A conversão à religião evangélica é um fato que se inscreve num quadro onde se associam emoções, formas de experiência e conotações de percepções” (Costa, 2006, p. 88). Ser tocada por Deus, no discurso das fiéis entrevistadas, não parece ser uma experiência que se esgote; antes, o evento inaugura (ou dá continuidade) a um processo de reflexão e tomada de decisões perante a vida cotidiana.

Assim, encontro por trás dos depoimentos sobre a conversão não apenas referências à importância da transformação e das emoções provocadas, mas também referências à necessidade de se inaugurar uma nova forma de agir, de se portar, de se vestir – uma nova maneira de *ser crente*, de se distinguir. Portanto, as pretensões da mulher evangélica para com o vestuário não são apenas torná-lo um objeto útil para o seu dia a dia ou para ir ao templo religioso. Ao fazer do vestuário um elemento de distinção, a evangélica fixa a diferenciação que essa roupa pode dar e a mensagem que pode transmitir através dela.

4.2

Códigos x contextos

Além das questões morais, pude notar em algumas igrejas que certos códigos estéticos estão ligados ao funcionamento do próprio grupo ou são da ordem de uma liturgia. Na Congregação Crista do Brasil, por exemplo, somente as mulheres podem tocar o órgão, instrumento que acompanha as canções em momentos solenes no

culto. Aquele fato chamou muito a minha atenção, mas minhas interlocutoras da CCB não souberam explicar o porquê dessa norma. Uma pesquisa na bibliografia revelou que nos primeiros anos da Congregação Cristã no Brasil as mulheres faziam parte da orquestra em todas as igrejas, como ocorre em outros países. Todavia, após uma assembleia geral feita em 1961 elas foram excluídas dos conjuntos musicais, ficando restritas apenas ao órgão (que fica num canto separado, no meio da igreja, cercado por uma espécie de altar de madeira), estando a mulher “impedida de toda e qualquer oportunidade para o inimigo causar dano à Obra de Deus” (Valente, 2015, p. 46).

Nas Congregações Cristãs no exterior as musicistas fazem parte da orquestra e recebem aulas gratuitas na igreja - com exceção da França, Inglaterra e Paraguai, que seguem o sistema do Brasil (Valente, op. cit., p. 48). No país, a restrição de o feminino integrar a orquestra persiste e as mulheres de fato não podem tocar outros instrumentos além do órgão – os quais geralmente são tocados por moças bastante jovens. Além disso, nem sempre elas podem participar dos cursos de música oferecidos gratuitamente nas igrejas. Importante ressaltar que o véu da organista que estava no templo da CCC na Taquara, bairro do Rio de Janeiro, que visitei, era diferente dos das demais jovens, mais simples e curtos. Feito de tule com renda guipir (mais ornamentada) e de comprimento mais longo, esse véu, de certa forma, materializava a importância da organista naquele contexto religioso (Figura 9).



Figura 9 – Jovem organista em uma Congregação Cristã do Brasil. Fonte: CCB Blogspot.com⁷

⁷ Disponível em <http://congregaocristanobrasil-ccb.blogspot.com.br/>. Acesso em: 17 jan. 2016.

Os cultos na Igreja Universal do Reino de Deus são repletos de simbologias e códigos estéticos específicos. Geralmente os membros que são obreiros utilizam durante a liturgia do culto um colete colorido de tecido TNT⁸ com a logo da campanha de oração e o uniforme. Na IURD o significado apreendido é o de que as cerimônias são atividades laborais específicas⁹. Por essa razão, os que nela atuam devem usar roupas semelhantes, como forma de demonstrar que estão todos na mesma comunhão e com o mesmo objetivo no trabalho para o sagrado. Os obreiros homens, invariavelmente, utilizam calça preta e camiseta branca com o colete por cima. Já as mulheres possuem diferenciações no vestuário, o que revelou certa perspectiva de hierarquização. Para elas há dois tipos de uniformes, conforme apresentado nas Figuras 10 e 11: um mais simples (saia preta, blusa de algodão “tipo” camiseta, o colete do culto e sapatos pretos), outro mais ornamentado (saia azul escura, blusa branca de botão em tecido crepe de seda ou musselina, lenço azul e vermelho na gola, meia-calça e sapatos pretos).



Figura 10 – Uniforme das obreiras iniciantes na Igreja Universal. Fonte: Levantamento de campo (2015).

⁸ Sigla para “tecido não tecido”, feito a partir de fibras plásticas que são aglomeradas e fixadas. O TNT é um tecido mais barato devido a sua capacidade produtiva, além da economia gerada pelo fato de não passar pelos processos têxteis tradicionais. Mais adiante, na exposição da especificidade do uso do colete de TNT e o uniforme de obreiras da IURD com maior tempo de pertencimento na denominação, será possível observar a distinção que se estabelece entre as hierarquias a partir das peças de vestuário.

⁹ Na IURD o obreiro contribui para a evangelização e conversão de pessoas e também atua como auxiliar do pastor na execução de ações durante o culto. Por exemplo, acomodar os fiéis, orar por eles, distribuir objetos que fazem parte do caráter místico da reunião (tais como rosas, fitas, lenços, óleos etc.), entre outras tarefas. Segundo definição da Igreja Universal, os obreiros “são voluntários que se empenham em contribuir para a evangelização e ajuda da obra de Deus”. Disponível em <http://iurdrecreio.com.br/obreiros/>. Acesso em 26 ago. 2015.



Figura 11 – Modelo de uniforme para as obreiras mais antigas na Igreja Universal.

Fonte: Levantamento de campo (2015).

Pela distinção nas roupas e pelo intenso trânsito das obreiras durante o culto, pude perceber que elas detêm uma responsabilidade diferente ou mais especial que a dos homens. Geralmente são elas que estão à frente do púlpito nos momentos de oração, na distribuição dos objetos místicos e na escuta diretiva para os fiéis após o término da reunião. Ao conversar com Rosilene¹⁰, uma de minhas interlocutoras na IURD, questionei-a sobre por que ela e suas companheiras estavam vestidas com o uniforme mais simples e por que somente uma obreira usava uma roupa mais ornamentada. Ela explicou-me que esse uniforme “diferente” seria para aquelas obreiras que estão há mais tempo na igreja e são consideradas modelos de vida espiritual, de conduta cristã e de exercício do trabalho durante o culto. Para traduzir e materializar a exposição, ela citou o seu próprio caso. Embora estivesse na IURD há mais de 10 anos, houve um momento em que ficou “fraca na fé”¹¹. Por tal razão, não poderia usar o uniforme “bonito”. Ela comenta que em meio a esse cenário necessitou de um período de afastamento da igreja e que quando voltou foi

¹⁰ 44 anos, membro da IURD do Catumbi (Levantamento de campo, julho de 2015).

¹¹ Para os evangélicos, estar “fraco na fé” significa vivenciar situações contraditórias à moral protestante que afastam o indivíduo de uma vida espiritual com Deus, interrompendo o diálogo com a dimensão sagrada e afetando a atuação do desté nos trabalhos no templo.

reconsiderada no grupo das obreiras mas teve que regressar ao período de estágio inicial. As outras obreiras com pouco tempo de conversão (de 1 a 3 anos) também utilizam o mesmo perfil de indumentária e tanto elas quanto a minha informante aguardam o momento em que serão consagradas em outro nível de atuação, em que poderão utilizar o uniforme ornamentado.

Na Igreja Cristã Maranata, a atmosfera é outra e com uma cerimônia bastante solene. Nascida de um cisma da Igreja Presbiteriana, o culto lembra as reuniões das igrejas europeias do campo, tal como se veem em filmes da metade do século XX. Ninguém bate palmas, os participantes ficam sentados durante a maior parte do culto e todos entoam as melodias harmonicamente, semelhantes a um coral. Inclusive, ao final do culto uma mulher repassa algumas músicas cantadas com os presentes, apontando os erros de entonação e corrigindo-os para cantarem corretamente na próxima vez.

Entre as mulheres, verifiquei que todas usavam saias ou vestidos de comprimento nos joelhos, ou abaixo deles, e blusas de manga média ou comprida. Todas tinham cabelos médios ou longos e muitas estavam com os cabelos alisados, inclusive as negras. Estávamos na zona central do Rio de Janeiro, na ocasião a temperatura do dia estava quente, mas no culto as mulheres não estavam vestidas à carioca: trajavam-se de modo bastante modesto, como se vivessem em uma cidade de clima mais ameno, explorando o uso de terninhos e boleros. Por sua vez, os homens que exercem uma função na igreja estavam todos de terno e gravata. Por ter um culto absolutamente solene, pareceu-me que essa austeridade presente na liturgia e na atmosfera da igreja tem que ficar visível também nas roupas.

Outros detalhes observados foram que as evangélicas da Cristã Maranata, em geral, não usam brincos (somente as mais jovens e ainda assim bem pequenos). Dos itens de maquiagem só foi possível ver o batom de cor clara, também nos lábios das mulheres jovens. Esmalte nas unhas nenhuma delas utilizava. Segundo uma das minhas informantes, costuma-se na Igreja Maranata incentivar a mulher a ter uma postura tradicional e modesta (Figura 12): usar roupas que não chamem a atenção, ter falas moderadas e fazer pouco ou nenhum uso de maquiagem ou unhas pintadas. “As mulheres não devem ir à igreja parecendo uma palhaça”, diz outra jovem. Pergunto o que isso significa. Ela diz que seria a mulher estar com o rosto “pintado” de blush, sombra e batom fortes, pois estes não seriam sinais de uma mulher que se apresenta com modéstia.



Figura 12 – Jovens membros da Igreja Cristã Maranata.

Fonte: Levantamento de campo (2015). Créditos: Clara Lourenço.

Não obstante, um ponto interessante no discurso das moças da Maranata foi que, de forma latente, elas associam baixa condição econômica a certo “mau gosto” no modo de vestir. Para elas, as roupas “indecentes”, não modestas, são típicas das lojas populares. Logo, a pessoa que por suas condições financeiras só poderia ter acesso a essas lojas se vestiria em não conformidade com o padrão estético protestante. Pergunto em quais lojas poderiam ser encontradas roupas adequadas para a evangélica. Elas citam as marcas Enjoy, Ecletic e Zinzane, pois consideram que são lojas onde as roupas são de tecidos de melhor qualidade, corte simétrico e bom caimento, além de serem indumentárias mais “decentes”. Neste sentido, a posição do grupo assinala “certas comunalidades de resultados sociais, que se articulam com outros eixos de significação” (Brah, 2006, p. 342).

Na Base Missionária PinGODágua, o *dressing style* é mais alternativo, dado que a maior parte dos componentes do templo é de músicos. As moças e rapazes que lá frequentam já carregam a identificação uma cultura pré-definida – o punk rock, o *rap*, o piercing, a tatuagem. O lugar não recebe o título de igreja e sim de “base missionária”, havendo várias delas espalhadas na zona oeste da cidade. Essas bases funcionam como casa de recuperação para dependentes químicos – geralmente jovens que o pastor Valmar Neves passa a conhecer em suas viagens pelo país com a banda PingoDágua. De acordo com o pastor, o objetivo da base é justamente ajudar esses jovens a abandonar o uso de drogas e serem estimulados à conversão, mas sem perderem os traços de seu estilo de vida original.

Na PinGODágua não há costumes ou regras específicas em relação ao vestuário e as mulheres podem se vestir como quiserem – inclusive de short e minissaia -, desde que respeitando o bom senso e a modéstia (Figura 13 e Figura 14). Pr. Valmar argumenta que a Base PinGODágua não estabelece normatizações nas vestimentas porque eles se baseiam na simplicidade de Jesus, “justamente pra mostrar que a importância de uma vida espiritual não está nas roupas, na elegância das peças do vestuário, mas sim na humildade e na modéstia”¹².



Figura 13 e Figura 14 – Jovens mulheres membros da Base PinGODágua. Fonte: Levantamento de campo (2015).

A Igreja da Orla em Charitas, Niterói, tem um público majoritariamente jovem e de classe média alta. O *dress code* das moças (Figuras 15 e 16) é muito semelhante àquele encontrado nos ambientes universitários cariocas: muitos jeans e t-shirts; nos pés, sandálias de couro e diferentes estilos de tênis, como All Star, Alpargatas e Rainha “Skiper” (tênis usado por skatistas). Elas também usam muitas blusas de seda, crepe e outros tecidos finos. Cultivam cabelos longos e algumas usam óculos de estilo, com ar de intelectual. A Igreja da Orla possui um ministério de jovens chamado Mosaico. Nas reuniões do grupo tocam-se músicas com sonoridade bastante alternativa para os padrões evangélicos (remete ao ritmo de Los Hermanos). Também promovem rodas de conversa, debates, *coffee break* e outras atividades.

¹² Valmar Neves, pastor da Base Missionária PinGODágua. Levantamento de campo, julho de 2015.



Figura 15 – Cantoras da banda do Ministério de jovens Mosaico, da Igreja da Orla em Niterói.

Fonte: Levantamento de campo (2015).



Figura 16 – Jovens durante culto na Igreja da Orla em Niterói. Fonte: Levantamento de campo (2015).

Aqui se encontra um ponto de convergência nas práticas do vestir entre as jovens da Base PinGODágua e as da Igreja da Orla. Pude notar especial importância dada à questão da modéstia no que tange ao senso de pudor em relação a partes do corpo como pernas, seios e glúteos, de modo a não ferir a moral e os costumes bíblicos. Entre elas usam-se, por exemplo, minissaias com meia-calça fio 80 ou 150

(de espessura mais grossa, para cobrir as pernas), calças justas com um lenço ou casaco amarrado ao quadril, blusas compridas ou sobrepostas uma à outra, etc. Se o vestuário é o elemento principal na relação entre identidade evangélica feminina e representação, na PinGODágua e na Orla as moças não deixam de recorrer à manipulação de algumas peças indumentárias, resignificando-as e deslocando o foco das atenções.

A Igreja da Lagoinha, também em Charitas, se caracteriza por ter uma atmosfera peculiar e completamente distinta das demais igrejas evangélicas no Rio de Janeiro. Desde a sua inauguração em 2013 muito se propalou a respeito dela na mídia jornalística, que classificou a Lagoinha Niterói como uma “igreja boate”¹³. Isto se deve ao fato de a arquitetura, decoração e clima do templo lembrar o ambiente das boates noturnas (Figuras 17, 18 e 19). Há camarotes, luz interna baixa, palco refletido por luzes neon, saídas de segurança por todos os lados, *lounge* do lado externo (com lanchonetes e paredes de *selfie*), além de frequentadores que aparentemente prezam o culto ao corpo. O trabalho religioso noturno teve início às 21h, horário em que as reuniões na maior parte das igrejas estão terminando.



Figura 17 – Público jovem na Igreja da Lagoinha.

Fonte: Levantamento de campo (2015)

¹³ Exemplos dessa conotação jornalística podem ser encontrados nas reportagens do jornal O Globo, jornal O Dia e do portal evangélico Gospel Mais, assinaladas respectivamente:

“Culto noturno atrai jovens com shows, teatro e megafestas”. Disponível em <http://oglobo.globo.com/rio/bairros/culto-noturno-atrai-jovens-com-shows-teatro-megafestas-15721406>. Acesso em 22 abr. 2015.

“Espetáculo de fé com jeito de boate e linguagem descontraída”. Disponível em <http://odia.ig.com.br/niteroi/2014-10-26/espetaculo-da-fe-com-jeito-de-boate-e-linguagem-descontraida.html>. Acesso em: 17 jan. 2016.

“Filiais da Lagoinha voltadas para jovens fazem sucesso com jeito de ‘boate’ e atraem milhares”. Disponível em <http://noticias.gospelmais.com.br/filiais-lagoinha-fazem-sucesso-boate-75701.html>. Acesso em: 17 jan. 2016



Figura 18 e Figura 19 – Palco de apresentações na Igreja da Lagoinha.

Fonte: Levantamento de campo (2015).

Minha visita à Igreja da Lagoinha ocorreu durante uma programação de jovens chamada *Nexteen*, que consistiu de palestras, sermões de pastores bastante novos e apresentações de cantores e bandas dos mais diferentes estilos musicais. Naquela ocasião, de fato havia muitas pessoas com corpos malhados, esculpidos, tanto por parte das mulheres quanto dos homens, apontando para uma preocupação forte com a estética corporal. Ao ser indagada sobre como percebia esse aspecto conjugado à crítica da mídia, a informante Raquel, que também é pastora de mulheres respondeu-me:

Na verdade vamos por partes nessa questão jornalística. Boate por quê? Porque ela sai fora de um contexto tradicional de igreja, principalmente em termos do olhar do Brasil. Se você for lá fora tem muitas igrejas assim. Tem a Hillsong, que é uma igreja assim em Nova Iorque – ela é toda preta, com luzes. A gente tem uma igreja chamada Gateway, em Dallas, que é daquelas igrejas americanas, grandes... Então o nosso pastor baseou essa igreja nossa nessas igrejas. Ele veio de uma Lagoinha de BH, que é uma igreja enorme, mas tem um perfil tradicional, e a nossa é de um perfil mais arrojado. Mas ele veio justamente com essa influência de outras igrejas que lidam muito com jovens. Então pelo fato de ser preto o pessoal confunde um pouco. A intenção do nosso pastor é tratar pessoalmente. Então ele quis fazer um perfil jovem pra atrair realmente os jovens, pra sair do tradicionalismo que a gente vê nessas igrejas que ficam naquela coisa muito religiosa.

O perfil estético feminino da igreja é bastante diversificado, semelhante àquele utilizado por jovens que costumam frequentar ambientes noturnos (Figuras 20 e 21): roupas com detalhes brilhosos, saltos altos (havia jovens que usavam salto agulha), maquiagem caprichada, cabelos escovados. Algumas meninas apresentavam até mesmo cabelos *black power* ou *dreadlocks*. Botas de couro, t-shirts tipo “babylook” e calças justas também completavam o visual delas. O sermão proferido pelo jovem

pastor teve uma interação divertida com a plateia, sem abrir mão da profundidade teológica, fenômeno pouco comum nas igrejas tradicionais. No lounge onde se vendiam souvenirs (incluindo as típicas canecas de acrílico para drinques) tinha à venda muitos livros sobre vida espiritual evangélica, a maior parte com temática jovem e feminina. Pelo que foi possível perceber, os jovens em geral desfrutavam com bastante gozo do ambiente da Igreja da Lagoinha. A reunião terminou por volta da meia-noite.



Figura 20 e Figura 21 – Perfis estéticos femininos na Igreja da Lagoinha.

Fonte: Levantamento de campo (2015)

Na igreja Adventista do Sétimo Dia, o culto sabatino é bastante solene, e também a mais social entre as programações da igreja. Na ocasião da visita as mulheres estavam bem elegantes, reproduzindo também o estilo modesto (Figuras 22 e 23): vestidos tubinho, maquiagem translúcida, sapatos de salto médio, bolsas as mais diversas. As senhoras de idade também acompanhavam o estilo: estavam com os cabelos bem armados, usavam camisas de botão estampadas e de tecido fino e saias de corte reto. As fiéis não utilizam bijuterias ou joias; apenas relógio e aliança, para as casadas. Minha interlocutora, Sueli, argumenta que esse padrão não está descrito na Bíblia, mas é um costume da igreja local. Aquelas que desejam fazer parte da Adventista devem respeitá-lo. Outro detalhe importante é que Sueli e outros fiéis que estavam no templo se referiam às mulheres de sua denominação como “as adventistas”, dando a aparência de que esta seria uma categoria à parte das outras mulheres evangélicas.



Figura 22 e Figura 23 – Mulheres membros da Adventista do Sétimo Dia em Santa Teresa. Fonte: Levantamento de campo (2015).

Cabe ainda relatar as peculiaridades observadas no Templo de Salomão, na cidade de São Paulo, considerado a maior catedral evangélica do país. Não foi possível fotografar no interior do santuário, pois ocorria a revista com seguranças antes da entrada e os aparelhos eletrônicos tinham de ser deixados no guarda-volumes. Ao que parece o Templo de Salomão inspira ser um lugar de culto único (Figura 24), quase que desvinculado à filiação ou nomenclatura "Igreja Universal". A estética indumentária no Templo de Salomão – sobretudo entre as obreiras - é bastante peculiar e o que de fato assemelha o templo às outras unidades da IURD são apenas a liturgia do culto e o discurso do bispo.



Figura 24 – Fachada do Templo de Salomão.

Fonte: Levantamento de campo (2015).

As obreiras estavam vestidas com traje especial, exclusivo, diferente do que é costumeiramente usado nas outras unidades da Universal do Reino de Deus. Trajavam uma túnica longa e com mangas compridas, em tom *off-white*, com uma faixa dourada amarrada à cintura e sapatilhas brancas (Figura 25). Os homens que trabalham no templo estavam todos de terno preto e gravata vermelha. O trânsito das obreiras no interior do templo é bem maior que o dos homens. Há índices de que elas detêm maior responsabilidade no funcionamento da liturgia do culto.



Figura 25 – Obreiras do Templo de Salomão.

Reprodução: Universal.org¹⁴ (2014).

Entre o público do templo observei que o *dress code* regulamentado para se ir ao santuário¹⁵ - estimulando um vestuário com sofisticação - não é necessariamente seguido à risca, talvez porque muitas pessoas não saibam que ele exista. Não

¹⁴ “Primeira consagração de obreiros no Templo de Salomão”. Disponível em <http://www.universal.org/noticia/8700/01/17/primeira-consagracao-de-obreiros-no-templo-de-salomao-31386.html>. Acesso em: 10 out. 2015.

¹⁵ Quando da inauguração do santuário, em 2014, a Igreja Universal publicou em seu site um guia sobre o *dress code* a ser seguido pelas frequentadoras do Templo de Salomão. Atualmente essa reportagem não está mais disponível na página da organização. Todavia, como o assunto repercutiu em outras mídias eletrônicas ainda é possível encontrar na internet diversas matérias que versam sobre o tema. Alguns exemplos são as reportagens veiculadas nos portais O Globo, IG e Pragmatismo Político:

“Igreja Universal publica guia de como as mulheres devem se vestir no Templo de Salomão”. Disponível em <http://oglobo.globo.com/sociedade/igreja-universal-publica-guia-de-como-as-mulheres-devem-se-vestir-no-templo-de-salomao-13560056>. Acesso em: 06 fev. 2016.

“Templo de Salomão pede a mulheres que esqueçam a legging e a estampa de animal”. Disponível em <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2014-08-11/templo-de-salomao-pede-a-mulheres-que-esquecam-a-legging-e-a-estampa-de-animal.html>. Acesso em: 06 fev. 2016.

“Como se vestir no Templo de Salomão?”. Disponível em <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/08/como-se-vestir-templo-de-salomao.html>. Acesso em: 06 fev. 2016.

obstante, inúmeras mulheres empreenderam esforço para estarem vestidas de maneira "adequada" à proposta do templo. Por exemplo, havia muitas de terninho, casacos longos, calças de corte reto, blusas mais fechadas, sem decote e com cores sóbrias. Os fiéis que lá frequentam aparentam ser de classes bem distintas (variando do D ao B). Em certas fileiras do templo observei um grupo de pessoas muito bem trajadas. Nesse dia era a reunião do Congresso para o Sucesso, que ocorre todas as segundas-feiras. Muitos dos que ali estavam se diziam empresários(as) nos mais diversos ramos.

De fato a questão da moda evangélica é um tema bastante efervescente e dinâmico, porque cada denominação enxerga as vestes sob um ponto de vista, de acordo com esta ou aquela finalidade. Assinalando a manutenção e a mudança dos valores assumidos nos âmbitos social e individual, a análise da estética e do corpo vestido nos templos protestantes permite perceber a manipulação de elementos sutis para estabelecer diferenças, considerando negociações de parte a parte em nome de um interesse coletivo. O vestuário feminino evangélico funciona como um componente para vivenciar a moral religiosa e expor a experiência da “transformação¹⁶”. Essa estética interessada é também uma reatualização de sua inscrição nos templos e em outros espaços sociais.

4.3

O cabelo

O cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo na sociedade ocidental. Em todo grupo social ele é tratado e manipulado, mas a sua significação difere de cultura para cultura. Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como significante de identidade, particularmente como suporte para a construção das identidades de gênero. Entre as evangélicas esse aspecto não é diferente: o cabelo, além de figurar como um vetor para o consumo estético, veicula alguns significados da cultura protestante.

¹⁶ Por “transformação” refiro-me a uma percepção nativa construída a partir do processo de conexão com a dimensão sagrada através da conversão, em que o corpo atua como lugar de negociação entre razão e emoção, no qual a experiência sensível do transformar-se é materializada em uma nova performance nos modos de vestir.

Em torno da manipulação do cabelo há diferentes narrativas. Em linhas gerais, a cultura evangélica atribui grande valor aos cabelos compridos, cujo fundamento encontra-se também nas recomendações das cartas do apóstolo Paulo no período da igreja primitiva, tal como descrito em 1 Coríntios Cap. 11, versos 5 a 15¹⁷:

Mas toda a mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta, desonra a sua própria cabeça, porque é como se estivesse rapada. Portanto, se a mulher não se cobre com véu, tosque-se também. Mas, se para a mulher é coisa indecente tosquear-se ou rapar-se, que ponha o véu. O homem, pois, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória de Deus, mas a mulher é a glória do homem. Porque o homem não provém da mulher, mas a mulher do homem. Portanto, a mulher deve ter sobre a cabeça sinal de poderio, por causa dos anjos. Julgai entre vós mesmos: é decente que a mulher ore a Deus descoberta? Ou não vos ensina a mesma natureza que é desonra para o homem ter cabelo crescido? *Mas ter a mulher cabelo crescido lhe é honroso, porque o cabelo lhe foi dado em lugar de véu.* (Grifo meu)

Segundo este modelo bíblico o cabelo é percebido como marcador distintivo. O preceito geral deste código estético-moral entre os evangélicos é: cabelos curtos para o homem, cabelos médios ou longos para a mulher. Quando a evangélica transforma este princípio em “radicalismo” – deixando os cabelos curtos ou pintando-os de vermelho, por exemplo -, ocorre um relativo deslocamento do que os papéis de gênero possuem entre os protestantes. Mulher de cabeça “descoberta”, dependendo do corte e da cor, pode aparentar sinal de desobediência, rebeldia, ou até mesmo a imposição de uma relativa igualdade ou superioridade ao homem.

Nas visitas em campo, observei que o cabelo comprido é recorrente em todas as correntes denominacionais, tendo relativa variação nas denominações históricas e alternativas, pois nestas há diferentes formas de manipulação das possibilidades capilares: comprimentos de cabelo indo do médio ao longo, matizes distintas, cortes em fio reto ou repicado etc. (Figuras 26 e 27). Nas denominações em que o entendimento da modéstia é mais rígido, o cabelo feminino comprido é quase unanimidade (salvo raras exceções entre as mulheres negras, cujos fios capilares, mais sensíveis, estão mais propensos à quebra). Nas igrejas tradicionais é possível encontrar cabelos longos em todas as faixas etárias, principalmente entre mulheres acima dos 50 anos (Figura 28).

¹⁷ Bíblia Sagrada, tradução em português de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.



Figura 26 e Figura 27 – Evangélica na Igreja Batista Atitude da Barra (à esquerda); Evangélicas na Comunidade Internacional da Zona Sul (à direita).

Fonte: Levantamento de campo (2015).



Figura 28 – Evangélicas da Assembleia de Deus do Leblon.

Fonte: Levantamento de campo (2015).

Nas entrevistas muitas informantes citaram que gostam bastante de cuidar do cabelo, variando de acordo com suas possibilidades econômicas e acesso aos espaços de beleza: algumas efetuam os cuidados no recinto doméstico, outras recorrem frequentemente a cabeleireiros. A beleza da mulher e seus cuidados aparecem no discurso das informantes não apenas como um prazer, mas também como uma obrigação social.

- O que você gosta de fazer pra ficar bem, bonita, jovem...
Primeiramente cuidar do cabelo, gosto demais. Acho que o cabelo é a moldura de toda mulher, com certeza. Toda mulher tem que cuidar do cabelo.
[Andrea, 55 anos, Assembleia de Deus]

- Você se considera uma mulher que gosta de cuidar da aparência?
Sim. Sou um pouco vaidosa, gosto de tudo um pouco; acho que fica tudo meio que balanceado. Mas assim, o que eu mais gosto mesmo é o cabelo.
[Jéssica, 33 anos, Igreja Batista]

Mas eu pinto o cabelo sim, porque não gosto dos cabelos brancos. Não sou beata, eu sou vaidosa. Já tive bem baixinho, assim “Joãozinho”, mas eu era adolescente e estava fora da igreja. Hoje em dia dentro da igreja tem algumas pessoas que querem o cabelo curtinho. Isso não afeta em nada a vida espiritual dela, mas Deus fala na Bíblia que a mulher não deve parecer como homem, e nem o homem parecer com uma mulher. Tem que haver a distinção, você tem que olhar pros dois e saber que o homem é homem e que a mulher é mulher.
[Sueli, 55 anos, Adventista do Sétimo Dia]

Algumas evangélicas apontaram o cabelo comprido como modo de expressão de uma experiência mística com o sagrado. Tais mulheres, por sua vez, atribuem grande valor ao cultivo dos fios longos como mandamento bíblico.

- E quando você parou de pintar o cabelo? Lembra mais ou menos que ano foi?

Lembro. Eu tinha meu filho Pedro, ele estava com 5 anos. Lá no lugar que eu estava, no interior da Paraíba, a igreja lá era muito rígida, não tem nem comparação com as igrejas daqui. Muito rígida, muito rígida! Eu já estava na Assembleia e falei pro pastor: “Não vou deixar de fazer, não”. Aí eu fui pro salão e a menina falou assim: “Senta aí que eu vou acabar de atender ela e já vou pintar teu cabelo”. Sentei lá e nisso enquanto ela estava lá tinha uma bíblia pequenininha e eu peguei. Quando eu abri a bíblia estava escrito que Moisés, quando sobe o monte pela primeira vez pra falar com Deus e desce, o rosto dele vem resplandecendo; e os cabelos dele também estavam resplandecendo, tinham ficado mais brancos. Quando eu abri caiu ali. E eu sempre falo pra Deus, pedindo pra Jesus: “Senhor, eu quero ver tua face. Eu estou nesse mundo, te aceitei, creio que tu és o filho de Deus, faço a tua vontade, mas a minha salvação é pra eu te ver naquele grande dia”. Ali naquela passagem está falando que Moisés tinha visto Deus face a face, por isso que o rosto dele vinha resplandecendo. Por isso ele teve que colocar o véu, porque o povo não aguentava olhar pra ele. E naquele dia, quando eu li aquilo, falei: “Não vou mais pintar meu cabelo”. Aí a menina continuou lá, e nisso eu continuei sentada lendo a Bíblia, e aí em espírito eu tava falando comigo assim: qual glória que eu queria mostrar? A glória de Deus ou a glória do homem? Aí veio a menina com a tinta. Quando ela botou a

tinta lá no negócio que eu olhei, aí uma voz falou: “Essa aqui é a glória do homem. Essa que você tá vendo no espelho é a glória de Deus”. Então esses meus cabelos brancos aqui são glória de Deus, porque Deus faz isso. A bíblia diz que um fio de cabelo seu preto você não pode tornar branco; só Deus faz isso. E o fio de cabelo seu que cai só Deus quem faz cair. Igual a folha: às vezes eu paro, fico olhando, a folha tá bem amarelinha, mas elas estão lá, agarradinhas. Outro dia estava ventando e elas lá, não caíram, porque a bíblia diz que só Deus faz ela cair. Aí naquele dia falei pra menina: “Desculpe, mas hoje eu não vou pintar o cabelo, porque eu quero refletir a glória de Deus igual Moisés refletiu”. E a menina que fazia isso era evangélica, da Batista. Falei: “Não, eu agora só mostro a glória de Deus”, aí não pintei mais o cabelo. Tinha dia que eu amanhecia e falava: “Olha o meu cabelo, todo branco! Senhor, meu marido não é um homem velho”. E Deus dizia: “Quem segura teu marido sou eu, não é o teu cabelo, não”.

[Rosa, 54 anos, Assembleia de Deus]

- Eu percebi também que praticamente todas as mulheres membros têm cabelo longo; acho que todas, né? Por que vocês têm cabelo longo?

Olha, presta atenção: nós não podemos compor cabelo curtinho. Como é que uma rainha se comporta diante de um rei? Bem adornada; acredito que até na televisão você já deve ter visto. Concorda comigo? E por que nós, que somos servas de Deus do Altíssimo, não podemos se adornar diante do rei da glória? Você tá me entendendo?

- E no caso da mulher negra? Porque geralmente as negras têm uma dificuldade de ter cabelo grande. As irmãs negras aqui na igreja, o cabelo delas como é que é?

Tem umas que crescem, mas é curtinho né, mas tem umas que nem cresce. A gente vai fazer o quê? Não pode fazer nada. E não é obrigado a pessoa de cor ter cabelo grande, porque Deus não tem acepção de cor. Se não cresce o cabelo é permissão de Deus; a pessoa é assim, Deus fez assim, criou ela assim. Agora, se a pessoa é branca e tem cabelos grandes, é o certo. Já vi testemunhos também de que a pessoa tá passando mal e uma pessoa, que nunca passou a tesoura no cabelo, passar o cabelo lá na dor e a pessoa ficar curada. Já vi muitos testemunhos assim também.

[Heloísa, 58 anos, Congregação Cristã do Brasil]

Essas mulheres que constroem sua identidade para se apresentarem socialmente, preocupadas com o olhar e a aprovação do outro, acreditam que é também por meio do cabelo que muitas vezes são rotuladas e classificadas. O exemplo de Vivian expõe essa tentativa de gerenciar as impressões alheias quando decide mudar a cor de seus cabelos, objetivando, por meio do consumo de tonalizantes, negar a identidade de mulher solteira e disponível que ela atribui ao cabelo loiro.

Desde adolescente, quando eu descobri tintas, sempre mudei a cor do meu cabelo, e nunca fico muito tempo com o mesmo corte. Já tive cabelo curtinho, médio... Agora que ele está maior, é a fase em que ele está maior. Então eu sempre variei cor, mas todo mundo que me conhece diz que eu recebo mais elogios por causa do loiro. Dizem que essa questão do loiro mexe com o homem, mas eu não quero mais ficar toda loira. Eu tava recebendo muita cantada no trabalho, na academia – de homem, de mulher, de homem casado - e isso é um perigo pra mim, pra minha vida espiritual. Pô, quem é não gosta de receber um elogio, né? Mexe muito com meu

ego. Eu sou sincera, não fico falando de hipocrisia, não. Vou falar: “Hum, não gosto que ninguém me elogie”. Ah, zoou, né? (risos). Então aí eu passei um tonalizante mas ninguém percebeu, porque foi bem discreto. Agora vou fechando a cor aos poucos, pra ele ficar mais natural. Quero o meu cabelo natural de novo, também porque o loiro dá muito trabalho e aí já estressa. Eu curto muito essa questão da estética, mas não gosto de ter trabalho. O cabelo loiro dá muito trabalho, e outro detalhe: ter cabelo loiro é muito gasto e eu não tenho paciência pra ficar em salão, odeio salão. Primeiro porque é um lugar de fofoca e eu não gosto; segundo porque é um saco ficar lá esperando o cara tingir o cabelo, eu não gosto. Faço minha unha em casa, escova em casa, não tenho paciência pra salão. E quando vou pra cortar tem que ser negócio rápido, fui e vim embora. É uma coisa que eu não tenho saco. [Vivian, 32 anos, Igreja Batista]

Outros diferentes significados podem ser notados nas falas das entrevistadas ao justificarem suas escolhas de consumo, refletindo a preocupação das participantes em estarem de acordo com os padrões de beleza contemporâneos. Algumas dão preferência ao consumo e ao cabelo liso, atribuindo o significado de praticidade aos fios alisados. O consumo e manipulação do cabelo surgem assim como uma importante fonte de identificação das informantes.

Ah, eu gosto de fazer o cabelo, andar de cabelo bonito. Ele era todo enroladinho, eu tirei. Acho que ele fica mais bonito assim.

- Tem quanto tempo que você tirou o cacheado?

Acho que tem uns 3 ou 4 meses. Por que eu tirei? Porque com cachinho eu tinha que molhar ele todo dia de manhã, botar creme para poder pentear, e tava enfraquecendo muito meu cabelo, tava caindo. Aí eu resolvi alisar ele, porque ele lisinho você não precisa estar molhando todo dia. É mais prático, por isso que eu tirei. Hoje eu prefiro manter ele assim, lisinho.

- O cabelo longo é adequado à mulher evangélica?

Acho que sim. Sempre falo que eu não pertencço ao “mundo”, mas vivo nesse mundo. Eu, particularmente, não deixaria meu cabelo curtinho como serva do Senhor. Já tive vontade de deixar ele aqui [na nuca], mas como serva do Senhor não corto. Já pensou eu na mesa de oração - tinha o cabelo longo, e daqui a pouco eu chego lá na mesa com o cabelo curtinho, igual a um homem? Nem todo mundo vai estranhar, mas eu vou estranhar. [Antonia, 53 anos, Igreja Cristã Renovada em Cristo Jesus]

Os relatos expostos atestam a importância significacional do cabelo como veículo de comunicação de identidade. Diferentes formas de manipulação estética do cabelo são usadas com a finalidade de trabalhar a apresentação de si em consonância com o *ethos* religioso. Mesmo que nas recomendações do apóstolo não haja a proibição do corte de cabelo nas mulheres, em linhas gerais verifica-se a valorização do caráter significativo do cabelo naquele momento bíblico (entre os anos 50/60 d. C.) descrito em 1 Coríntios cap. 11 transposta para o cenário contemporâneo.

4.4

O individualismo

Entre os teóricos que analisam a extensão da forma moda nas sociedades contemporâneas, Gilles Lipovestky é aquele que apresenta o individualismo como “a espinha dorsal da sociedade de consumo” (1987, p. 170), conceituando a moda e o processo de consumo fora do esquema da alienação e enquanto lógica social. Longe de remeter à razão exclusiva de atender um desejo, o consumo repousa sobre uma lógica do tributo e da distinção enquanto dispositivo encarregado de significar a posição social. Jamais se consome um objeto por ele mesmo ou por seu valor de uso, mas “em razão de seu ‘valor de troca signo’, isto é, em razão do prestígio, do status e da posição social que confere” (Lipovestky, op. cit., p. 171).

Desse modo, a sociedade de consumo com sua gama de objetos constitui um imenso processo de produção de valores signos, cuja função é significar posições e reinscrever diferenças sociais, operando sob o ímpeto da competição estatutária. Os objetos se formam em “expoentes de classe e de grupos, significantes sociais”, no qual a primazia é o “*standing*, a posição, a conformidade e a diferença social” (op. cit., p. 172).

Com base nos discursos das entrevistadas foi possível perceber que entre o final dos anos 1990 e a primeira década do século XXI houve uma ressignificação do vestuário feminino protestante, da qual o fenômeno maior foi materializado na adesão ao uso da calça. Antes entendida como peça de vestuário exclusivamente masculino, atualmente a calça comprida – especialmente a calça jeans – é um item básico no guarda-roupa de muitas evangélicas. Poucas informantes mais tradicionais ainda censuram a calça jeans. Todavia, mesmo diante das variações sobre a temática do vestuário os princípios de decência e modéstia continuam predominantes, embora de maneira mais branda do que em épocas anteriores. A liberdade de opções e de exercício dos gostos individuais ampliou-se na esteira do consumo da sociedade capitalista. Para assegurar a permanência de seus seguidores, à religião protestante foi necessário absorver esse fenômeno de diferentes maneiras.

Nos diálogos com as entrevistadas houve um momento em que eu as apresentava três fotografias de personagens de novelas e minisséries da Rede Globo, a fim de que elas apontassem aquela que mais se aproximasse da estética evangélica contemporânea. Foram unânimes em apresentar a resposta, escolhendo a figura da

personagem que aparece trajada de modo mais “comum” – representada pela personagem de Paula Burlamaqui na novela “Avenida Brasil”. As outras duas, em contraposição, revelavam aparência rígida e ascética, representadas pelas atrizes Juliana Paes e Nanda Costa na novela “América” e na minissérie “O Caçador”, respectivamente (Figuras 29, 30 e 31).

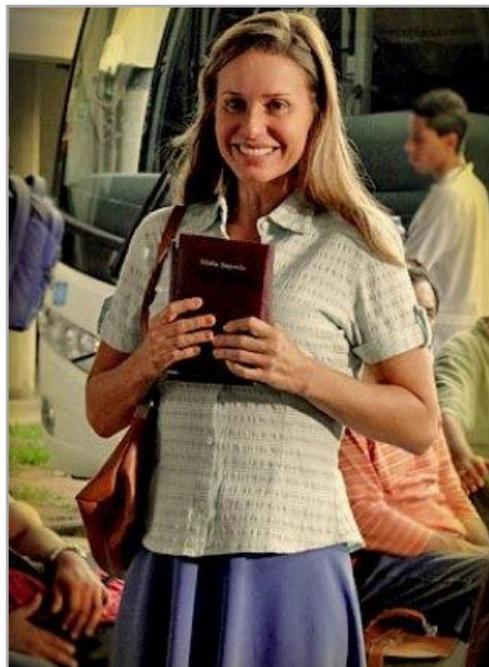


Figura 29 – Personagem Dolores na novela *Avenida Brasil* (2012).

Fonte: Extra/O Globo (2012).¹⁸

¹⁸ Disponível em <http://extra.globo.com/tv-e-lazer/avenida-brasil-paula-burlamaqui-tem-ajuda-da-propria-empregada-para-compor-dolores-5995454.html>. Acesso em: 05 dez. 2014.



Figura 30 – Personagem Creusa na novela *América* (2005).

Fonte: Globo.com (2005).¹⁹



Figura 31 – Personagem Marinalva na série *O caçador* (2014).

Fonte: Extra/O Globo (2014).²⁰

Segundo as informantes, os estereótipos reproduzidos pelas narrativas da Rede Globo são reflexos de um momento no interior da cultura protestante em que praticamente todas as evangélicas se trajavam do mesmo modo (com saias e blusas compridas) e portavam o cabelo da mesma forma (presos em coques), independente da corrente religiosa, se histórica ou pentecostal. O resultado foi que as evangélicas, de modo geral, eram muito parecidas. Possivelmente esse fenômeno era efeito de esquemas doutrinários no qual o individualismo ocupava pouco lugar e ecoava menos dentro da religião. Com a mudança dos tempos, a absorção da perspectiva individualista foi praticamente compulsória. Hoje se observa nos discursos e nas práticas uma tendência mais liberal do desempenho estético no seio das comunidades protestantes.

Esse processo de individualização não aconteceu com a mesma velocidade e a mesma intensidade em todo o conjunto. Nas camadas sociais mais individualistas

¹⁹ Disponível em <http://globo.com/redes-globo/memoria-globo/v/america-creusa-seduz-tiao/2778176/>. Acesso em: 05 dez. 2014.

²⁰ Disponível em <http://extra.globo.com/tv-e-lazer/telinha/o-cacador-nanda-costa-vive-uma-prostituta-que-vira-uma-religiosa-compare-as-fotos-do-antes-depois-11923316.html>. Acesso em: 05 dez. 2014.

observei que as informantes possuem maior capacidade de implementar diferentes significados por meio da vestimenta, visto que detêm recursos relativos a capital econômico e cultural para tanto. Em outras camadas – sobretudo entre as igrejas ortodoxas e os informantes da classe D – foi possível contatar que o individualismo das pessoas não prosperou tanto. Sobre este aspecto, Bourdieu afirma:

Sob a forma de sistemas de necessidades, a estatística limita-se a registrar a coerência das escolhas de um *habitus*. Se tudo leva a crer na existência de uma relação direta entre a renda e o consumo, é porque o gosto é quase sempre produto de condições econômicas idênticas àquelas em que ele funciona de modo que é possível imputar à renda uma eficácia causal que se exerce apenas em associação com o *habitus* que ela produziu. Sendo assim, a escolha de uma peça de vestuário impõe-se, sem dúvida, como uma estratégia considerando, por um lado, o capital econômico e o capital cultural que é possível investir na compra de uma roupa e, por outro, os lucros simbólicos visados em tal investimento (Bourdieu, 2013, p. 353).

Como observou Bourdieu, é necessário determinado investimento de capital econômico e cultural para estar em posição de reapropriar produtos, a ponto de expressarem a individualidade de uma pessoa. Neste sentido, entre as informantes há variações que se deslocam de um polo ao outro, onde se verificam subjetividades que prezam pela estética contemporânea, compatível com a individualização crescente dos gostos, e outras que optam pela permanência de um juízo estético mais “tradicional”.

Olha, eu já gastei muito quanto eu era solteira, porque sobrava mais dinheiro. Todo mês eu comprava roupa, era todo mês! Eu recebia na sexta, no sábado eu ia pro shopping comprar roupa; toda semana eu ia pro shopping e comprava alguma coisa. Agora mais ou menos né, foi ano passado que eu casei. Eu só comprei roupa em dezembro; o ano inteiro eu não comprei roupa. Mas assim, eu tô voltando a comprar há pouco tempo, porque eu fico olhando e eu tenho pouca roupa. Todo mundo fala que não, mas eu acho que eu tenho pouca.

- E onde você costuma comprar suas roupas?

Ah, vou na Eclétic... A Camila trabalha na Farm e com ela eu compro pela metade do preço, então eu também compro sempre lá. Também gosto de Enjoy, Dress To... assim, casual. Acho que o estilo é legal e a durabilidade da roupa também. Calça eu prefiro comprar na Levi's, porque eu tenho calças de lá até hoje, de anos. Então de qualidade eu prefiro comprar roupa que eu acho que vai durar, mas não faço exageros. Eu compro nessas lojas porque eu acho que tem mais a minha cara. [Bianca, 23 anos, Igreja Batista]

- Quanto você estima por alto de gasto por mês com roupa ou sapato?

Depende da época. Tem mês que eu nem compro, mas se for uma época assim, por exemplo, final de ano, aí eu gasto bastante. Agora, se for mudança de estação, inverno, eu também já vou lá e compro sapato pra inverno, casaco, essas coisas. Eu gasto, mas com limite. Compro maquiagem, esses negócios da Avon gosto muito de comprar... Pesquiso muito na internet. Agora mesmo antes de você chegar eu estava pesquisando, vendo o que vai ser tendência de inverno. Aí eu já estava pesquisando

pra quando o inverno chegar eu já ver o que vou comprar. [Sofia, 28 anos, Assembleia de Deus]

No passado eu tinha um poder aquisitivo muito bom. Nunca bajulei de ficar comprando coisas caras, mas como eu tinha e tenho bom gosto, nas coisas mais simples eu fazia um negócio bacana. Então eu tenho esse olhar porque aprendi com a minha mãe isso, sempre gostei de me vestir na moda. Meu guarda-roupa é composto de roupas clássicas com cores clássicas - bege, branco, preto, cinza – e no verão eu introduzo a cor que está em alta, compro duas ou três peças pra mudar um pouco. Então é assim, tanto é que eu tenho roupa de mais de 20 anos e eu não doo, porque são roupas clássicas, se eu precisar hoje tá lá a roupa. Sapato a mesma coisa: eu tenho sim alguns pares de sapatos, mas sempre uso focado. Já gastei mais, pelo fato de poder comprar e usar ou não usar, mas de uns tempos pra cá, uns 15 anos pra cá, minha vida financeira mudou depois do divórcio. Mas eu nunca deixei de vestir coisas boas, até porque Deus sempre me supriu com roupas novas, roupas boas, elegantes. Bolsa também compro a cada dois anos, porque eu gosto de usar determinadas bolsas de grife. Depois que eu não tive mais eu as ganhei, então eu uso muito bolsas que duram anos e anos. [Raquel, 58 anos Igreja da Lagoinha]

- As igrejas tradicionais também começaram a mudar, a liberar mais o corte de cabelo, pintura, esmalte, maquiagem, algumas delas até mesmo o uso de calça comprida. Mesmo assim, você continuou tendo o seu estilo mais tradicional?
Ah, continuei. Mudei nada, nada mesmo.

- Por que você não quis mudar?
Porque eu acho que existem os sacrifícios. Muitas coisas foram mudadas para a igreja estar cheia e não é assim que Deus quer as coisas. Eu falo que a nossa Bíblia é um dicionário. Dicionário é o quê? Quando você quer ver uma palavra e não entende, você vai lá no dicionário buscar aquela palavra. Então a Bíblia é pra nos ensinar. Ali eu aprendi e desde que aprendi procurei fazer o que tá escrito ali. Eu não mudaria. Vou ser sincera pra você: se eu arranjasse um emprego que dissesse pra mim “Você só pode trabalhar de calça comprida”, eu ficaria sem o emprego. [Antonia, 53 anos, Igreja Cristã Renovada em Cristo Jesus]

- Com relação a essas mudanças e liberações que você diz que têm ocorrido bastante, você tem acompanhado ou prefere manter seu jeito mais clássico?
Eu não tenho acompanhado, não. Prefiro manter o meu jeito porque eu mesmo faço a minha moda, vou pela minha consciência. É aquele ditado que diz “Em time que tá ganhando não se mexe”. [Jéssica, 33 anos, Igreja Batista]

Bourdieu postula que o que de fato transforma o objeto não é apenas o processo de tomar posse dele, “mas sua incorporação em um arranjo totalmente estilizado” (2013, p. 369). Opera-se desta forma a recontextualização da mercadoria de tal modo que os bens são transmutados em práticas de personalização; sendo possível aos sujeitos adquirirem produtos com a intenção específica de usá-los para criar, ressignificar ou manter uma dada impressão, identidade ou estilo de vida.

Nas igrejas pesquisadas verifiquei a presença de um agenciamento corporal no qual é possível traduzir gostos pessoais, obedecer às normas do grupo e

considerar os padrões bíblicos no que tange à modéstia no vestuário. Sobre este esquema, Saba Mahmood (2005) relembra que o aprendizado religioso é um dispositivo que permite reconectar as preocupações normativas com os processos de subordinação dos corpos-sujeitos nos espaços religiosos. Definindo agência como “modalidade de ação”, Mahmood contempla esse mecanismo na forma de atividades usualmente individualistas de comportamento e estilos de vida, que expressam a capacidade de cada pessoa em realizar seus interesses e suas experiências do corpo em diálogo ideologias dominantes específicas.

Uma das hipóteses que Mahmood coloca a respeito dos movimentos religiosos e feministas contemporâneos é: como é possível ao sujeito exercer a liberdade dentro de uma certa tradição? Para a autora, este processo só é obtido a partir da compreensão do que seja a agência em termos de responsabilidade individual (2005, p. 147) por meio de um engajamento reflexivo face aos discursos normativos. Este modo de engajamento tem como um dos efeitos a criação de sensibilidades e capacidades corporificadas de razão, afeto, decisão e escolha, que, por sua vez, são as condições para a redefinição de preceitos de o que seja a obediência e devoção religiosa. Em linhas gerais, Mahmood propõe que existe uma perspectiva de autonomia dentro da norma e que toda regra pode ser vivenciada de maneira específica.

Esse panorama é mais comum naquelas igrejas onde o individualismo tem um lugar determinado. Para citar um exemplo, a Assembleia de Deus – Ministério de Madureira, no bairro paulistano do Brás, é um lugar onde se encontra coabitação dos contrários e convergência simultânea entre tradicionalismo e modernidade (Figuras 32 e 33). Ali foi possível perceber que o visual estético é não apenas um elemento de adorno, mas principalmente constitutivo de um posicionamento e originalidade de grupo.

Embora pertença a uma filiação ministerial ortodoxa do Rio de Janeiro, a igreja aderiu amplamente ao uso da calça comprida, maquiagem e acessórios (inclusive entre as obreiras e integrantes do ministério de louvor). Entretanto, foi possível notar no mesmo salão algumas senhoras que resistiam à “modernidade”, vestidas de modo bastante tradicional: saias compridas e blusas de manga longa em tons opacos, cabelos longos presos ou amarrados em coque, maquiagem zero. Eram raridades no interior do templo naquela ocasião.

Outras igrejas nas quais também pude constatar um sentimento elevado de individualismo foram os templos batistas na Barra e no Recreio dos Bandeirantes, onde as evangélicas, amparadas por seu capital econômico, detêm a possibilidade de seguir a moda em voga e se portar cada uma à sua maneira (Figuras 34 e 35).



Figura 32 e Figura 33 – Estéticas tradicional e contemporânea na Assembleia de Deus do Brás/SP. Fonte: Levantamento de campo (2015).

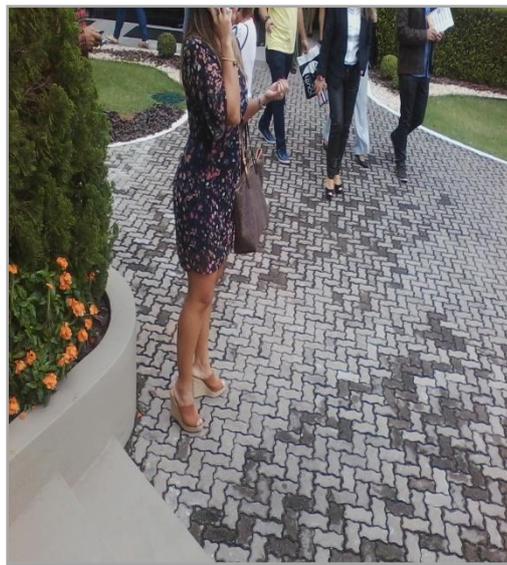


Figura 34 e Figura 35 – Evangélicas na Igreja Batista Atitude da Barra (à esquerda); Evangélica na Primeira Igreja Batista do Recreio (à direita).

Fonte: Levantamento de campo (2015).

Como desfecho da exposição deste capítulo sobre o performativo estético das evangélicas por elas mesmas, depreende-se que em denominações mais tradicionais encontramos práticas mais ortodoxas no modo de vestir e relativa aversão a recursos estéticos que se contrapõem à expressão de uma beleza considerada “natural”. Noutras correntes pentecostais e/ou neopentecostais, o vestuário funciona igualmente como elemento distintivo e como significante que localiza a hierarquização de mulheres na estrutura eclesiástica. Por outro lado, em instituições mais contemporâneas, as chamadas “igrejas alternativas”, percebe-se a tentativa de agregar as diversidades de estilos e gostos estéticos, sobretudo aqueles ligados ao universo juvenil.

Tanto nas igrejas alternativas quanto nos templos em que os seguidores detêm maior capital econômico e cultural, uma gramática nos modos de vestir sem abandonar os princípios de moralidade, decência e modéstia é investida em termos de tendências da moda contemporânea e sensibilidades estéticas autônomas. Esse cenário reafirma as perspectivas do senso de gosto em Bourdieu, para quem “o capital cultural cultivado é o instrumento que colabora no impulso do individualismo” (2013, p. 363), que conduz os indivíduos a melhor se observarem e a gerirem “racionalmente” seu corpo e sua beleza. No universo pesquisado, portanto, quanto mais há livre escolha e individualização, maior é a possibilidade de matizar os valores dos costumes religiosos e realizar assim um desempenho individual.

Agenciamentos corporais se relacionam com a dinâmica e as dimensões potencialmente transformadoras do *habitus*, o que permite as regras serem performadas, habitadas e experienciadas de diferentes maneiras. Sob esse ponto de vista, o que parece ser um comportamento unicamente resultante da docilidade ou passividade dos corpos é, também, uma modalidade de agência reconfigurada nas múltiplas formas em que essas normas religiosas são incorporadas. Como importante vetor do individualismo contemporâneo paralelo à revolução das necessidades, a agência enquanto “técnica de negociação” desencadeou novas referências para as mulheres protestantes – sobretudo nas denominações abertas aos fenômenos de secularização -, estimulando-as menos à imposição coletiva e mais a diferentes possibilidades de orientações pessoais e preferências personalizadas.

Espectadores e o percurso do olhar

Michel Foucault em *Vigiar e punir* (2007[1987]) analisou a relação do panóptico com o nascimento do poder disciplinar instaurado nas prisões, escolas, manicômios e hospitais. Nesse modelo, o olhar teria um papel determinante para o controle e a disciplina dos internos. Na sociedade contemporânea é possível perceber que a predominância do olhar produz resultados significativos, onde o “ver” e “ser visto” tem um poder excepcional na vivência cotidiana. O que perpassa esse domínio do olhar como conhecimento, como verdade e como controle restringe-se não apenas ao aspecto fisiológico e ao ato de ver, mas também à sua dimensão metafórica como “ponto de vista” e “visão de mundo” dos indivíduos.

Partindo do pressuposto da centralidade do olhar, ou seja, o *ocularcentrismo*¹ que intermedia as relações, verifica-se que a questão da visibilidade assume um papel ainda mais intenso nas culturas ocidentais: o olhar ganha maior aproximação com a dominação e se torna mecanismo primordial da sociedade disciplinar, instituindo o olho como dispositivo de poder e de controle. É o discurso fundamentado no olhar clínico que produz uma noção de verdade e que se expande por praticamente toda a modernidade, onde “o olhar se cumprirá em sua verdade própria e terá acesso à verdade das coisas” (Foucault, 2007, p. 115).

Por meio do olhar as disciplinas se instauram e permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade. Essa disciplina que surge é o que Foucault denominou de “anatomia política do detalhe” (op. cit., p. 120), uma forma estruturada e organizada das relações humanas por meio de minúcias que desenvolvem técnicas, processos, dados, descrições e saberes. Para Foucault, o detalhe não é uma forma de controle nova, posto que

[...] o “detalhe” era já há muito tempo uma categoria da teologia e do ascetismo; nelas, todo detalhe é importante. Nessa grande tradição da eminência do detalhe

¹ O termo refere-se ao aparente favorecimento da visão em detrimento de outros sentidos na sociedade ocidental contemporânea. A importância da visão como maneira de conhecer o mundo está associada à ascensão do volume massivo de imagens que cercam o período entre a modernidade e a pós-modernidade. Na abordagem ocularcentrista, a visualidade é tratada como ponte entre representação e poder cultural na era da globalização.

viriam se localizar, sem dificuldade, todas as meticulosidades da educação cristã, da pedagogia escolar ou militar, de todas as formas, finalmente, de treinamento. Para o homem disciplinado, como para o verdadeiro crente, nenhum detalhe é indiferente [...] O exercício desse tipo de poder supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam. (op. cit., p. 143).

De modo que a visão é entendida como dispositivo hegemônico na cultura ocidental, investida de significados que a colocam no topo da hierarquia sensorial, este capítulo traz algumas implicações sobre o ato de “ver” o corpo vestido da mulher protestante. Busca-se articular como as concepções sensoriais são culturalmente mediadas e contextualizadas, com particular atenção às formas de ver que configuram o binarismo ‘nós’ e ‘eles’ entre as correntes denominacionais, e à visualidade masculina e suas leituras a respeito do vestuário feminino evangélico.

5.1

“Nós” e “elas” e os mecanismos de vigilância

As premissas teóricas de Foucault acerca do tema da vigilância postulam que em todas as estruturas institucionais dissemina-se o poder disciplinar. A este fenômeno Foucault intitulou de “microfísica do poder”: o estabelecimento de formas e de relações de poder em todos e entre todos, permeando todo o tecido social, todas as formas de relacionamento entre os seres humanos. Para Foucault, o poder, em si, não é bom ou ruim, não é determinado a priori de forma negativa: ele “está”. Nas suas palavras, “o poder produz realidade” (Foucault, 2004, p. 161). Assim, a vigilância “permite ao poder disciplinar estar em toda parte e sempre alerta, sendo absolutamente ‘discreto’, pois funciona permanentemente e em grande parte em silêncio” (*Ibidem*, p. 148).

No que tange ao corpo vestido evangélico, os mecanismos de vigilância e atenção ao vestuário da evangélica são recorrentes. De múltiplas formas, existe uma requisição ao sentimento de identidade a ser preservado, mesmo após as transformações que determinam a estética evangélica “antes” e “agora”. Para muitas pessoas é evidentemente importante que a diferença abstrata possível de traçar sobre a evangélica seja também materializada.

Os relatos das informantes apontam que essa vigilância pode se dar em duas direções: da evangélica para a evangélica e de uma pessoa não evangélica para uma evangélica. Geralmente a mulher protestante consegue identificar a outra semelhante por meio de signos mais sutis - uma roupa colorida, mas sem um decote ousado, por exemplo - e por negociações já tidas em outros ambientes ligados ao universo religioso – tais como os templos, as células², os seminários de formação teológica, entre outros. Diversas pistas são negociadas na literatura lida, no discurso do pastor, nos discursos dos fiéis, entre as amigas que também procuram praticar esses princípios e mesmo na intimidade da casa, ao ouvir comentários de familiares. São elementos em que as evangélicas se reconhecem, cujos signos, em determinados momentos, podem talvez passar despercebidos por quem não é evangélico.

Às vezes as pessoas não entendem os propósitos cristãos. A gente reconhece uma cristã quando ela tá decente, sem estar com o busto à mostra, com as pernas aparecendo demais... Usar uma saia até o joelho tá ótimo.

[Alice, 37 anos, Igreja Cristã Renovada em Cristo Jesus]

A evangélica tem que estar de saia e vestido, de preferência mais vestido. Você fica não só mais elegante, mas como uma verdadeira cristã. É assim que eu vejo. A gente tem que servir de exemplo. Na realidade, pra servir a Jesus você tem que mudar tudo. Você não tem nada mais a ver com o que você era. Então eu acho que as verdadeiras cristãs têm que andar assim: ou de saia e blusa, ou de vestido.

[Antônia, 53 anos, Igreja Cristã Renovada em Cristo Jesus]

Para falar em público acho que o ideal é a evangélica estar de saia. Na verdade a calça, se você não tiver jeito pra usar, pode marcar o seu corpo, você pode chamar a atenção para o seu corpo. Dentro da alta costura, o ideal é você ter quatro dedos abaixo do joelho, ou se você quer usar curto - tipo você que é jovem e magrinha, fica linda uma saia curta -, no máximo quatro dedos acima. Então quatro dedos acima do joelho e quatro dedos abaixo do joelho. Mas a mulher cristã ela se veste com uma roupa que combina com seu perfil, numa adequação harmoniosa de cor e estilo, sabendo combinar os acessórios, uma maquiagem adequada para cada ocasião, cabelos limpos, bem tratados e com uma grande dose de alegria, porque a alegria do Senhor é a nossa força. [Raquel, 58 anos, Igreja da Lagoinha]

Há que registrar também os estereótipos que acompanham a estética da mulher evangélica no senso comum. Efeito de um processo de naturalização ou “biologização” das diferenças, os estereótipos presentes no plano das ideias daqueles que não são protestantes tendem a requerer que as evangélicas adotem determinada postura, uma forma de representação que materialize a contiguidade do grupo dentro

² A célula evangélica consiste de pequenos grupos que se reúnem em residências cujo foco central é o alcance evangelístico. As reuniões nos lares objetivam agregar familiares, vizinhos e outras pessoas da rede social de um determinado membro, realizar com eles o estudo da Bíblia e inseri-los gradativa e sutilmente no universo protestante até a sua conversão.

de uma identidade, tendo como base fundamental a ação de comunicação (Figura 36).

Vou te citar um exemplo que eu sei. Eu vinha passando ali em baixo, perto da Rua Principal, aí vinha uma menina da academia. Por isso que eu falo com a minha filha o negócio da calça... Aí a menina vinha com uma calça assim, tipo estampa de onça, bem apertada, com aquela corozinha, um corpaço. Aí tinha dois motoqueiros; ela passou, um mexeu. Aí eu vinha mais atrás e escutei. Um falou assim: “Th, rapaz, não mexe com ela, não. Ela é crente, daquela igreja ali”. Aí o outro falou assim: “Ah, não. Não é, não. Crente não anda assim. Que isso!”. Aí quando ele me viu eles baixaram a voz, mas eu já tinha escutado.

- Ela era menina nova?

Não, devia ter uns 30 anos, mais ou menos.

- Mas estava com uma calça de oncinha, coladona.

Toda coladona! Ela vinha da academia, de meio e tudo, mas ele não quis saber. O julgamento dele foi logo: “Ah, não. Essa aí, não. Crente não anda assim”. Eles não admitem a nossa mudança. Muitas pessoas não admitem a nossa mudança; alguns sim, outros não. [Nádia, 54 anos, Assembleia de Deus]

- A roupa que a evangélica usa dá testemunho de como ela é?

Eu acho que sim. Eu passo na rua e muitas vezes a pessoa diz: “Você é evangélica, não é? Nossa, mas você tem uma cara de crente!”. Na faculdade, eu cheguei no meu curso de pós-graduação e não falei nada pra ninguém, até porque é um dia na semana e você não faz nem muita amizade, entra direto na aula. Um dia a professora disse assim: “Você é evangélica, né? Porque olhou pra você, tá na cara!”. Aí eu disse – Eu sou evangélica. Aí as colegas: “Puxa... Você fala, você ri, você brinca, mas eu acho que algo te identifica”. Como tem situação de outras pessoas que, não é porque você tá mal vestida, mas a pessoa olha e diz: “Poxa fulano é evangélico? Não tem nada a ver”. [Denise, 58 anos, Assembleia de Deus]



Figura 36 – Denise, da Assembleia de Deus do Leblon. Fonte: Levantamento de campo (2015).

Mesmo entre as mulheres das igrejas alternativas também estão presentes as dimensões de cálculo e de diferenciação no vestuário. No caso da igreja Metanoia Underground, por exemplo, a espacialidade do grupo feminino não se restringe ao seu território religioso, expandindo-se para uma densa e articulada rede de relacionamentos seculares do rock heavy metal. Nesse sentido, o vestuário tido por decente e a apresentação de uma estética mais “limpa” de suas seguidoras representam para essa rede externa a “mudança de mente” – *metanoia* - que o grupo propõe: a de que é possível manter o mesmo estilo de indumentária valorizando, contudo, o cuidado com o corpo (Figuras 37 e 38).

A interlocutora Thaiane expõe que entre as jovens metaleiras não evangélicas, no geral, não é recorrente a primazia do cuidado com a aparência, pois os roqueiros objetivam na maior parte das vezes externar que são contra o “sistema” e os padrões estéticos da sociedade capitalista. Na Metanoia ocorre de maneira diferente: há um incentivo por parte da pastora Denise para que as jovens iniciantes no ministério estejam vaidosas, perfumadas e bem vestidas, além de aprenderem a cultivar uma nova maneira de se expressar, de se comportar e de agir.



Figuras 37 e 38 – Thaiane e Débora, membros da igreja Metanoia Underground, em Bonsucesso. Fonte: Levantamento de campo (2015).

Há também os esquemas de vigilância interna: de quem segue as regras e de quem finge que segue as regras; as que estão mais incluídas nos esquemas de normatização e as que são vistas como menos enquadradas. Percebem-se distintas dimensões sobre a noção de decência para os comportamentos e circunstâncias públicas, com prescrições morais revertendo-se em juízo estético.

Um exemplo que aconteceu em determinado momento na igreja... Não fico reparando a roupa de ninguém, mas é importante comentar. Então, em determinado momento, no ministério de louvor, a pessoa estava na frente da igreja e com uma saia muito curta. Me chamou a atenção, porque ela estava tocando um violão e a saia dela, por causa do vento, ficou levantando. Ficou muito nítido que aquela saia dela não estava apropriada para aquele momento. É a questão do bom senso que nós temos que ter. “Ah, não pode ir de saia pra igreja?”. Não, mas vamos ter um bom senso? Ali naquela situação podia botar uma saia mais comprida, pra não acontecer isso, esse inconveniente de você ir lá tocar o violão no louvor e a sua saia ficar subindo. Eu achei inadequado; estava extremamente inadequada aquela situação. A saia dela tava adequada pra ir à praia ou ficar em casa.

[Vivian, 32 anos, Igreja Batista]

Toda roupa que eu boto elas falam: - Onde você comprou? É sempre assim. Eu falo: “Gente, não é possível. Minha roupa está tão... Pra mim tá básica, tá normal, eu estou me sentindo bem”. Aí as pessoas falam: - Mas ficou tão bem essa saia, essa blusa... Onde você comprou? A mulher do meu pastor até comprou uma blusa igualzinha à que eu comprei. Mas sabe por quê? Acho que é por causa desse fato de eu ter essa escolha de mandar a costureira fazer ou de comprar e mandar a costureira consertar, aí adapta ao meu corpo. Não fica nem apertado demais, nem fica largo demais. Porque eu também prego muito nas igrejas, então a minha roupa tem que ser uma roupa cômoda pra sentar, pra andar no púlpito, levantar... Na época em que eu visitava presídio antigamente se usava muito anágua ou combinação. Hoje tem corpete; você tá com uma blusa fina? Bota um corpetezinho. Hoje é até difícil você encontrar uma combinação. Aí quando a carcereira foi me revistar: - Nossa, ainda se usa isso?! Isso aí é combinação, né? Eu falei: “É. Sabe por quê?” - tive que explicar a mulher dentro do banheiro – “Eu trabalho no setor de oração na igreja, aí às vezes a gente vai orar as pessoas. Às vezes a minha saia é de tecido fino, então eu boto só pra poder ficar uma coisa melhor. Porque já pensou: você tá na minha igreja, você me vê orando uma pessoa, você olha a minha saia e vê minha transparência. Você vai achar bonito? Não vai ficar estranho?”. Aí ela: - É mesmo, né? A pessoa da igreja... Ela pensou que não existia mais isso, porque agora tem corpete. Mas eu achei interessante de ela me perguntar, e eu explicando ela ficou interessada. Aí ela: “Tá bom, tá bom, já vi a senhora”. Então você vê: olha só como é que o ímpio olha a gente! Se eu estiver com uma roupa indecente eles vão reparar também, não vão dar crédito. [Nádía, 54 anos, Assembleia de Deus]

As observações em campo e os discursos das entrevistadas permitem inferir que os evangélicos são um grupo que estabelece, a partir do olhar, mecanismos de distinção exógenos e endógenos, ou seja, para os que são de fora da religião e para aqueles estão dentro do mesmo circuito e praticam a mesma fé. Um fenômeno que apareceu de maneira forte e recorrente foi a crítica das protestantes históricas ao perfil estético das pentecostais e vice-versa, materializada em termos como “brega” e

“cafona”. A forma de operacionalizar o belo varia de acordo com as correntes denominacionais e segmentações geográficas e culturais, principalmente no que se refere a níveis de ocupação, renda e estilos de vida.

Em termos de adoção de moda, especialmente vinculado à teoria *trickle-down*³³ introduzida por Simmel (2008[1904]), as pentecostais seriam, na visão das protestantes históricas, retardatárias na aprendizagem de uma performance estética “agradável” aos olhos e na qualidade de estarem abertas ao novo, posicionando-se na base da pirâmide da inovação de moda. No caso das batistas, por exemplo, normalmente elas alegavam que o estilo das assembleianas era cafona se referindo à parca manipulação de maquiagens e de estética capilar. O que era mais evidente, entretanto, era a crítica ao uso de roupas mais “fechadas” e à ausência de harmonização cromática, em dissonância com o estilo eclético em voga nas igrejas contemporâneas e secularizadas, de costume mais flexível.

No geral, acho que as pessoas veem a evangélica como cafona sim. Não sei, acho que é a imagem que a mídia vende, mas tem muito isso também, tanto é que tem igreja que eu vou e falo assim “Caramba, acho que faltou um bom gosto no pessoal aí”.

- Você pode citar alguma dessas igrejas em que “falta bom gosto” nas mulheres?
Ah, essa igreja da minha amiga mesmo, a Assembleia de Deus do Rio Comprido. Ali o negócio tá brabo (risos). Ela se veste direitinho, mas o geral tá ruim. As roupas delas... sei lá, é um negócio estranho. Falta o bom senso ali.
[Bianca, 23 anos, Igreja Batista]

- O que você acha que seja cafona?
Eu acho que cafona é não ter bom senso de combinar cores, porque tem cores que não combinam. Esse negócio de que “Ah, a pessoa pode vestir o que ela quiser”... não é assim. Tem que combinar. Você olha e vê: “Poxa, não tem nada a ver essa roupa”. Não por uma visão minha, mas todo mundo tá vendo que não está combinando, colocar duas estampas diferentes.

- Você já viu evangélica assim?
Já, geralmente aquelas das igrejas pentecostais. Na Deus é Amor, que é a igreja da mãe do meu ex-namorado, elas andavam muito assim. Não sei se é por conta dessas doutrinas de antigamente, a questão cultural... A pessoa pode se vestir do jeito que ela quiser, mas a mulher tem a feminilidade dela que ela tem que desenvolver, botar um vestido, uma roupa bonita, colorida... Qual o problema nisso? Mas tem uma coisa cultural que vem daí do passado que é essa cafonice. Aqui pelo centro da cidade, zona sul, não vejo isso, não. Agora, pelos outros lugares você ainda identifica isso muito bem. Eu já fui em alguns lugares da Baixada em que as roupas das irmãs, desculpe a expressão, era uma breguice só. De repente elas podem até não ter

³³ Neste modelo, um estilo é oferecido primeiro e adotado por pessoas no topo das camadas da sociedade, tornando-se gradualmente aceito por aqueles que pertencem aos estratos mais baixos. Este modelo assume na hierarquia social uma percepção distintiva e funciona como um marcador de distâncias sociais. (Cf. SIMMEL, G. Filosofia da moda e outros escritos. Lisboa: Texto & Grafia, 2008[1904]).

condições de se vestirem bem, mas acho que a questão cultural da igreja influencia bastante nesse aspecto. [Vivian, 32 anos, Igreja Batista]

Uma vez, há muitos anos atrás, eu fui numa igreja Assembleia de Deus em São Cristóvão. E nessa Assembleia, como eu fui convidada - e eu respeito eles, né - aí fui com uma saia branca, uma blusinha bem clássica, de bolinha branca e preta, mas eu pus um colar de pérolas e um brinquinho de pérolas clássico. Nem isso eles usavam, tava todo mundo lá de coque. Aí cheguei, aquelas mulheres carrancudas, todas de coque... Menina, que horror! Que medo! Horrível! Se eu não tivesse ido pra falar porque fui convidada pela minha amiga, que era de lá, eu saía da igreja. Se esse for o parâmetro pra identificar Jesus na minha vida então eu não quero, porque sinceramente usar coque não é uma coisa que está no meu radar; a não ser se for pra ir a uma festa, porque às vezes um coque fica chique.

[Raquel, 58 anos, Igreja da Lagoinha]

Esses discursos que acompanham os mecanismos de vigilância produzem subjetividades que visam à construção de verdades sobre como é/deve ser a apresentação de si das protestantes. Criam, assim, práticas “exclusivistas” de subjetivação. Os desenvolvimentos das práticas de vestir protestante estão intimamente relacionados às características sociais e os marcadores distintivos de cada grupo no interior do conjunto religioso. Não obstante, o olhar, tanto pelos sujeitos de fora quanto pelos nativos, é culturalmente mediado pelo que vê e, também, pelo valor que comumente atribuído ao perfil estético das evangélicas.

5.2

Olhar, discurso e sensibilidades masculinas

A articulação entre *habitus* e estética encontra-se semelhantemente estendida para uma análise das questões de gênero por Bourdieu em *A dominação masculina* (2002 [1995]), cujo pensamento sobre o masculino e o feminino é construído a partir de uma perspectiva simbólica. Examinamos aqui alguns conceitos expostos pelo autor para abordar como as subjetividades masculinas no contexto protestante observam a figura feminina, elaborando categorizações relacionadas a elas e ao seu vestuário.

Bourdieu compreende o masculino como um poder que elabora significações e as impõe como legítimas, de forma a dissimular as forças que sustentam as relações de poder entre o masculino e o feminino. Assim, o mundo social “constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes” (Bourdieu, 2002, p. 18) no qual as mulheres são consideradas como

depositário de valores que visam a conservar ou aumentar a força simbólica masculina.

O sociólogo enfatiza que há nesse campo concepções “invisíveis” que nos levam à formação de esquemas de pensamentos impensados, sem levar em conta que esse “livre pensamento” está marcado por relações de interesse. Mais ainda, para o autor a noção de dominação está inscrita não somente nos esquemas de pensamento, “mas também nos corpos, nos *happenings* discursivos e no que mais for alvo dos símbolos e da linguagem” (op. cit., p. 15).

Em decorrência disso, a própria socialização dos corpos estaria tingida por essas ideias. O corpo e seus campos interpretativos – tais como o vestuário e a *hexis* (expressão) corporal – seriam espaços onde estariam naturalizadas as dicotomias entre os sexos, resumidas na ideia de dominação masculina. O corpo biológico socialmente modelado constitui então “um corpo politizado ou, se preferimos, uma política incorporada. Os princípios fundamentais da visão androcêntrica são naturalizados sob a forma de posições e disposições elementares do corpo, percebidas como expressões naturais de tendências naturais” (op. cit., p. 156).

Em se tratando das interpretações masculinas sobre o traje da mulher evangélica, observa-se que eles tendem a reafirmar, por vias estéticas, um conjunto de ideias que estabelecem sempre as regras de subordinação do gênero feminino – tais como o recato, não ceder aos desejos masculinos “intempestivamente” e dispor de sensualidade sem se mostrar vulgar. À mulher protestante caberia materializar em elementos estéticos a recusa do “fácil”, do “barato”. Segundo Bourdieu, um *homem viril* e uma *mulher feminina* são “artefatos sociais produzidos à custa de um complexo processo de construção simbólica diacrítica que opera por meio de diferentes formas legitimadas de se servir do corpo” (op. cit., p. 19). Trata-se então de uma interação dialética pela qual o vestuário seria um canal importante de comunicação sobre a “feminilidade”, produto de um adestramento permanente do corpo e das incessantes chamadas à ordem masculina, que determina quais comportamentos e posturas são adequados às mulheres.

Ao longo do trabalho de campo as entrevistas com os homens evangélicos foram as mais extensas e suas falas as mais espontâneas, apresentando um discurso sensivelmente elaborado e elucidativo. Todos enumeraram detalhes sobre as vestimentas e adornos das mulheres. Demonstraram ser bastante observadores e afirmaram assertivamente sobre aquilo que acreditam ser – e não ser – a vestimenta

adequada à mulher evangélica. No interior do templo religioso e nos espaços cotidianos, o olhar dos homens mostrou-se altamente elevado a ratificar aquilo que lhes agrada (Figura 39) e as circunstâncias em que eles, pautados em suas visões de mundo, desaprovam - como mostra os depoimentos que se seguem.

- Como é o seu olhar masculino em relação à maneira como elas se vestem?

Olha só, a minha igreja é uma igreja bem humilde. Então onde existe humildade as pessoas se vestem de modo mais sóbrio. Eu observo essa adoração através do modo como ela penteia o cabelo. O cabelo dela pode estar cheio de pontinhas, ela não foi no salão mas o cabelo dela, na medida do possível, tá ajeitado. A roupa dela pode estar um tanto surrada, mas ela tá ali tentando fazer um conjunto na medida do possível, pra não destoar. Eu sou muito observador em relação a isso, é um modo particular meu. Você vê vestidos longos, compridos, uma pequena cintura disfarçada, mas não deixa de ter uma cintura ali, que sempre cai bem em cima da mulher; então isso eu observo. Você vê que essa mulher, na medida do possível, tenta se tornar cuidadosa com a sua aparência. Agora, quando nós vamos pra uma igreja maior, aí isso é mais aberrante. Por exemplo, há três semanas eu fui numa Comunidade Evangélica, era uma festa feminina. Dentro do culto foram chamadas as mulheres pra fazer aquelas brincadeiras que elas fazem na frente. Entre as mulheres, todo mundo tava sobriamente vestida, mas quando elas foram se abaixar em uma dessas mulheres eu percebi que tinha um lasco na saia a um palmo da roupa íntima dela. Eu tava observando isso dentro da igreja e isso foi notório. Embora ninguém tivesse feito comentários, eu olhei de lado e percebi. Eu gosto de ver nessas horas, porque se for diferente eu mudo minha opinião, eu me vejo sempre me transformando. Então quando eu vi, eu procurei dos lados pra ver o quanto havia sido escandaloso e via nas próprias mulheres críticas veladas nos olhos. Ela tava bem vestida, mas precisava daquela fenda do lado? Não precisava. Se ela comprou, ela já comprou na intenção de tornar-se sensual aos olhos dos homens. Nós temos que trabalhar naquela pessoa pra ela perceber que ela tá destoando no local, ela tem que se aperceber nela mesma. [João, 58 anos, Igreja Cristã Renovada em Cristo Jesus]

- No contexto da sua igreja, você percebe que as mulheres gostam de cuidar da aparência?

Gostam. Em termos visuais, cabelo, você nota direitinho que há até um certo capricho ao ir à igreja como se estivesse indo a uma festa. É um pouco mais descontraído, um pouco mais esportivo, mas há um batonzinho, um perfuminho, você sente que naquele cabelo tem um cabeleireiro na jogada... Você sente um certo apuro, um certo gosto por se apresentar legal. Se tiver de sessenta pra lá, tem muita coroa de cabelo curtinho. Com menos de quarenta você tem mais o cabelo longo, mas o cabelo longo como instrumento de embelezamento, bem trabalhado, bem transado e tal. Entre 40 e 55, 60 anos, você já tem uma jogada meio médio, às vezes rabo de cavalo e tal. E as coroas preferem ele curtinho.

- Mulher jovem você não observa de cabelo curtinho.

Muito menos. Mas as coroas são caprichosas também. Se ele é grisalho, botam aquele tom meio lilás e tal... O negócio é top de linha. Se ela é mais gordinha, aquele tipo de blusa meio bata, mas elegante. E elas gostam também de colocar uma calça lisa ou um jeans com a blusa estampada; usam joias – anel, brinco, medalhão... Agora, uma coisa que eu gosto: elas colocam muito batom, mas nenhuma delas tem aquela pintura de olho “ahhhh”, parecendo artista de televisão.

[Ruben, 52 anos Igreja Presbiteriana]

Na forma de vestir delas eu percebo que elas estão preocupadas muitas vezes com os modismos do dia a dia. Aquilo que tá na moda elas aplicam muito; elas andam dentro da moda, bem fashion. E lá não existe aquela rigorosidade que a gente percebe em outros movimentos. O que eu percebo é que não há um critério de identificação, mas eu vejo toda a variedade de saltos: rasteiro, médio, alto... Elas são coloridas, mostram curvas; cabelos elas usam tanto soltos quanto presos... É uma coisa muito normal, muito assim, do dia a dia. Eu observo elas muito bem vestidas, muito assim na moda, sensuais...

- Sensuais como?

Sensualidade não no sentido de mostrar as pernas, decotes monstruosos, não é isso, mas, assim, vestidas todas de uma forma fashion, elegantes, né... Femininas. Na verdade já vi lá figuras que chegam até a mostrar uma certa sensualidade à toda prova, com calças apertadas até o extremo. Nada assim muito provocativo, não chega à vulgaridade. Eu não vejo vulgaridade lá, isso eu não vejo, mas eu vejo moda: calça apertada, sapatinho alto, mas não vejo decote nem barriga de fora. Normalmente são roupas normais, sem vulgaridade. Mas uma calça mais apertada com um sapato alto é uma combinação perfeita, né? Quando a mulher bota uma calça apertada com um sapato alto, obviamente chama atenção até do Buda, mas longe da vulgaridade. [Mauricio 56 anos, Igreja Batista]



Figura 39 – Exemplo de vestuário moderado e atraente aos olhos masculinos [evangélica na Primeira Igreja Batista do Recreio].

Fonte: Levantamento de campo (2015)

Ao analisar a dominação masculina, Bourdieu refere-se à cosmologia *falonarcísica*⁴ que interfere sobremaneira em nosso inconsciente em todas as instâncias

⁴ Em *A dominação masculina*, Bourdieu compreende como “falonarcísica” a visão que reverencia a virilidade nas culturas ocidentais, onde o polo masculino é merecedor de valor (Cf. “A construção social dos corpos”. BOURDIEU, 2002, pp.16-33).

da vida social, introjetando estruturas cognitivas e sociais que estipulam para homens e mulheres diferenças que extrapolam o campo biológico, remetendo fundamentalmente ao campo simbólico. A divisão e a classificação entre os sexos parecem estar “na ordem das coisas internalizada nos corpos e nos *habitus* dos agentes” (Bourdieu, 2002, p. 17). Esses esquemas, portanto, estabelecem visões sobre o corpo no que se refere ao público e ao privado. A primeira visão, mais aberta e/ou abrangente, e a segunda, mais restritiva e limitadora. Nos discursos dos entrevistados pareceram-me bastante claras as posturas consideradas pertinentes a esses domínios. E a ultrapassagem das fronteiras era frequentemente censurada por eles.

- Para aquelas que são solteiras, vale a pena investir na beleza e na estética pra conquistar um marido?

A solteira ela tem que se cuidar. Qual é o homem que não vai admirar uma mulher bonita e bem tratada? Aí eu penso o seguinte: se eu sou um cara solteiro – e essa minha opinião não é de hoje - e vejo ali uma mulher que está com seu corpo tapado e vejo outra que está pelada, com quem você acha que eu vou procurar me casar?

- Você que tem que me dizer. É uma opinião masculina.

Então, eu vou procurar me casar com aquela que tá bem trajada, com aquela que tá tendo um pouco de pudor, que não tá trazendo pro seu corpo essa epidemia que tá hoje no mundo, das pessoas estarem andando praticamente mais peladas do que vestidas. Quando eu e a Lene namorávamos, a gente como homem sempre tenta ter relação com a namorada antes do casamento. Até porque eu não era evangélico, não tinha esse conceito, esse entendimento, mas um conceito eu tinha: “*se ela ceder, eu não caso*”. Isso eu falei pra ela depois que nós nos casamos. E ela não cedeu; só viemos a ter relação sexual depois do casamento. Então as coisas muito fáceis vão embora fácil também; o difícil te dá mais trabalho e fica mais tempo.

[Gerson, 55 anos, Assembleia de Deus] Grifo meu

Em termos de sensualidade e sexualidade, eu já cheguei à conclusão há muito tempo que nós é que somos caçados. Mesmo que seja aquele cara galanteador, etc. e tal, tranquilamente ele só tá conseguindo aquilo porque a mulher tá orquestrando a coisa por baixo do pano. Vocês têm uma capacidade – que eu acho muito bacana, muito feminina – de cativar o sexo oposto sob várias formas. Agora, veja bem: essa jogada de um shortinho por aqui, esfarrapadinho, etc. e tal, não me atrai. Isso aí que a mulher faz, e faz bem, tem que ser sutil. Se for um negócio deslavado, aberto demais, fica ridículo. Eu sou um cara muito perfeccionista em termos de senso de ridículo, pra qualquer coisa, quem dirá pra sensualidade. Agora, já vi umas pessoas com uma blusa de tecido tipo *voil*, um negócio meio transparente, que dá pra perceber os contornos sem vulgaridade. Isso aí é legal.

[Ruben, 52 anos, Igreja Presbiteriana]

Eu realmente percebo que existem algumas condutas que não têm muito a ver com o “como” que a pessoa professa. Eu percebo que, apesar da conversão, algumas mulheres ainda valorizam muito a questão de mostrar o seu corpo.

- De que forma?

Mostrando, usando roupas na igreja que talvez ela não usaria no seu dia a dia no trabalho, por exemplo. Agora, isso é muito subjetivo, isso é muito relativo. Da mesma forma, por exemplo, que a gente permite aqui que os homens venham de

bermuda, pra algumas igrejas isso é uma coisa assim absurda, uma coisa muito fora do comum. Agora, eu acho que não existe uma regra, acho que existe o bom senso. Se eu sei que uma determinada roupa vai chamar a atenção... A mulher sabe disso: quando chama, quando não chama. Ela sabe o que ela veste e chama e o que ela veste e não chama, porque ela percebe isso também nas outras. A questão da vestimenta da mulher é um valor pra ela. Mas indo direto ao ponto: se a pessoa sabe que determinada vestimenta vai fazer com que em determinada reunião em um determinado lugar – seja dentro da igreja ou fora da igreja – ela chame mais atenção do que o propósito da reunião, ela deveria ponderar se ela vai usar ou não determinada roupa. Isso que eu falo dentro da igreja é pra mulher em geral, entendeu? Poxa, se a pessoa vem, se ela bota um decote que na cabeça dela ela sabe que vai chamar a atenção, sabe que vai provocar ou sabe que vai ser o centro das atenções, não acho que ela não deveria usar dentro da igreja: ela não deveria usar em lugar nenhum. Eu não penso muito, não acho que as nossas cabeças têm que ser “dentro” e “fora” da igreja; acho que o cara quando se converte, a pessoa quando se converte, ela é igreja o tempo todo. Se eu não posso usar isso aqui, eu não posso usar isso aqui em lugar nenhum. Agora, quando eu entro na igreja eu mudo a minha forma de vestir? Forma de vestir, na minha concepção, é vestir aquilo que você pensa, o que você gosta, que tem a ver com a sua personalidade. Então não dá pra desassociar vestimenta a uma transformação dentro, de cabeça, uma transformação de Deus. O externo é parte do interno. Então eu não acho assim que “é na igreja”, a pessoa aqui não pode botar uma roupa tal, mas lá fora beleza. Eu acho que o bom senso é na igreja e fora da igreja. [Fabiano, 35 anos, Igreja da Orla]

Bourdieu afirma que a construção da feminilidade pelo homem se dá pela “arte de se fazer pequena”, sutil (op. cit., p. 23). Por meio do olhar masculino, as mulheres estão submetidas a circunscrições simbólicas que delimitam os usos que elas poderiam fazer de seus corpos: sob a ótica desses sujeitos, de um lado roupas e outros acessórios de moda são bem vindos; certos movimentos físicos e atitudes comportamentais, por outro lado, são considerados “não delicados”.

Se a feminilidade requer uma combinação de contenção e sedução e aparece sob a forma de aprovação em relação às expectativas masculinas, a “virilidade” também submete os homens a um intenso trabalho de socialização que estabelece um ideal de comportamento. Os homens são incentivados a investirem em jogos de poder, pois a virilidade precisa ser reconhecida e validada publicamente, fornecendo demonstrações de honra, de força e de capacidade sexual e social “próprias” do masculino. Assim, a dominação masculina diz respeito à determinação daquilo que é presumido ao homem, incluindo também comportamentos e posicionamentos que são esperados das mulheres.

Eu creio firmemente que uma mulher de Deus acaba sendo mais bem resolvida consigo mesma, porque ela sabe que seu valor não depende de seu corpo ou de determinado procedimento. Isso faz dela um pouco mais madura e ponderada na hora de se vestir. Se a mulher não tem a preocupação de ser notada entre os demais pra satisfazer uma carência, isso vai interferir na maneira dela se vestir, e talvez o traço distintivo seja a não exibição desnecessária da sensualidade. Eu não vejo

problema na exibição da sensualidade, o problema é a exibição desmedida da intimidade dela. Isso que é inadequado, não é normal - pelo menos a gente não considera. Creio que uma pessoa que vem vestida pra igreja de forma inconveniente ela acaba se sentindo mal sem que ninguém fale nada, e eu espero que ninguém precise falar nada, porque na verdade ela precisa ser acolhida. Enfim, não sei se eu tô te ajudando com essa análise porque eu procuro não ficar muito atento a isso. E é bom que o homem não se atente a muitos detalhes mesmo não, porque a gente sabe - e você também sabe - o quanto a gente tropeça por causa das pequenas coisas. [Marcelo, 40 anos, Igreja Batista]

Eu vejo a naturalidade das mulheres aqui da nossa igreja de uma maneira muito linda. Minha esposa, por exemplo: eu acho a minha esposa linda, linda. Sem fazer a sobancelha, sem usar nenhum tipo de maquiagem... Acho que ela tem uma beleza natural, uma beleza que é dela; não me assusta quando eu acordo, porque já estou acostumado (risos). Eu que vivi no mundo, né, quantas e quantas noites me deparei com uma pessoa que às vezes eu tinha passado a noite junto e no dia seguinte “Ai! Perá...!!” (risos). Então isso aqui é um risco que você não corre. As mulheres daqui se vestem de uma forma muito linda, porque não exibem seu corpo, não estão preocupadas em mostrar sensualidade pro mundo, em exibir suas curvas pra outros homens... E até pelo trabalho que a nossa igreja faz, entrando dentro de presídio, entrando em favela, em boca-de-fumo, em cracolândia de madrugada... Imagina se a gente tá com umas irmãs aqui da igreja com uma calça muito justa, uma minissaia, e você entrar de madrugada dentro de uma boca-de-fumo pra pregar o evangelho; ou entrar dentro de um presídio que tem dois, três mil homens que estão ali muitas vezes 5, 6, 4 anos sem ver uma mulher. É difícil, né? Uma vez, numa ocasião em que nós entramos pra fazer um culto num presídio, quando anunciou “Tá o pastor Marcos, o Waguinho, vão fazer um culto aí... Manda os irmãos todos...” – e eles têm muito respeito pela igreja - “Vão tá fazendo um culto aí, vamo todo mundo botar a camisa”. Eles ficam tudo sem camisa dentro do presídio; aí alguns engraçadinhos já gritaram: “Ih, rapá, tem umas irmãs também. Manda os irmãos botar a camisa que tem umas irmãs também acompanhando, que vão louvar”. Aí já teve alguns que não conheciam a igreja: “Ih, rapá, tem mulé aê, chegou mulé aê pra gente ver!” Quando as irmãs entraram - Elaine Martins, a Nívea, a Kelen Rodrigues, minha esposa, todas com roupão - os caras gritaram: “Ih, rapá, as irmãs dessa igreja tão tudo no seguro, ninguém vê nada!”. Aí você vê o pensamento do homem, né. O homem não adianta; homem é carne; a nossa luta é contra a carne e os olhos são a candeia do corpo. O que o seu olho vê o seu olho deseja, você sabe disso. O homem é homem, a mulher é mulher, quando veem alguma coisa aos seus olhos que seduz. Então a igreja tem que estar guardada e pautada nisso: na santidade, pra não dar brecha. Entendeu? [Pr. Waguinho, 50 anos, Assembleia de Deus dos Últimos Dias/ADUD]

Além desses aspectos de dominação masculina, também foi possível perceber pontos de vista que expõem exames críticos sobre a relação entre nós *versus* eles. Os entrevistados apontaram as diferenças estéticas e de gênero por meio do olhar observador lançado a outras correntes denominacionais. Entre eles, os julgamentos mais contundentes foram relacionados às igrejas pentecostais – em especial o perfil indumentário da Assembleia de Deus dos Últimos Dias/ADUD.

Semana passada, na quinta-feira, eu fui no centro da cidade e peguei o metrô, e entrando dentro do metrô vi uma senhora que tava na cara que ela era evangélica. Pra variar, pra mim ela era, no mínimo, da Assembleia de Deus ou Adventista do Sétimo Dia. Vestidinho preto até debaixo do joelho - as cores delas geralmente são muito neutras -; sapatinho baixo sem salto nenhum, tipo essas rasteirinhas que vocês chamam; uma camisa social que vinha a manga até aqui [3/4]; cabelos pretos longos amarrados com rabo de cavalo. O cabelo vinha até a altura da cintura, quase pegando no bumbum. E a camisa era até da cor dessa caixa, um cinza, extremamente assim... Pela cara você percebe que ela era, você consegue identificar que ela era de um movimento muito radical, muito exigente. Eu tô caracterizando dessa forma porque eu vi nas minhas frequências essa rigorosidade muito grande, tanto em algumas correntes das Assembleias de Deus quanto nas Adventistas do Sétimo Dia. Eles são muito tradicionalistas, muito radicais, até no louvor, né? Eles têm hinário, só canta aquilo, só canta aquilo... Enfim, quase que eu fotografei aquela mulher pra você. Ela tava bem vestida, mas era uma roupa assim, muito careta, não tinha cor. Ela não mostrava curva nenhuma, era uma coisa reta, uma coisa muito sem graça (risos). [Maurício, 56 anos, igreja Batista]

A gente vê pessoas em grupos evangélicos com roupas até mais radicais, grupos que usam uma roupa que é uma única coisa, parece que colocou um saco sobre a mulher. Eu acho uma pena pra mulher estar nessa condição. É lógico se perguntar a ela, pelo temor da religião ela vai dizer que se sente bem, que foi Deus quem colocou ela com aquela roupa, mas se você visita o site do grupo você vai ver que eles influenciam claramente as pessoas a usarem aquele tipo de roupa. Então é uma tentativa que eles usam de se preservar deste mundo, só que nessa tentativa eu acho que eles penalizam muito a mulher. Acho que não dá pra dizer que todo evangélico é assim, assim como não dá pra dizer que toda muçulmana se veste de burca.

[Marcelo, 40 anos, Igreja Batista]

Cara, eu não consigo olhar e aprovar aquelas coisas da Assembleia de Deus, aquelas mulheres que usam umas saionas, que usam um roupão até o pé... Esses, pra mim, são os mais caricatos. Eles falam muito dessa questão de santidade, de “brilho do Espírito Santo”... Eu não creio nesse negocio de “brilho do Espírito Santo”, não. Eu acho que o brilho do Espírito Santo tá na prática da pessoa.

[Fabiano, 35 anos, Igreja da Orla].

Por outro lado, há também a crítica dos grupos tradicionais às igrejas secularizadas, nos quais a modéstia no vestuário se apresenta mais flexível. Para estes informantes, as igrejas contemporâneas estariam exageradamente “modernizadas” e na esteira de seguir as transformações atuais poderiam perder a essência da distinção do evangélico frente ao não evangélico.

Qual é o escândalo em uma pessoa botar um roupão largo, de uma cor única? Não tem cor aberrante, não tem cor vermelha, preta com lantejoulas, nada disso – é simplesmente uma roupa que não está exibindo o corpo dela. Só! Tem igrejas aí que estão muito globalizadas, querem acompanhar o dito da moda. Jesus nunca se importou; o povo crente, os evangélicos, nunca se importaram em andar na moda. Nós temos uma marca, temos uma direção, e isso é pautado na Bíblia. A Bíblia manda a mulher se santificar, se sujeitar, e só mostrar o seu corpo pro seu marido, e o marido só mostrar o seu corpo pra sua mulher. É a Bíblia que manda, é Deus quem manda. Deus não mudou, a Bíblia não mudou, então nós temos que seguir até hoje o que ele mandou. Não pode mudar. Por isso que a nossa igreja às vezes é

muito perseguida, porque tem até outras igrejas que às vezes não acompanharam, ou abriram mão da doutrina, abriram mão do que tá na Bíblia, então preferem às vezes criticar a gente, crucificar.

[Pr. Waguinho, Assembleia de Deus dos Últimos Dias/ADUD]

Na realidade, o povo não vive aquilo que a Bíblia ensina. É claro que dentro da visão dos dias atrás pros dias que nós vivemos tem que haver um pouco mais de liberação, mas é aquela liberação controlada. Se passar fora daquilo, a pessoa, antes de ser chamada, tem que ter a noção e ela mesma se julgar; olhar pra ela, pra dentro dela, e dizer que ela está fora de contexto do que a Bíblia ensina. Isso é o primordial, o contexto bíblico. A gente fala assim “cristão moderno”, mas a Bíblia não muda. Mas a mentalidade mudou, a população aumentou, e a mulher que não quer pagar o preço da santidade ela vai pra uma igreja mais liberal. A liberalidade que ela exasperava quando vivia no mundo ela quer viver dentro da igreja. As mulheres, algumas têm essa sensualidade mais exacerbada e elas deixam transparecer essa sensualidade mais do que as outras. Você vê: a roupa do varão continua a mesma, mas as mulheres... Não que eu esteja criticando as mulheres, entenda, mas esse problema das mulheres vem desde o começo. Por isso Moisés botou imposições nas vestimentas. [João, 58 anos, Igreja Cristã Renovada em Cristo Jesus]

Ao término dos diálogos com os informantes realizei uma breve dinâmica na qual apresentei fotografias retiradas de uma loja virtual de moda feminina evangélica (Figuras 40 e 41), para que eles apontassem qual seria o *dress code* idealizado em relação às mulheres, e de que modo essa percepção estética fundamentaria uma aproximação para relações de par. Com unanimidade os homens escolheram dois modelos que revelam o equilíbrio socialmente desejável e atraente aos seus olhos: a sensualidade conjugada à discrição. Nas subjetividades masculinas analisadas uma roupa de mulher para ter êxito precisa sensibilizar não só o gosto pelas formas, mas também o ego que constitui esse todo coletivo: à mulher é permitido provocar sutilmente com as vestes, mas ao homem caberia o papel de procurar desvendar gradualmente o horizonte que pode ser revelado por trás daquele traje.



Figuras 40 e 41 – Modelos de vestuário à venda no site de moda evangélica Bela Loba. Fonte: Belaloba.com.br (2014)⁵.

Bourdieu afirma que “o golpe de força que o mundo social exerce sobre cada um de seus sujeitos” consiste em imprimir em seu corpo “um verdadeiro programa de percepção, de apreciação e de ação que, na sua dimensão sexual, elabora princípios que são eles próprios o produto da relação arbitrária de dominação” (2002, p. 145). Podemos constatar que a visão androcêntrica dos informantes evangélicos é imanente ao sistema de categorias que administram os papéis de gênero na religião e mesmo o lugar social de homens e mulheres nas sociedades ocidentais.

Do ponto de vista social, a moda feminina evangélica se impõe como uma dimensão que vai além de gostos pessoais. Nela se manifesta a expressão de um interesse coletivo: por um lado, apresentar modéstia e recato; por outro, insinuar sensualidade. Essa representação corresponde a todo um sistema de relações entre os sexos e às tendências que organizam as disposições morais no universo religioso. A concepção de feminilidade que repercute na moda evangélica e nas subjetividades masculinas é não apenas estética, mas também ética.

⁵ Disponível em <http://www.belaloba.com.br/marcas-ct-3338a>. Acesso em 05 dez. 2014.

Moda evangélica e a pedagogia das práticas de consumo

Clifford Geertz no ensaio *A religião como sistema cultural* (1989) afirma que o trabalho antropológico sobre religião na segunda metade do século XX sofre uma revisão de conceitos que se utilizam de uma tradição intelectual definida, como os estudos religiosos de Durkheim, Weber e Malinowski. Segundo o autor, a religião passa a ser definida como “um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos e materializado em comportamentos” (op. cit, p. 66). A compreensão dos símbolos sagrados torna-se um dos objetos de estudo da antropologia, visto que os mesmos “sintetizam o ethos de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e suas disposições morais e estéticos – e sua visão de mundo” (op. cit, p. 67).

A religião entra em cena como dispositivo mediador das situações que compõem a experiência cotidiana, além de objetivar as preferências morais e estéticas dos indivíduos, situando-os dentro de um quadro referencial de sentido. Para Geertz, esse sistema de símbolos construído pela religião atua para “estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral” (Idem), produzindo uma diferenciação empírica da atividade ou do fenômeno religioso. Neste sentido, os símbolos religiosos – tal como o vestuário feminino evangélico - se constituem em “formulações tangíveis de noções, incorporações concretas de ideias, julgamentos, atitudes e crenças” (Geertz, op. cit., p. 68).

Uma referência contemporânea sobre o sistema simbólico no campo religioso e que têm sido objeto de reflexões teóricas é o fenômeno de secularização. Dentre os grupos religiosos atuantes no Brasil, os evangélicos estão entre os que mais utilizam do potencial de ferramentas virtuais como Facebook e blogs para a demonstração de uma cultura cristã. Tal perspectiva é ligada a um fenômeno particular, no qual indivíduos, grupos e instituições utilizam as mídias contemporâneas para tornar públicas suas crenças e traços de identidade religiosos.

Nos ambientes tradicionais e também nos digitais observa-se cada vez mais a difusão e afirmação do exercício da fé, desta vez marcadas pelo aspecto do crescente

debate sobre a moral religiosa, ligada ao processo de secularização. A ressignificação da “religião”, em termos de linguagem intercultural e de instrumento de afirmação identitária, implicou a necessidade de repensar teoricamente o lugar da mesma na esfera pública, em especial no ambiente virtual. Atores religiosos e seus discursos não apenas transitam nesse espaço secular, mas operam dentro dele e o definem conforme os contextos, estimulando práticas pedagógicas ou normatizadoras associadas ao comportamento social e religioso tido por “ideal”.

Desde os tempos de consolidação dos meios digitais no país - mais precisamente a partir do século XXI - emergiram diversas personalidades evangélicas que fizeram da internet uma ferramenta para criar espaços de sociabilidade, estabelecendo, a partir de práticas discursivas, uma ligação entre os comportamentos sociais e a tradição bíblica. Por ser uma religião com múltiplas ramificações institucionais e com diferentes visões de mundo sobre seu texto sagrado, o que ocorre no meio evangélico é uma diversidade de linguagens que aparecem na forma como cada um compreende o conteúdo de suas composições e os estilos que adotam em seus desempenhos sociais.

Tendo por base as interpretações sobre a religião como um sistema que produz signos e práticas, este capítulo descreve os principais resultados do estudo sobre o mercado contemporâneo de moda evangélica e como essa esfera reproduz o vestuário enquanto símbolo legitimador da mulher protestante. Neste cenário, tanto o comércio varejista quanto lideranças femininas, comunidades virtuais e a mídia atuam como forças que influenciam a maneira como as evangélicas escolhem fazer uso do vestuário. A partir dos discursos e da interação semiótica que as imagens veiculadas provocam nas consumidoras, busco compreender como a educação ao corpo feminino é realizada e a maneira pela qual o mercado gospel considera como sendo coerentes as vestimentas da “mulher de Deus”, que representa um dos principais signos de feminilidade e identidade social evangélica.

6.1

Nicho de mercado e características de consumo

Os evangélicos fazem parte de uma categoria social que movimenta um mercado próprio de artigos religiosos e de produtos feitos sob medida para eles. Neste conjunto está o nicho de moda feminina evangélica, conhecido pelos lojistas como “moda comportada”, cujo público-alvo é constituído por mulheres que buscam elegância, sofisticação, estilo e conforto em um visual modesto.

Atualmente as mulheres evangélicas querem estar dentro da moda, segmento o qual, segundo Lipovetsky, é “o reino da absorção das individualidades” (1987, p. 243). Para elas, o objetivo é estarem discretas e comportadas, mas usando cores e estampas dentro das tendências contemporâneas. Diversos formatos de roupas são permitidos desde que não tenha decote ousado, transparências ou saias e vestidos curtos demais. Algumas igrejas mais ortodoxas também não permitem o uso de calça.

Este cenário em crescimento tem atraído muitos empreendedores do setor. Diante de um público que tem características específicas de consumo e estilo em virtude de exigências feitas pelas igrejas, a moda evangélica surge como uma oportunidade de negócio. O movimento deste segmento atrai não somente as protestantes, mas também um público de mulheres não evangélicas que preferem utilizar roupas mais discretas. De acordo com o SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (2015), cerca de 10% das consumidoras deste nicho não são evangélicas. Como as roupas costumam cobrir ombros e pernas, trabalhadoras do ramo executivo ou mulheres que usam tamanhos grandes - independentemente de serem evangélicas - têm recorrido aos modelos desse tipo de moda. Mulheres de outras religiões ortodoxas são também potenciais consumidoras. Atingir este público torna-se, então, uma oportunidade de mercado.

Atento a esta tendência, Rodrigo Coutinho – que é membro da Igreja Metodista e proprietário da confecção Rover, no Rio de Janeiro – entrou no mercado de moda evangélica há cinco anos. Rodrigo comenta que percebeu nas evangélicas de seu círculo social que elas não conseguiam encontrar variedade de roupas comportadas e com tendências da moda para participar dos eventos da igreja e usar no dia a dia. A partir daí surgiu o interesse em investir nesse segmento. Hoje o microempresário conta com duas lojas próprias: uma no bairro de Rio Comprido, outra no mercado popular de modas Taigo, em Santíssimo, zona oeste do Rio. Sua

confeção é também bastante procurada pelas igrejas que realizam eventos femininos (especialmente as correntes pentecostais), a fim de produzirem uniformes para as componentes da comissão organizadora. O público da loja Rover é de classe média baixa, que consome cerca de R\$ 100,00 por vez, a cada compra. A peça mais vendida de suas lojas são as saias de comprimento médio e ajustadas ao corpo, vendidas a R\$ 35,00 a unidade (Figura 42).



Figura 42 – Saia justa e de comprimento médio à venda na loja Rover.

Fonte: Levantamento de campo (2015)

No segmento da moda evangélica, o polo de maior concentração de lojas do ramo encontra-se no mercado popular do Brás, na região centro-leste de São Paulo. Segundo o Sebrae (2015), os lojistas da moda feminina gospel no Brás apostam no nicho devido a dois fatores: a região é a que concentra os maiores templos evangélicos do país e as mulheres protestantes são um dos segmentos de mercado que mais crescem no Brasil atualmente. O diferencial das lojas no Brás se encontra na boa modelagem das roupas e na qualidade do acabamento, como mostram as Figuras 43 a 45.



Figuras 43, 44 e 45 – Manequins em lojas de moda evangélica no Brás/SP. Fonte: Levantamento de campo (2015).

Além das lojas físicas, outro vetor importante desse segmento são as lojas virtuais, que investem principalmente num estilo mais sofisticado de moda evangélica, incluindo o setor *plus size*. Essas lojas vendem modelos que custam em média de R\$ 150,00 a R\$ 400,00. Também vendem bolsas e sapatos em estilo semelhante ao das grifes de luxo. Algumas cantoras gospel, inclusive, se deslocaram do mercado fonográfico para inaugurar lojas on-line, conquistando um público de consumidoras que se identificam com o perfil delas. O levantamento realizado a partir da ferramenta de busca Google apresenta as principais butiques on-line de moda evangélica no Brasil, conforme apresentado no Quadro 5.

Quadro 5 – Principais boutiques on–line de moda feminina evangélica

Segmento evangélico	
Thais Rodrigues	Clássica Moda Evangélica
Kauly Moda Evangélica	Ana Bonita
Giulipe Moda Evangélica	Kabene Jeans Moda Evangélica
Adah Moda Feminina e Evangélica	Puro Sharmy
Floratta Modas	Retrozz Moda Evangélica
Via Evangélica	Obzee Moda Evangélica
Lu Modas Evangélicas	Pura Flor Moda Evangélica
Bella Herança Moda Evangélica	Nafee Moda Evangélica
Monia Moda Evangélica	Feminine Fashion;
Bela Loba Moda Evangélica	Aderência Moda Evangélica
Fasciniu's Moda Evangélica	Dahouk Moda Evangélica
Raje Moda Evangélica;	Morena Klara
Via Tolentino	D'Azul Moda Evangélica
NK3 Moda Evangélica	Maria Amore
Nítido Moda Evangélica	Base Café
Joyal Modas Evangélica	Bela Evangélica
La Seve Moda Evangélica	Rosa Chocolate
Segmento evangélico e executivo	
Lara Bless Moda Cristã & Executiva	
Bella Fiorella Moda Evangélica & Executiva	
Saiabella Moda Evangélica & Executiva	
Carmelo's Moda Evangélica & Executiva	
Orem Moda Evangélica & Executiva	
Lojas de cantoras gospel	
Sol da Terra (Aline Barros)	
Diante do Trono Wear (Ana Paula Valadão)	
Loja Gabriela Rocha	
Loja Fernanda Brum	
Moda com Estilo (Damares)	
Seven Liz (Liz Lanne)	

Fonte: Google (2015)¹.

¹ Disponível em <https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=lojas+moda+evangelica>. Acesso em 10 out. 2015.

A venda on-line de roupas para evangélicas atende a clientes de todo o país. As regiões Norte e Nordeste concentram o maior volume de lojas desse filão (Sebrae, 2015, p. 48). Uma vez que nessas regiões não há grandes polos da moda protestante, os lojistas se utilizam do e-commerce para fortalecer seus negócios. O levantamento do Sebrae (*Ibidem*) aponta que o segmento de moda evangélica busca inspirações nas grandes feiras de moda contemporâneas, como a São Paulo Fashion Week, adaptando as tendências de cores, cortes e estampas para o perfil das religiosas.

Não são apenas as lojas virtuais que investem na atenção especializada a esse público: na internet, outro agente importante de pedagogia e representações coletivas da moda gospel são os blogs femininos. Essas ferramentas canalizam uma visão de realidade sobre a moda elaborada a partir de um discurso dominante, representada em enunciados performativos pelos agentes socialmente reconhecidos como legítimos.

Personalidades femininas evangélicas como Cristiane Cardoso, Rayza Nicácio e Manu Scottá, que ilustram esses blogs, lideram opiniões sobre modéstia no vestuário e ditam tendências de moda e comportamento. Elas se utilizam de linguagem popular e constantemente apelam a vocativos característicos do universo evangélico - tais como “amada”, “irmã”, “linda” e “querida” - no intuito de criar uma atmosfera de aproximação e intimidade com as interlocutoras virtuais. Dentro do universo de referências, as evangélicas buscam inspiração no seu cotidiano e aquelas que detêm maior poder de compra são, possivelmente, as mais influenciadas pelo discurso das blogueiras – o que provoca sensíveis transformações nas concepções e práticas de consumo das evangélicas. O Quadro 6 apresenta os principais blogs de moda evangélica em atividade.

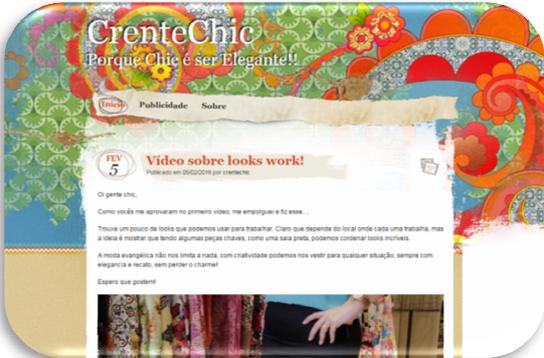
Quadro 6 – Blogs mais populares de moda evangélica

Nome do blog	Página inicial
<p>Cristiane Cardoso</p>	 <p>Fonte: Blog Cristiane Cardoso (2016)²</p>
<p>Rayza Nicácio</p>	 <p>Fonte: Blog Rayza Nicácio (2016)³</p>
<p>Blog da Maanuh (de Manu Scottá)</p>	 <p>Fonte: Blog da Maanuh (2016)⁴</p>

² Disponível em <http://blogs.universal.org/cristianecardoso/>. Acesso em: 06 fev. 2016.

³ Disponível em <http://www.rayzanicacio.com/>. Acesso em: 06 fev. 2016.

⁴ Disponível em <https://blogdamaanuh.com/>. Acesso em: 06 fev. 2016.

Nome do blog	Página inicial
<p>Passarela Estreita (de Mari Raugust)</p>	 <p>Fonte: Passarela Estreita (2016)⁵</p>
<p>Susan Dutra</p>	 <p>Fonte: Blog Susan Dutra (2015)⁶</p>
<p>Crete Chic (de Renata Castanheira)</p>	 <p>Fonte: Blog Crete Chic (2016)⁷</p>

⁵ Disponível em <http://www.passarelaestreita.com/>. Acesso em: 06 fev. 2016.

⁶ Disponível em <https://susandutra.wordpress.com/author/susandutra/>. Acesso em: 09 out. 2015.

⁷ Disponível em <http://cretechic.com/>. Acesso em: 06 fev. 2016.

Nome do blog	Página inicial
<p>Mulher Virtuosa (de Sofia Bica)</p>	 <p>Fonte: Blog Mulher Virtuosa (2015)⁸</p>

As lojas físicas e os itens de consumo estético presentes no cotidiano das evangélicas pesquisadas estão exibidos no apêndice desta dissertação.

6.2

Representações sobre a moda feminina no ciberespaço gospel

A partir de levantamentos realizados na internet pude verificar que os debates sobre as vestimentas apropriadas às evangélicas são constantes em comunidades que se formam através de formas assíncronas de comunicação (grupos de notícias e listas de discussão, blogs e redes sociais como Facebook). De acordo com os tipos de interação definidos por Jungblut (2012), os dois primeiros casos são constituídos por *interações comunicativas extramuros* (debates e interlocuções com intenções proselitistas com indivíduos de outras crenças ou descrentes). O terceiro e quarto grupos, *interações intramuros* (debates entre evangélicos acerca de temas do cotidiano e de questões doutrinárias, principalmente).

Tais debates estão fortemente ligados à afirmação de uma identidade particular pelos evangélicos, que se revela nas formas mais populares de comunicação mediada por computadores. O que parece marcar amplamente o uso religioso da internet pelos protestantes é a propensão à autonomia identitária, no sentido de indivíduos autônomos exporem individualmente um discurso religioso legitimado por seus seguidores, vinculados ou não a grupos e tradições consolidadas.

⁸ Disponível em <http://www.blogmulhervirtuosa.com.br/>. Acesso em: 07 out. 2015.

Há, desta forma, uma “afinidade eletiva” entre as lógicas comunicacionais que operam no ciberespaço e o protestantismo, “que promovem a otimização das estratégias de pertencimento social, de posicionamento identitário e de construção de trajetos subjetivos do eu que se assiste com a emergência dos ambientes digitais” (Jungblut, 2012, p. 466). O ciberespaço se apresenta altamente acolhedor tanto para experiências dialogais quanto para a apresentação de versões que animam a “autovalidação” das formas individualizadas de exercício da fé religiosa, cujos principais representantes desse fenômeno são os blogs e perfis no Facebook de personalidades evangélicas ligadas a correntes denominacionais alternativas.

Dentre os múltiplos espaços de manifestação de um ethos religioso que transborda para o meio coletivo na internet, escolhi três sites para abordar algumas vertentes de interpretações sobre o vestuário feminino evangélico: o blog de moda *Passarela Estreita*, a comunidade no Facebook *Na Contramão* e o portal de notícias *Gospel Mais*.

O blog *Passarela estreita* está entre os mais acessados e legitimados pelas protestantes, sobretudo as da faixa etária de 15 a 30 anos. Nele são expressas dicas de moda, comportamento e estilo de vida a serem adotados pelas evangélicas. O discurso deste blog objetiva ser uma mensagem crível, capaz de fazer os crentes se moverem e produzir praticantes.

Mariana Raugust, 23 anos, autora do *Passarela*, é estudante de moda e membro da igreja Bola de Neve⁹ em Porto Alegre/RS. Segundo ela, a iniciativa para criar o blog de moda cristã partiu do desejo de ter um espaço onde pudesse mostrar “o look do dia”, mas também comentar sobre atualidades do universo gospel “de forma leve e descontraída”. Para Mariana, o objetivo do blog é mostrar o *lifestyle* de uma jovem evangélica diferente daqueles representados pelas mídias de massa, porém sempre focado na missão de evangelizar, “pregar em atitudes e ministrar com o cotidiano” [...] “ser instrumento de Deus para conectar corações à Palavra d’Ele e fazer a diferença”¹⁰.

O *Passarela Estreita* foca na divulgação de textos de edificação espiritual para jovens evangélicas. Já o perfil do blog no Facebook tem um estilo mais interativo e

⁹ Igreja fundada em 1999 em São Paulo pelo apóstolo Rina, cujo objetivo inicial era agregar surfistas, empresários e outros profissionais envolvidos no mercado de surf. Atualmente a Bola de Neve Church, como é conhecida, tem como missão acolher jovens que se identificam com diversos grupos considerados “underground” pelo universo gospel (surfistas, roqueiros, tatuadores, lutadores, rastafáris, entre outros). Está presente em grande parte dos estados brasileiros, além de possuir representações em Bogotá, na Colômbia, e em Toronto, no Canadá.

¹⁰ Disponível em <http://www.passarelaestreita.com/p/blogueira.html>. Acesso em: 02 dez. 2014.

“pedagógico”. Nele semanalmente são postadas frases de efeito apresentadas como “pensamentos do dia” e imagens sobre unhas, cabelos, além de diferentes peças de vestuário feminino com estilo moderno, sem desprezar a discrição e a moderação. Entre todas as fotos divulgadas no Facebook do Passarela, aquelas que receberam maior número de visualizações foram imagens de mulheres utilizando saias seguidas de um texto sobre os modos de vestir da mulher evangélica. O mais específico e que chama maior atenção é este, postado em maio de 2014:

Querida mulher de Deus,

Se seu objetivo em usar saias ou vestido é o de se tornar uma mulher mais discreta e que não é vulgar então eu lhe deixo um conselho, cuide do *tipo* de peça que você usa. Tome cuidado, pois muitas mulheres cristãs andam tão atraentes e sensuais com suas saias longas quanto uma moça com calça de ginástica. Não deixe o bom senso de lado. A questão é como você usa e por que você usa. É apenas um cumprir de regras e doutrinas ou é um desejo que você tem de guardar o seu corpo para o seu marido? Reflita sobre isso! Se preservar é um presente e não um fardo. Você tem o privilégio de fazer a diferença através das suas vestes, mostrar que você tem valor e é filha de Deus!¹¹

Para os princípios evangélicos, o modo de a mulher se vestir condiz com a moral e a ética da religião. A calça, embora permitida em muitas igrejas atuais, subjetivamente ainda é considerada uma vestimenta que desperta sensualidade, pois, colada ao corpo, é vista como uma veste sensual, tornando-o também sensual. Por esta razão a preferência pela utilização de saias de comprimento médio ou longo, consideradas como sensualizando menos o corpo feminino, como mostra a Figura 46.

¹¹ Disponível em <https://www.facebook.com/PassarelaEstreita/photos/pb.257002791055824.-2207520000.1417568442./648219868600779/?type=3&theater>. Acesso em: 30 nov. 2014.



**Figura 46 – Modelo com saia estilo *voit*,
179 curtidas – 14 comentários – 63 compartilhamentos.**

Fonte: Facebook Passarela Estreita (2014)¹².

Dentre os comentários de aprovação à imagem, cito um que exemplifica a cosmologia evangélica:

J.M., 15 de maio de 2014:

Sempre achei que ser bonita, se vestir bem e ser notada não vem de vestir uma micro roupa ou estar excessivamente preocupada com a aparência, afinal o Espírito Santo de Deus nos deixa mais belas, glória a Deus. Tudo em nossa vida tem q ser para engrandecimento do nome de Deus. As vestes tbm.¹³

Além da modéstia e discrição, o blog orienta que a mulher evangélica não deixe de lado seu caráter feminino. Deve, antes, equilibrar a realidade dos tempos modernos ao seu estilo de vida religioso (Figura 47), utilizando roupas adequadas ao seu tipo físico, à ocasião e ao lugar em que se pretende usá-las. Para ser bonita e virtuosa, a evangélica deve demonstrar uma feminilidade “em Deus”, valorizada não só pelas mulheres, mas também pelos homens do meio religioso.

¹² Ibidem.

¹³ Este e outros comentários que seguem as imagens foram extraídos *ipsis litteris*. Disponível em <https://www.facebook.com/PassarelaEstreita/photos/pb.257002791055824.-2207520000.1426979984./648219868600779/?type=3&theater>. Acesso em 1º dez. 2014.



**Figura 47 – Modelo com saia estampada
estilo *voit*, 276 curtidas – 28 comentários
– 14 compartilhamentos.**

Fonte: Facebook Passarela Estreita (2014)¹⁴

C. F. P., 23 de maio de 2014:

Eu não usaria, mas ficaria muito feliz em sair com uma mulher super bem vestida assim.¹⁵

B. P., 24 de maio de 2014:

Amo esse tipo de saia, acho super feminino e elegante.¹⁶

M. A., 23 de maio de 2014:

hot hot hot. Super valoriza o corpo feminino. Adorei essa moda.¹⁷

A comunidade virtual *Na Contramão* é dirigida pelo Ministério Comunidade Nova Vida, de Imperatriz/MA, cujo presidente é o apóstolo Alex Nunes. Voltado da mesma forma para o público jovem, o coletivo *Na Contramão* tem como objetivo “resgatar os princípios da visão celular e consolidar a multiplicação das redes juvenis da comunidade Nova Vida, pregando a palavra de Deus e denunciando heresias acerca do Evangelho”¹⁸.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Disponível em <https://www.facebook.com/PassarelaEstreita/photos/pb.257002791055824.-2207520000.1426979979./653506214738811/?type=3&theater>. Acesso em: 1º dez. 2014.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Disponível em https://www.facebook.com/nacontramao12/timeline?ref=page_internal. Acesso em: 25 jan. 2016.

Na página da comunidade no Facebook os posts debatem sobre temáticas referentes ao universo juvenil evangélico, como carreira profissional, reuniões gospel, música, família, namoro e vida afetiva, entre outros. Vez por outra ocorrem postagens de conteúdos polêmicos e que tocam a moral protestante como um todo. Entre estes, a publicação referente a um vestido disponível à venda no site *Diante do Trono Wear* e divulgado no perfil do Facebook *Ana Paula Valadão Oficial* criou uma grande e intensa querela virtual (Figura 48).



**Figura 48 – Postagem sobre o vestido “Deus é Amor”
à venda na loja virtual Diante do Trono Wear.**

Fonte: Facebook Na Contramão (2016)¹⁹.

A crítica geral dirigida pelos frequentadores da página é a de que a loja Diante do Trono estaria banalizando o nome de Deus no intuito de legitimar o marketing de suas peças de vestuário. Para os internautas, denominar um vestido de “Deus é Amor” seria uma profanação ao sagrado em nome da lógica de mercado com fins de lucro. O post serviu como deflagrador fértil para o ressurgimento de discussões sociais e teológicas sobre a moda feminina, sobretudo nos tempos atuais, em que há

¹⁹ Disponível em https://www.facebook.com/1583225945288651/photos/a.1583234038621175.1073741828.1583225945288651/1680786988865879/?type=3&comment_id=1681108052167106¬if_t=comment_mention. Acesso em 25 jan. 2016.

tendência de os jovens protestantes serem em grande quantidade antidogmáticos e revelarem intenso espírito crítico acerca dos costumes religiosos.

Os jovens que não conseguem expor suas opiniões na igreja estão no ambiente digital, dando publicidade às suas insatisfações. O fato de não haver qualquer controle sobre o que é veiculado na internet – também chamada de “território livre” – permite que esses sujeitos expressem opiniões de forma mais descontraída e autêntica. Deste modo, as pautas de discussão no Facebook se expressam com linguagens de domínio público, atribuindo ao contexto da mensagem significados populares e relativos ao cotidiano, justamente para tornar a informação – e a crítica - mais inteligível, como mostra a reprodução dos comentários ao post na Figura 49.



Figura 49 – Comentários ao post sobre o vestido “Deus é Amor”. Fonte: Facebook Na Contramão (2016)²⁰.

²⁰ Disponível em https://www.facebook.com/1583225945288651/photos/a.1583234038621175.1073741828.1583225945288651/1680786988865879/?type=3&comment_id=1681108052167106¬if_t=comment_menti. Acesso em: 31 jan. 2016.

Outra querela ainda mais polêmica foi sobre a reportagem divulgada no portal evangélico *Gospel Mais*, abordando a terminologia criada recentemente para designar as mulheres que se trajam de modo excessivamente sensual dentro das igrejas: as chamadas “periguetes gospel”. Em linhas gerais, o termo “periguete” possui conotação pejorativa, sendo usado para definir a mulher que não se adequa às normas tradicionais de conduta feminina, em termos da livre expressão de sua sexualidade e desejo, e, mais ainda, por agir ou se vestir de maneira considerada provocante. A mulher periguete é vista como um perigo para a sociedade, pois “ameaça valores tradicionais com seu comportamento sexual fora de relações estáveis/aceitas ou pela exposição do corpo, que pode sugerir conduta inadequada” (Cerqueira; Corrêa; Rosa, 2012, p. 133).

A reportagem do *Gospel Mais*, de agosto de 2012, gerou uma extensa lista de discussão apresentando 342 comentários via site e página do portal no Facebook. Segundo o público geral que comentou a matéria, as periguetes gospel constituem absoluto contrassenso, oposto ao perfil de uma “verdadeira” evangélica. Ao se trajarem intencionalmente com roupas provocantes no intuito de despertar a atenção dos homens, seriam responsáveis por propagar uma atmosfera de sensualidade exacerbada no interior das igrejas. Muitos comentários caracterizaram as periguetes gospel como “vadias” e “putas”, mulheres não convertidas e não transformadas pelo “poder do Espírito Santo”. A Figura 50 traz a fotografia usada na reportagem que expressa o que seria uma periguete gospel, e ao lado reproduzo alguns trechos da reportagem que revelam, mais uma vez, o juízo que os evangélicos formulam sobre a sensualidade através das roupas.

[...] Segundo Dani Marques, conselheira de casais, o “estilo periguete” é “uma moda que chegou para destruir vidas e relacionamentos”. Em entrevista ao portal, a conselheira ironiza a determinação de mulheres que adotam o estilo mesmo no inverno: “O interessante, é que as adeptas a esse estilo não sentem frio. Não sei qual o segredo. Talvez o fogo que vem de dentro”.

A difusão dessa nova moda no meio evangélico foi comentada com igual humor pela blogueira: “A moda gospel conta com peças segunda pele, decotes ousados e blusinhas puxa-puxa: uma mão levantada pra louvar e a outra puxando a blusa para evitar que a barriga apareça”.

O tom de humor usado pela conselheira de casais em seu texto não diminui sua preocupação com as consequências que essa nova moda pode trazer: “Há



Figura 50 – Modelo representando uma “periguete gospel” no interior de um templo evangélico.

Fonte: Portal Gospel+ (2012)²¹.

uns 2 meses atrás, uma esposa compartilhou comigo que seu marido havia passado todo o período do culto desnortado. Não conseguiu prestar atenção em uma palavra sequer, por conta de um bumbum bem modelado em uma calça jeans agarrada no banco da frente”, revela Dani Marques.

A questão psicológica foi abordada em dois pontos pela conselheira: “Mulheres que se portam como vadias, atrairão cafajestes. Quer se casar com um cavalheiro? Então porte-se como uma dama”, orientou Marques, antes de citar dados científicos para reforçar seu argumento: “Se você não teve um pai que foi amigo, companheiro, seu maior admirador e ao mesmo tempo um exemplo de autoridade, é muito provável que você busque inconscientemente suprir esta falta com os homens que passarem pela sua vida, seduzindo-os através do seu corpo e modo de vestir. Pesquisas comprovam isto. Mas saiba que a única coisa que vai colher é decepção e frustração”, pontuou.

[...] A tendência de mulheres jovens e adultas se apresentarem de forma sensual no meio evangélico também se tornou uma espécie de concurso, com blogs especializados em publicação de imagens com supostas evangélicas nuas em poses sensuais. (Redação Gospel+, 08 de agosto de 2012)²².

O que mais ocupa a atenção dos participantes ativos destas listas de discussão são os debates teológicos acirrados que quase sempre ali se desenvolvem. O tema da moda feminina gira em torno da ordem teológica e envolve pontos de vistas relacionados a princípios doutrinários. Há momentos em que, num mesmo dia, alguns participantes trocam mensagens entre si comentando, endossando e/ou criticando pontos de vista comuns ou controversos e assim se seguem réplicas e tréplicas mantidas em alguns casos por vários dias. O objetivo desses feedbacks, segundo Jungblut, parece ser sempre o mesmo:

[...] negociar, o mais exaustivamente possível, um modelo ideal das bases confessionais comuns aos que ali estão a partir de questões que, problematizadas ao extremo, levem a um termo satisfatório. Mas também marcar diferenças denominacionais e idiossincráticas e defender sua legitimidade quando estas não se choquem contra as bases confessionais do protestantismo ali compartilhadas. Parece interessar menos as bases fundamentais do protestantismo e mais questões para as quais estas bases não forneçam respostas inequívocas. Não deixa de haver nesses embates um certo exercício narcísico de ostentação de perspicácia teológica de vários que ali estão. (Jungblut, 2002, p. 153).

²¹ Disponível em <http://noticias.gospelmais.com.br/piriguete-gospel-moda-destruir-vidas-relacionamentos-41021.html>. Acesso em 12 abr. 2015.

²² Disponível em <http://noticias.gospelmais.com.br/piriguete-gospel-moda-destruir-vidas-relacionamentos-41021.html>. Acesso em 12 abr. 2015.

Parece que há algo sutilmente agonístico nestas discussões, no sentido de que ali o ato de defender um ponto de vista possa envolver vaidades pessoais de uma forma muito mais acentuada do que em outros locais do mundo evangélico, sem que isso resulte em demérito moral. Algo que faz com que debates teológicos assumam a forma de descontraídos jogos onde se mede os talentos retóricos de cada um. Um exemplo desse aspecto foi o comentário de um internauta que descreveu postulados teológicos sobre o que seria a prostituição. Sua descrição foi endossada por outros oito internautas num intervalo de duas horas no ambiente do portal.

E. J., 09 de agosto de 2012

“Pois está é a vontade de Deus: que vos abstenhais da prostituição”. O texto bíblico de Mateus 21 é claro e eficaz. A questão é: o que é prostituição? Jesus disse que se um homem apenas pensar de modo indigno em uma mulher, já cometeu adultério (entenda-se como uma prostituição). Quando essas meninas se vestem dessa maneira, estão com a mente desejando o adultério, não obstante, provocam os sentidos dos homens que as veem. As "igrejas" e "líderes" que não orientam quanto a esse péssimo comportamento, estão fugindo da sua obrigação de conduzir seus membros ao caminho da salvação.²³

Os ambientes virtuais representados aqui – blog *Passarela Estreita*, Facebook *Na Contramão* e portal *Gospel Mais* - atuam como um dos muitos ambientes difusores dos padrões bíblicos de vestuário e comportamento no ciberespaço, apresentando um retrato de feminilidade da mulher evangélica, encarregada de ser “à imagem e semelhança” de Deus. Tal representação é resultado de um processo discursivo que assimila o vestuário feminino como marcador da diferença.

Nesse sentido, as características de espaço virtual que os blogs, redes sociais e as listas de discussão evangélicas possuem parecem possibilitar um ambiente em que debates evangélicos possam acontecer com liberdades pouco existentes no mundo não virtual. Ali é muito mais tolerável sofismar e ser pretensioso num debate teológico, sem que isso resulte em deméritos morais. Na internet é possivelmente mais fácil as pessoas se desinibirem quanto ao que dizem a respeito de sanções morais, dar vazão às suas idiosincrasias com menos autocontrole.

²³ Ibidem.

6.3

Moralidade estética na moda íntima

Um dos nichos mercadológicos raramente abordados no universo protestante mas que os evangélicos se constituem consumidores exponenciais é o mercado de moda íntima, especialmente as lojas físicas eróticas, mais conhecidas como sex-shops. Fruto de um recente processo de individualização e autonomia do indivíduo, homens e mulheres evangélicos têm recorrido a esse mercado em busca de agradar ao par e diversificar as manifestações de afeto e de prazer na relação entre os sexos.

Para os evangélicos, o prazer sexual é consentido e legitimado entre pares heterossexuais casados por meio do casamento religioso e civil. De modo geral, é amplamente censurado se praticado entre solteiros, homossexuais ou fora do âmbito do casamento. Em relação ao universo das vestes íntimas e com base nos discursos dos informantes, parece que a esfera das práticas privadas é relativamente liberada, desde que para finalidades elevadas, como conservar a família e o casamento. Pude constatar que as evangélicas, no geral, consomem peças de vestuário íntimo mais ousadas, as chamadas *lingeries sexys* (Tabela 5), desde que essas não denotem pura lascívia, já que as evangélicas devem preservar um conjunto de valores, mesmo no campo sexual.

Tabela 5 – Opinião dos entrevistados sobre o consumo de moda íntima.

PERGUNTA	VARIÁVEIS / Nº RESPONDENTES			
	Sim	Não	Talvez	Não sei
As evangélicas estão consumindo <i>lingeries sexys</i> ?	17	6	5	8

Fonte: Levantamento de campo (2015).

Observa-se que o prazer tem obtido um lugar no contexto evangélico. No cenário contemporâneo têm surgido personalidades, ainda que em número modesto, que realizam trabalhos de aconselhamento matrimonial para falar sobre sexualidade no casamento. O pastor batista Claudio Duarte²⁴ é atualmente a principal referência gospel neste tema, tendo participado de programas populares na TV aberta, como os

²⁴ Pastor da Igreja Batista Monte Horebe em Campo Grande, zona oeste do Rio de Janeiro.

dos apresentadores Danilo Gentili²⁵, da TV Bandeirantes, e Carlos Massa (Ratinho)²⁶, do SBT. Ademais, parece haver uma influência positiva de lideranças pastorais (principalmente femininas) que orientam as mulheres casadas a frequentar sex-shops evangélicos ou especializados no público gospel, como forma de cultivo à sexualidade sadia sem o sentimento latente de “pecado”.

Todavia, pude perceber que em muitos entrevistados (especialmente as mulheres) havia certa dificuldade para falar da roupa íntima, talvez por considerarem esse assunto sensivelmente polêmico. Tais mulheres, sobretudo as de igrejas pentecostais e neopentecostais, apresentaram respostas evasivas sobre sexualidade. Em algumas delas observei até mesmo uma mudança no tom de voz quando o roteiro de perguntas chegava à esfera da veste íntima e relacionamentos. Não havia intensidade no falar. Vez por outra aparentavam “não saber” da frequência de evangélicas em sex-shops. Algumas censuraram assertivamente o consumo de itens eróticos.

- No âmbito sexual, a mulher casada pode fazer de tudo pra agradar ao marido?
Sim, tem que fazer tudo pra agradar o marido, dependendo desse “tudo”, que não agrida a palavra de Deus.

- E a evangélica pode frequentar sex-shop?
Ah, é uma coisa muito vulgar. Quando tem amor, quando existe amor entre os dois, não precisa nada daquilo. Aquilo é artificial, é tudo uma mentira pra inculcar, pra incentivar. Esse é o mundo.
[Etienne, 57 anos, Assembleia de Deus dos Últimos Dias/ADUD]

- Será as evangélicas estão frequentando sex-shop?
Não!! Não precisa disso. As mulheres casadas têm uma sexualidade ativa, então não precisam usar desse artifício de sex-shop. E também não é legal perante Deus, entendeu? Perante Deus só é bom o natural; tudo que é natural perante Deus é permitido. O que foge do natural é pecado.
[Sueli, 55 anos, Adventista do Sétimo Dia]

Na minha igreja esse tema ainda é reprimido, bem reprimido. Lá não tem esse tipo de discussão, não. Cabe mais ao casal mesmo, na intimidade deles. Não cabe explicar. [A informante começou a ficar bastante tensa]

- E será que as evangélicas de hoje estão frequentando sex-shop?
Acho que sim, não sei te dizer... Acredito que possa ter algumas que frequentam (risos). Eu nunca frequentei, e também acho que nunca vou ter vontade.
[Clara, 30 anos, Igreja Cristã Maranata]

²⁵ Claudio Duarte durante no programa *Agora é tarde*, com Danilo Gentili - TV Bandeirantes. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=jLox_XUF8Yc. Acesso em 31 jan. 2016.

²⁶ Claudio Durante no Programa do Ratinho - SBT. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=n-J2TqpKb0o>. Acesso em 31 jan. 2016.

- Em relação à moda íntima, as evangélicas estão consumindo lingerie sexys pra agradar o marido ou a si mesmas?

Não. Nós, servas de Deus, temos que usar camisola. Eu lembro que eu tinha um shortzinho de lingerie, vestia aquilo e por cima usava a camisola ou um roupão. Mas é o que eu to dizendo pra você: isso é coisa nossa, é pessoal. Assim como os homens não devem dormir de sunga e sim de pijama, porque à noite o anjo de Deus pode visitar o servo de Deus ou a serva de Deus.

[Heloísa, 58 anos, Congregação Cristã do Brasil]

Pela relativa tensão e receio ao falar da moda íntima, é possível que as evangélicas interpretem que ao tratar desse tema estariam expondo a própria vida ou oferecendo margens para que um ouvinte conjecture sobre o seu procedimento no âmbito sexual. Quando indagadas sobre a frequência de evangélicas a sex-shops, as informantes em maioria apresentavam como réplicas os termos “não sei”, “talvez” ou “não tenho que opinar sobre isso” (Tabela 6). Ao que parece, este é um terreno muito movediço para se abordar.

Tabela 6 – Opinião dos entrevistados sobre a frequência a sex-shops.

PERGUNTA	VARIÁVEIS / Nº RESPONDENTES			
	Sim	Não	Talvez	Não sei
As evangélicas estão frequentando sex-shop?	9	6	11	9

Fonte: Levantamento de campo (2015).

Mesmo que o consumo da moda íntima seja por vezes silenciado no meio evangélico, a práxis revela uma vertente diversa sobre essa questão. Em minhas visitas a um sex-shop no centro do Rio de Janeiro, que possui uma densa cartela de clientes evangélicos, há um forte consumo de produtos considerados pelos protestantes como peças-chave para “apimentar” a relação sexual. De acordo com a proprietária do sex-shop, esses produtos são:

- Espartilhos
- Caleçon²⁷
- Camisolas
- Hidratantes
- Óleo para massagens
- Gel de sensações térmicas

²⁷ Calcinha semelhante a um calção ou shortinho, cujas laterais são mais alargadas. É feito de materiais próprios para lingerie, como microfibras, renda e tecidos de cotton com viscose.

Entre as linhas de géis de sensações térmicas, uma é destinada exclusivamente ao público evangélico (Figura 51). Com rótulo discreto, de cor branca, com uma rosa no centro e uma pomba dourada - clássico símbolo cristão, a marca *In Heaven*²⁸ (No Céu, em português) dá certo tom divino aos quatro produtos da linha: os géis Pure (adstringente, que promove um estreitamento das paredes vaginais), Vibe (vibrador líquido), Mais Prazer (excitante feminino) e Mais Tempo (prolongador de ereção).



Figura 51 – Produto da linha de géis In Heaven.

Fonte: Levantamento de campo (2015).

Nas falas das entrevistadas e também nos depoimentos da proprietária do sex-shop, parece haver diferença no perfil de consumo das protestantes antes e depois da conversão, condicionadas à vertente evangélica seguida. Se antes havia determinada “liberdade” na prática sexual, ao ingressarem na religião elas evitam a compra de itens caracterizados como “libertinos”, “devassos” ou “indecorosos”. O consumo se dá por meio de lingerie mais sutis e de cores neutras - como branco, preto e rosa - que conferem certa “pureza” ao sexo (Figuras 52 e 53). No entanto, para que o desejo e a prática sexual não se retraiam, apelam para as orientações da proprietária da loja e de clientes frequentadoras mais experientes nesse campo, buscando conhecimento maior sobre práticas sexuais que elas não fazem rotineiramente, mas que aprazem os parceiros.

²⁸ Da fabricante Intt Cosméticos.



Figura 52 e Figura 53 – Modelos de lingerie adquiridas pelas evangélicas no sex-shop. Fonte: Levantamento de campo (2015).

Em resumo, constata-se que o consumo de peças íntimas e de produtos eróticos tem crescido entre os evangélicos nos últimos anos. Mas ainda há grande reserva para abordar a temática. Mesmo assim, os diálogos *off-line* (fora do âmbito da pesquisa) com algumas informantes evangélicas revelaram que, no geral, o discurso sexual é ligeiramente diferente da prática e que muitas regras anunciadas pelo universo protestante são quebradas na esteira do cotidiano, ainda que de modo íntimo, secreto, imaginário ou virtual.

No apêndice desta dissertação encontra-se a íntegra da entrevista com a proprietária do sex-shop pesquisado, além de uma enquete realizada com evangélicas via WhatsApp, na qual abordamos sobre a frequência e consumo de itens eróticos. As identidades das informantes foram suprimidas, mostrando apenas as iniciais fictícias e a faixa etária de cada uma delas.

6.4

Ana Paula Valadão e o discurso pedagógico sobre o *dress code* “ideal”

Ana Paula Valadão Bessa (1976) é uma cantora, compositora, pastora na Igreja Batista da Lagoinha, em Belo Horizonte-MG, e líder do ministério de música gospel Diante do Trono. Presente no universo midiático evangélico desde os anos

2000, Ana Paula Valadão é atualmente uma das principais referências desse meio. Além do cenário musical, a pastora iniciou sua inserção no ministério feminino evangélico em 2012, liderando o grupo *Mulheres Diante do Trono*²⁹. Este coletivo constitui uma comunidade virtual no Facebook que debate sobre questões referentes ao contexto da mulher protestante contemporânea. Da mesma forma realiza um programa mensal na Rede Super de Televisão³⁰ sob a apresentação também da pastora. O programa televisivo *Mulheres Diante do Trono*, além das reportagens e entrevistas com personalidades femininas gospel, exibe sermões de Ana Paula Valadão gravados durante as reuniões de mulheres³¹ realizadas na Igreja Batista da Lagoinha de Belo Horizonte.

Na plataforma virtual YouTube está disponível um dos vídeos mais contundentes sobre a temática do vestuário feminino evangélico, intitulado *A maneira adequada de uma cristã se vestir*³², gravado durante o culto *Mulheres Diante do Trono* em fevereiro de 2012 (Figuras 54 e 55). Nesse vídeo, a pastora Ana Paula Valadão propõe-se a uma interação fática³³ com a plateia para legitimar seu discurso, para verificar a eficiência da comunicação e criar uma espécie de vínculo solidário entre os espectadores. Com a mensagem, seus enunciados exercem funções argumentativas e didáticas acerca do vestuário considerado apropriado à mulher evangélica contemporânea. Com essas finalidades, a pastora considera estratégias argumentativas necessárias ao convencimento das interlocutoras, como o acionamento de dispositivos de vigilância (“Olha pra irmã do lado”) e o uso de metáforas (“Casar com o rei”) para compor um valor importante no protestantismo,

²⁹ Cf. *Mulheres Diante do Trono* no Facebook.

Disponível em <https://www.facebook.com/MulheresDianteDoTrono/>. Acesso em: 31 jan. 2016.

³⁰ Criada em 2000 pela empresaria Liliâne Hermeto e pelo deputado Dalmir de Jesus, em associação com outros quatro deputados da bancada evangélica. Em 2002 a Rede Super foi adquirida pela Igreja Batista da Lagoinha e passou a trabalhar uma linha editorial voltada exclusivamente ao segmento evangélico. Fonte: <http://redesuper.com.br/historico/ibl/>. Acesso em: 31 jan. 2016.

³¹ O culto *Mulheres Diante do Trono* tem por objetivo “oferecer assistência espiritual e emocional para o público feminino”. Realizado uma vez por mês, sempre na última quarta-feira no templo da Igreja Batista da Lagoinha/MG, o culto também é transmitido pela Rede Super de Televisão (canal 23 ou TV online). Fonte: Facebook/Ana Paula Valadão Oficial. Disponível em <https://www.facebook.com/anapaulavaladaodtofcial>. Acesso em 23 jun. 2015.

³² Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=z_sVOFbSo9Q. Acesso em 09 abr. 2015.

³³ Fático vem do grego “*phan*” que significa dizer. Um termo ou uma expressão fática é aquela que serve para alimentar a relação com o interlocutor. Em alguns casos, a principal preocupação do emissor é conferir o funcionamento adequado do canal de comunicação, e, para tanto, usa de interpelações para com o ouvinte com frases do tipo: “Entende?”, “Veja bem”, “Olha aí” etc. Esse tipo de interação verbal é um dos principais dispositivos utilizados pelos falantes para reforçar a legitimidade das linguagens e garantir a permeabilidade do discurso aos interlocutores.

qual seja, o de que a moralidade no vestuário pode trazer resultados benéficos, dentre eles um “bom” casamento.



Figura 54 e Figura 55 – Pastora Ana Paula Valadão durante a mensagem (à esquerda); Plateia feminina no culto Mulheres Diante do Trono/fev. 2012 (à direita). Fonte: YouTube (2015)³⁴.

No contexto dialógico, todo falante usa a linguagem como um sistema de sinais organizados e se preocupa com a construção de uma narrativa que envolva seus interlocutores. Vejamos a seguir, através da transcrição da mensagem de Ana Paula e da descrição de algumas regularidades discursivas, como os componentes distintivos são expressos através dos enunciados emitidos pela pastora e como ela se utiliza de estratégias didáticas para organizar conceitos importantes no protestantismo e legitimar a gramática da distinção a partir do vestuário.

- 1 Vamos ficar de pé de novo. Dá uma olhadinha aí na sua irmã, no tipo físico da irmã;
- 2 vê se ela tá acompanhando aí as dicas da Susan. Fala “Não irmã, acho que podia
- 3 melhorar, viu?”. Não chamar mais atenção pra onde não tem! (risos)
- 4 E nós vamos terminar fazendo um teste. A nossa amiga Helena Tannure hoje não
- 5 pode estar com a gente. Ela mandou um beijo pra todo mundo; mês que vem ela vai
- 6 estar. E o teste é o seguinte: todas as meninas levantam a mão bem alto.
- 7 Dá uma olhada na companheira, se sobrou uma barriguinha aí pra fora (risos).
- 8 Pode encomprar mais essa blusa. Agora abaixa e confere aí na amiga se o decote
- 9 mostrou tudo. Você tem várias maneiras de tampar o decote, né, com tops...
- 10 Nós temos também aquele tapa-colo, que prende na alcinha do sutiã, só um
- 11 pedacinho de pano, muito legal. Você pode também procurar na Casa Rosada,
- 12 que elas fazem e vendem lá pras obras sociais pra ajudar as “Mulheres em Ação”.
- 13 Dá uma viradinha, vê se a calcinha tá marcando aí a irmã... “Ô irmã, não é nada

³⁴ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=z_sVOFbSo9Q. Acesso em 09 abr. 2015.

14 elegante isso. Use um shortinho, um underwear mais lisinho, que não tem costura,
 15 né? Não tem nada de elegante mostrar a marca do que você tá usando por baixo
 16 né? Agora todo mundo senta e vê o comprimento da saia, irmã, quando você senta.
 17 Não adianta, não adianta a saia só quando você tá em pé. Você vai sentar no carro
 18 ao lado do seu namorado; você vai sentar na igreja, e aí tem que colocar a Bíblia
 19 pra tampar. Não dá, né? Nós, mulheres, temos que olhar a transparência.
 20 Compre uma anágua. Meu marido diz que um dos sonhos dele era casar com uma
 21 mulher que usasse anágua (risos). Primeira vez que eu coloquei anágua, né,
 22 ele ficou me vendo vestir, ele ficou maravilhado. Falei “Deus é o deus dos mínimos
 23 detalhes”. Porque há doze anos atrás, né, era raro, às vezes era difícil comprar uma
 24 anágua. Trouxe a minha lá dos Estados Unidos, valente até hoje (risos).
 25 Mas hoje em dia tá fácil. A moda tá boa pra nós, mulheres modestas. Compre uma
 26 anágua, uns tapa-colos, coloque mesmo roupas decentes, porque você
 27 pode ser linda como a Susan, elegante, sem ser uma mulher que provoca com a
 28 sensualidade. Deixe a sua sensualidade, o seu corpo... Lá em Cantares tá escrito, né,
 29 toda aquela história de amor e de sedução entre um casal casado, aliançado...
 30 O leito matrimonial é sem mácula. Guarde toda a sua sensualidade para o seu
 31 marido. Você não é uma vitrine, você não está à venda, e o tipo de homem que você
 32 vai atrair pra ser o seu marido... Se você quer um homem de Deus, ele não vai casar
 33 com uma mulher toda à mostra. Você vai atrair o tipo de homem...
 34 Como diz o meu cunhado, pra casar com uma princesa, tem que ser o rei.
 35 Se nós queremos casar com o rei, vamos ser as princesas. Ok? Legal.

Por meio da organização do espaço através dos movimentos das câmeras, quando se executam os comandos e a plateia responde nem sempre a câmera foca na pastora. Não se revelam os “maus” exemplos; não são mostradas mulheres com saia curta ou cujas roupas revelam o abdômen, os seios e outras partes do corpo, logo, o espectador que não está fisicamente no culto também não é induzido a buscar, ali no templo, exemplos “desviantes”³⁵. Antes se busca mostrar, na plateia, os modelos considerados coerentes, “adequados” à pedagogia que a pastora Ana Paula aponta em relação ao vestuário.

Na análise dos processos de comunicação oral, a percepção dos aspectos prosódicos da língua falada é importante para compreender as regras da entonação

³⁵ O desviante pode ser considerado como aquele indivíduo que não age em conformidade com o padrão. Howard Becker em *Outsiders: estudos de sociologia do desvio* (2008[1963]) entende que o desvio, face a regras socialmente estabelecidas, é característico de todas as sociedades e de todos os grupos sociais em que se estabeleçam normas, princípios e valores morais que guiam a vida das pessoas e servem como padrões de conduta. Becker utiliza o termo “outsider” para descrever o desviante, *aquele que se desvia das regras de grupo*, ou seja, indivíduos que estão em não conformidade com as normas socialmente estipuladas.

ascendente ou descendente das palavras que carregam sentimentos e afetos do falante, expressões que se revelam no ato da enunciação. As diferenças de emissão sonora de certas expressões vão determinar a natureza intencional das sentenças e possibilitar a compreensão do que se quer dizer. As entonações vocálicas diferenciadas entram nos estudos de recepção por afetar os sujeitos no processo de interação e dão realce semântico às palavras. A pastora Ana Paula muito se utiliza de uma entonação didática, maternal, por vezes infantil, no sentido mesmo de ensinar à plateia feminina como se vestir “adequadamente” sem causar escândalos.

A analogia com a relação mãe-filho, em que a mãe orienta de modo delicado, porém assertivo, aplica-se à mensagem da pastora: ao recorrer à tipologia didático-materna do discurso, ela demonstra querer assegurar o entendimento da mensagem e facilitar a compreensão dos códigos de vestimentas. Por outro lado, a pastora também acentua as palavras e apresenta uma entonação marcada quando cita peças do vestuário recomendadas às evangélicas, como saia, tapa-colo e anágua. Neste sentido, seu discurso pretende ser bastante explícito: revelar em que uma mulher evangélica se distingue.

Por sua vez, expressões pronominais (como “eu”, “tu”, “nós”) e adverbiais (como “aqui”, “agora”), que possuem forte teor dêitico³⁶, variam de acordo com o momento da enunciação, no qual estão em jogo não só o ato da fala, mas também o lugar em que se processa. O ambiente referencial criado pelos signos dêiticos “permite a localização e a identificação de pessoas, objetos e eventos, atuando tanto na mente de quem fala quanto na mente daquele que ouve” (Lavarda & Bidarra, p. 315), ligando uma expressão com seu contexto espacial, temporal ou pessoal.

A partir do enunciado “A moda está boa pra *nós*, mulheres modestas”, a pastora se refere a uma coletividade específica em que ela mesma se insere para marcar a distinção: *nós, mulheres evangélicas modestas*. Ao lançar mão desse expediente - tempo verbal no presente e jogo pronominal (como o uso do “nós”) -, o falante examina o manejo da continuidade referencial com o objetivo de garantir o efeito desejado sobre o ouvinte daquilo que ele está tentando transmitir. Esse momento é um típico exemplo que revela a complexidade das categorizações, porque o *nós* (mulheres modestas) é uma categoria que funciona sempre como contrapartida de algum outro, que não pertence a esse conjunto – neste caso *elas*, as “imodestas”.

³⁶ Entende-se por dêixis “a expressão de referência linguística que tem por função relacionar, no ato de enunciação, certas unidades gramaticais às coordenadas espaço-temporais” (LAVARDA & BIDARRA, 2007, p. 309)

Entende-se que “A moda está boa pra nós, mulheres modestas” produz um sentido de distinção no plano da hierarquia dos valores daquelas que não são consideradas modestas. Neste sentido, o valor de um elemento estético feminino no contexto protestante é avaliado pelo interesse da informação que ele veicula, pela clareza com a qual desempenha a função de comunicação e por sua legibilidade. Usar esta ou aquela peça de vestuário, desta ou daquela maneira, é um dos principais instrumentos utilizados pela evangélica para marcar distância social. Deste modo, a partir do vestuário as evangélicas se contrapõem às outras que não pertencem à mesma categoria social e assim se tem uma classificação dicotômica que orienta um sistema de padronização do consumo entre as elas.

Há um momento de especial importância durante a mensagem para o qual convém chamar a atenção. Quando a pastora Ana Paula começa a ditar os comandos à plateia, a primeira interpelação que ela faz é pedir que as mulheres presentes observem o tipo físico da pessoa ao lado, para verificar se o aspecto corpóreo poderia “melhorar” em vez de “chamar mais atenção pra onde não tem”. Esse momento desencadeia o riso inicial da plateia sincronizado com o riso da pastora, que expressa um sorriso forçado, como um agregado ao seu argumento de crítica. Ela mostra um riso que é diferente do da plateia - um riso de pontuação sobre aquilo que se diz.

Em outros momentos da cena ela utiliza diferentes recursos verbais para fazer as pessoas rirem. Nesses enunciados ela procura assinalar aquilo que não é concebido pelos evangélicos como sendo típico no comportamento de uma mulher dessa religião (tais como a exposição dos seios, das pernas e das roupas de baixo). Em tais situações os risos sincronizados expressam o sentimento de desaprovação, para sublinhar a “anormalidade” das manifestações indumentárias de uma mulher reputada como não modesta. Nesse ambiente, o riso seria um modo de entendimento coletivo e de uma assimetria entre o “nós” e os “outros”, a fim de posicioná-lo como uma manifestação que traduz as “verdades” do grupo e os mecanismos de distinção.

Neste caso a expressão do risível centraliza as atenções para o jogo moral que está em questão, aludindo a uma regulamentação exercida pelo grupo protestante no que tange ao consumo de vestuário. Nesse cenário, líderes religiosos, como a pastora Ana Paula, detêm a legitimidade discursiva para assinalar um conjunto de maneiras

“adequadas”, apontar imperfeições individuais e coletivas, demandar correções, além de designar quais comportamentos serão tidos por “desviantes”.

No que diz respeito à relação entre discurso e subjetividade, Foucault em *A arqueologia do saber* (2013 [1969]) aborda a articulação entre subjetividade e verdade pelo viés histórico, compreendendo que em qualquer cultura há enunciações sobre o sujeito que, independente de seus valores de verdade, funcionam, são admitidas e circulam historicamente como se fossem verdadeiras. A articulação entre verdade e subjetividade materializa-se com a hermenêutica do sujeito e no princípio do cuidado de si. Este último diz respeito às atitudes que o indivíduo estabelece consigo, com os outros e com o mundo; designa maneiras de ser, formas de reflexão e de práticas que conformam o núcleo da relação entre subjetividade e verdade.

O discurso da pastora Ana Paula Valadão exemplifica bem o mecanismo de biopoder que há entre dispositivos de cálculo humano, verdade, subjetividade e cuidado de si. Detentora de legitimidade no meio evangélico e de uma singularidade que influencia todo um coletivo de mulheres, a pastora, ao ditar as indumentárias de caráter distintivo, também propõe estratégias de individualização a serem seguidas pelas evangélicas. Quando ela diz às ouvintes “*Você pode ser linda sem ser uma mulher que provoca com a sensualidade*”, esse “ser linda” envolve uma estratégia dentro dos limites do que é tido por decência no universo evangélico.

Característica do mundo moderno, resultou em “profunda transformação nos mecanismos de poder” o desenvolvimento de novas relações que levaram à instauração do regime disciplinar e do biopoder “enquanto procedimentos institucionais de modelagem do indivíduo e de gestão da coletividade” (Danner, 2010, p. 143). Associado ao biopoder e ao poder disciplinar, no caso da pastora encontramos também as técnicas de poder pastoral, pelas quais, baseado no conhecimento muito próximo de suas ovelhas, os pastores do cristianismo primitivo pretendiam garantir a salvação das mesmas no outro mundo. Por esta associação, as técnicas de poder pastoral aliam-se àquelas que têm por escopo criar *sujeitos* (no sentido de individualidades assujeitadas e disciplinadas).

Neste sentido, o poder pastoral³⁷ materializado no discurso de Ana Paula Valadão tem a ver com as estratégias de distinção e de pertencimento a partir do

³⁷ Foucault entende por poder pastoral “uma forma de poder cujo objetivo final é assegurar a salvação individual no outro mundo”. Para fins deste trabalho não exploro o conceito de poder pastoral, porém faço referência a ele para aludir às técnicas de disciplina e normatização trazidas pela pastora. Tal alusão tem por objetivo elucidar que essa pedagogia sobre a modéstia no vestir visa a cuidar das ovelhas e está também relacionada a uma dimensão espiritual. No protestantismo, são as boas práticas

vestuário, como forma de manter as características singulares das “ovelhas” no âmbito de uma identidade. É a configuração de um sentimento de ‘nós’ que apontam para os signos de diferença.

No discurso pastoral, a diferença no vestuário da mulher enquanto distinção teórica, abstrata, é traduzida em fenômenos concretos utilizando-se da metáfora “Se nós queremos casar com o rei, vamos ser as princesas [a começar pelas roupas]”. Semelhantemente ao discurso publicitário³⁸, que trata de maneira mais ou menos explícita que somente um produto (P) de uma possível marca (M) com determinadas qualidades (q) oferecem um resultado (R), a pastora faz uso desse arranjo argumentativo, onde R aparece com a figura do rei. Sendo assim, a mensagem final pode ser compreendida desta forma: “Você não pode não querer um rei. Porém, um rei não deseja uma mulher que se mostre como uma vitrine, que esteja ‘à venda’. Só a modéstia leva a casar com um rei. Portanto, se você se vestir com modéstia, você conseguirá um rei para casar e se tornará uma princesa”.

Em resumo, o biopoder se caracteriza como uma forma de racionalizar os problemas postos à moral coletiva por fenômenos concretos que são vivenciados por um conjunto de sujeitos. O biopoder constitui um mecanismo do poder como instrumento de formação e normatização dos indivíduos, cujo exercício se dá não mais sobre um corpo isolado, mas sobre o corpo social. Assim, essas formas de subjetivação que aparecem no discurso protestante como símbolo da distinção repercutem em diferentes níveis de classificação e valoração do feminino, no qual a vigilância e o controle nos modos de vestir são, entre outros fatores, um dos instrumentos para a estruturação do discurso sobre a mulher evangélica.

éticas e morais que levam à salvação. E nesse caso, não é a roupa, mas o aprendizado sobre a modéstia no vestir que se mostra como reflexo de uma “evolução” espiritual para fins de salvação.

³⁸ “Uma proposição que se baseia no quadro de raciocínio (se P, então q, logo R) detém um caráter persuasivo que procura dar conta da validade da proposição, colocando, de antemão, a questão em que o destinatário precisará ser convencido de que não tem outros meios de obter R sem utilizar P. A tese do texto publicitário é, então, representada pela seguinte estrutura: o produto dessa marca combinado com suas qualificações dá um certo resultado: $P(M) \times q = R$. Como a enunciação publicitária implica o destinatário-utilizador-eventual do produto, a proposição coloca um quadro de raciocínio indutivo que se articula com a organização narrativa, uma vez que o destinatário é levado a pensar que ele tem R como objeto de busca: ‘Se você quer R, então use $P = R$ ’” (MONERRAT, 2001, p. 105).

Considerações Finais

Nesta dissertação abordei as interpretações vinculadas ao *ethos* evangélico sobre o vestuário feminino e o regime de distinção e identificação que se estabelece a partir da estética indumentária. A identidade feminina no grupo protestante repercute em uma concepção de sujeito que consagra em valores como modéstia e decência o ponto nodal para o estabelecimento da diferença na relação “nós” *versus* “outro(s)”.

As metodologias de pesquisa utilizadas – como observação participante, análise de discurso e de representações sociais em ambientes digitais - contribuíram para assinalar alguns elementos valorativos utilizados pelo protestantismo para configurar as vestes como veículos de identificação dessas mulheres dentro e fora do universo religioso. O arcabouço didático-pedagógico utilizado pelas lideranças femininas foi outro item examinado nesta pesquisa, servindo para ilustrar as técnicas recomendadas às mulheres evangélicas para efetuar operações sobre seus corpos e suas condutas, de maneira a produzir signos de distinção. Estes últimos estariam materializados em elementos como comprimento de saias, blusas e vestidos, ausência de decotes e transparências, além de outros detalhes no vestuário que não exprimam uma sensualidade excedente.

Esse caráter de alta sensibilidade retórica e moral no vestir feminino evangélico é o ponto de convergência para o debate sobre o juízo estético entre as teorias de Kant e Bourdieu, utilizadas neste trabalho. Para Kant, a experiência estética seria desinteressada porque a contemplação do objeto não é dirigida a conceitos, nem possui qualquer finalidade situada fora de si própria. No entendimento kantiano, a estética tida por “pura” seria aquela em que não está presente um tipo de interesse que tem a ver com as necessidades subjetivas do indivíduo, nem mesmo estaria subordinada a desejos sensoriais ou prescrições morais. Em contrapartida, a crítica de Bourdieu – adotada por mim para fundamentar as hipóteses da pesquisa – aponta para uma direção diferente. O sociólogo afirma que o gosto estético se entende por interessado na medida em que as escolhas são indissociáveis das molduras que as comunidades fornecem ao indivíduo. Neste sentido, o juízo e a experiência estética são perpassados por

expectativas quanto à sua função, com vias a fundamentar uma ética da distinção. Em Bourdieu, todo e qualquer exercício social - até mesmo o “vestir social” e o desempenho da apresentação de si – é uma espécie de *habitus*, que constitui um sistema de estruturas cognitivas e práticas. É um conjunto de princípios organizadores e geradores de práticas e saberes que caracterizam determinado estilo de vida. O *habitus* é a presença ativa de experiências passadas, depositadas em cada indivíduo; uma relação social somatizada, lei social convertida em lei incorporada.

Entretanto, o *habitus* tende a ser modelado ou ajustado de acordo com o campo em que esses indivíduos se inserem. Em outras palavras, espaço social e as diferenças que nele se desenham tendem a funcionar simbolicamente como estruturas que formatam os modos de ser do sujeito. No caso das protestantes, por exemplo, as práticas de vestir e as propriedades distintivas do vestuário são elaboradas em consonância com quatro fatores primordiais: o *habitus* da vertente evangélica a que ela pertence, o lugar social no qual ela está circunscrita e a posse de capitais econômico e cultural que ela detém.

O que a observação empírica permitiu mostrar foi que nas correntes denominacionais mais ortodoxas e nas regiões de camadas populares os códigos de distinção a partir do vestuário são mais rígidos, não havendo muita variação de escolhas estéticas. Em certa medida, as evangélicas dessas denominações conservam padrões indumentários antigos e relativamente ascéticos que, para elas, são um modo de preservar a modéstia e a decência, e até mesmo conduzi-las a uma experiência ativa e de intimidade com a dimensão do sagrado. Paradoxalmente, as tradições seguidas pelas evangélicas mais ortodoxas se tornam instrumentos da afirmação pessoal, pela disposição de exibir uma diferença claramente tangível de sua identidade religiosa através das roupas.

Por outro lado, nas denominações históricas - e especialmente nas igrejas alternativas - o que observei foi um padrão indumentário bastante flexível. Vi aí intensa manipulação de elementos estéticos (como cabelo e maquiagem) e principalmente um modo de agenciamento corporal bastante individualista, de modo a evidenciar os gostos individuais sem abrir mão dos princípios de decência e modéstia caros ao protestantismo. Essas igrejas cujos costumes são mais flexíveis resultam de um processo (ainda em trânsito) de secularização no protestantismo, em que há uma transformação mais rápida do corpo coletivo sem fraturar grandes equilíbrios e princípios basilares, como a modéstia e o decoro. De um conjunto

concreto de regras práticas ancoradas em processos específicos de poder e conhecimento, o protestantismo brasileiro contemporâneo tem se tornado relativamente mais versátil. Neste movimento, não há um mero aumento da flexibilidade indumentária, mas “a modificação de um conceito e uma série de práticas sociais que são, elas mesmas, parte de uma mudança mais ampla na paisagem moderna da religião, que criou um novo tipo de sujeito moral” (Asad, 1993, p. 42). Em linhas gerais, quanto mais um conjunto evangélico estiver munido de uma teologia associada ao acúmulo de capitais econômico e cultural, mais as mulheres terão possibilidades de adotar práticas e crenças comparativamente livres, ecléticas e individualizadas.

Esse espírito crítico se propaga nos mimetismos da moda evangélica também no ambiente virtual, no qual personalidades evangélicas veiculam um produto simbólico consumido pelas seguidoras, que são as orientações e os padrões normatizadores sobre o *dress code* ideal. Esses discursos fornecem aquilo que Goffman intitula de “displays de gênero” (1979, p. 1-2), marcadores tangíveis de pertencimento a categorias sociais. Esses signos são culturalmente codificados, produzidos e repetidos, até que expressem com a máxima eficiência comunicacional o sentido desejado. Assim, as evangélicas da mídia se utilizam de práticas didático-pedagógicas para organizar conceitos importantes no protestantismo e legitimar a gramática da distinção a partir do vestuário.

*

Embora esta pesquisa tenha se proposto a trazer uma narrativa mais ampla sobre o vestir feminino evangélico, é necessário apontar algumas lacunas. A principal delas foi o tempo restrito para explorar as minúcias da moda evangélica, uma vez que esse tema está atrelado a diferentes dimensões do universo moral protestante. Um exemplo disso foi que em muitos momentos percebi que cada tópico que estrutura a dissertação poderia gerar um artigo acadêmico ou até mesmo outro trabalho de conclusão de curso, se explorado mais densamente.

O ponto que mais chamou a minha atenção durante o trabalho de campo foi o comedimento e as vozes reticentes, quase silenciadas quando abordamos sobre as questões da moda íntima, as frequências a um sex-shop e o exercício da sexualidade entre os protestantes. Todavia, senti bastante falta de referenciais teóricos que abordassem especificamente sobre moda evangélica - principalmente em seus

desdobramentos sobre a moral e a sexualidade evangélica - o que denota o hiato sobre essas investigações no campo acadêmico no país¹.

Sendo assim, o tema do vestuário feminino evangélico é um campo vasto de descobertas atraentes, sobretudo quando adentramos na profusão de discursos e representações existentes na internet. O que esta pesquisa pode trazer como desdobramento ulterior é explorar esse campo conjugado a outras perspectivas morais do universo protestante - em especial as narrativas sobre a moda feminina íntima evangélica -, trazendo, assim, uma contribuição empírico-científica importante para os estudos sobre as relações de gênero no protestantismo brasileiro contemporâneo.

¹ É importante esclarecer que na bibliografia evangélica – especialmente na literatura norte-americana – há diversos autores que tratam do tema da sexualidade entre evangélicos. No Brasil, o que minha experiência sociológica aponta é que esse número ainda é modesto. Todavia, o desconforto maior foi por não encontrar na literatura acadêmica explorações nessa temática.

Referências Bibliográficas

Livros

- ASAD, T. The construction of religion as an anthropological category. In: Genealogies of religion: discipline and reasons of power in Christianity and Islam. Baltimore: John Hopkins University Press, 1993.
- BECKER, H. Outsiders. Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008 [1963].
- BOURDIEU, P. A Distinção: crítica social do julgamento. 2ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2013.
- _____. A dominação masculina. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- _____. Coisas Ditas. São Paulo: Brasiliense, 2004b.
- _____. Meditações pascalianas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- _____. O poder simbólico. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004a.
- _____. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- _____. Razões práticas. Campinas, SP: Papyrus, 1996.
- BUTLER, J. Bodies that matter: on the discursive limits of “sex”. New York/London: Routledge, 2003.
- _____. Introduction: Precarious Life, Grievable Life. In: Frames of War – When is life is grievable. New York: Verso, 2009.
- CARDOSO, C. A mulher V: Moderna, à moda antiga. São Paulo: Thomas Nelson, 2013.
- DURKHEIM, E. As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DURKHEIM, E.; MAUSS, M. Algumas formas primitivas de classificação: contribuição para o estudo das representações coletivas. In: MAUSS, M. Ensaio de sociologia. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- _____. A hermenêutica do sujeito. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. Microfísica do poder. 20 ed. São Paulo: Graal, 2004 [1982].
- _____. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 34 ed. Petrópolis: Vozes, 2007 [1987].
- GEERTZ, C. A religião como sistema cultural. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GOFFMAN, E. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- _____. Gender Advertisements. New York: Harper Charpbooks, 1979.
- JACOB, C. R. et al. Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

- KANT, I. *Crítica da Faculdade do juízo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1973].
- KEANE, W. Minds, surfaces and reasons in the anthropology of ethics. In: *Ordinary Ethics: anthropology, language, and action*. New York: Fordham University Press, 2010.
- LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- LIPOVETSKY, G. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- MAHMOOD, S. The subject of freedom. In: *Politics of Piety: the Islamic revival and the feminist subject*. Princeton: Princeton University Press, 2005.
- MAUSS, M. As técnicas do corpo. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003 [1935].
- MARTHUR, J. *New Testament Commentary - First Timothy*. Chicago: Moody Publishers, 1995.
- RODRIGUES, A. D. O que são discursos & As diferentes modalidades de discurso: discursos face-a-face e discursos tecnicamente mediatizados. Documentos de trabalho para a disciplina COM2211, pp. 1-23/1-12. Rio de Janeiro: Departamento de Comunicação Social/PUC-Rio, 2015.
- RODRIGUES, J. C. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.
- SILVA, J. M. As feias (e os feios) que me desculpem, mas beleza é fundamental: o uso contemporâneo da imagem e sua influência na mudança dos paradigmas estéticos utilizados na música gospel no Brasil. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista, São Paulo, 2010, 115 p.
- SIMMEL, G. *Filosofia da moda e outros escritos*. Lisboa: Texto & Grafia, 2008.
- TAUSSIG, M. *Mimesis and Alterity: a particular history of the senses*. New York/ London: Routledge, 1993.
- WILSON, E. *Enfeitada de sonhos: moda e modernidade*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.

Publicações eletrônicas

- ABEP. Critério Brasil 2015 e Atualização da Distribuição de Classes para 2016. Disponível em <http://www.abep.org/criterio-brasil>. Acesso em: 13 mai. 2016.
- BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. In: *Cadernos Pagu*, n. 26, jan-jun. 2006, pp. 329-376. São Paulo: NEGP/Unicamp. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30396.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2015.
- CERQUEIRA, L. C.; CORRÊA, L. G.; ROSA, M. G. A cartilha da mulher adequada: ser piriguete e ser feminina no Esquadrão da Moda. In: *Contracampo*, v. 24, n. 1. Niterói (RJ): PPGCOM-UFF, julho 2012, pp. 120-139. Disponível em <http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/viewFile/176/106>. Acesso em: 23 fev. 2016.
- COSTA, L. F.; JACQUET, C. Emoção e experiência corporal na trajetória da conversão: um estudo de caso. In: *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*,

vol.16, n.3., pp. 83-91. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública/USP, 2006. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/19805>. Acesso em: 15 mai. 2015.

DANNER, Fernando. O sentido da biopolítica em Michel Foucault. In: Revista Estudos Filosóficos, n. 4, pp. 143-157. São João del-Rei (MG): Depart. de Filosofia e Métodos/UFSJ, 2010. Disponível em <http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art9-rev4.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2015.

GOMES, A. L. A voz que vem de longe: Os códigos paralinguísticos na compreensão de narrativas oralizadas. In: Anais do XXVI INTERCOM, Belo Horizonte (MG), 2003. Disponível em http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP04_gomes.pdf. Acesso em: 16 jun. 2015.

LAVARDA, T.; BIDARRA, J. A dêixis como um “complicador/facilitador” no contexto cognitivo e linguístico em ambiente educacional. In: Rev. Bras. de Educação Especial, v.13, n.3, pp.309-324. Marília (SP): ABPEE, set-dez. 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382007000300002. Acesso em: 22 jun. 2015.

MACHADO, M. D. C. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. In: Revista Estudos Feministas, v.13, n.2, Florianópolis, maio-ago 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2005000200012>. Acesso em: 18 dez. 2015.

MORAES, D. Desinteresse e comprazimento estético: considerações acerca da apreciação da estética kantiana por Schopenhauer face às de Hegel e Heidegger. In: O que nos faz pensar, Departamento de Filosofia/PUC-Rio, n. 28, vol.1, dez. 2010, pp. 145-67. Disponível em http://www.oquenofazpensar.com/adm/uploads/artigo/desinteresse_e_comprazimento_estetico_consideracoes_acerca_da_apreciacao_estetica_kantiana_por_schopenhauer_face_as_de_hegel_e_heidegger/dax_moraes_145-167.pdf. Acesso em: 22 jun. 2015.

JUNGBLUT, A. L. Os evangélicos Brasileiros e a colonização da internet. Revista Ciências Sociais e Religião, ano 4, n.4, pp. 149-166. Porto Alegre: UFRGS, out. 2002. Disponível em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ENSINORELIGIOSO/artigos4/evangelicos_brasileiros.pdf. Acesso em 31 jan. 2016.

JUNGBLUT, A. L. Transformações na comunicação religiosa: análise dos dois modelos comunicacionais operantes no Brasil atual. Civitas, v.12, n.3, set-dez. 2012, pp. 453-468. DOI: 742/74225010003/ issn.1519-6089.v12i3p453-468. Disponível em [revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/.../13010/8673](http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/13010/8673). Acesso em: 02 dez. 2014.

MONNERAT, R. S. M. O discurso publicitário e o jogo de máscaras das modalidades discursivas. In: Veredas: revista de estudos linguísticos, v. 3, n. 2, pp. 97-108. Juiz de Fora, MG: Programa de Pós-graduação em Letras/UFJF, 2001. Disponível em <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo75.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2015

RODRIGUES, A. D.; BRAGA, A. A. Análises do discurso e abordagem etnometodológica do discurso. In: Matrizes, v. 8, n. 2, pp. 117-134. São Paulo: PPGCC/ECA-USP, jul-dez. 2014. Disponível em <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/549/pdf>. Acesso em: 22 jun. 2015.

SEBRAE. Nichos de moda. (Coord. Wilsa Figueiredo). Brasília, 2015, 92 p. Disponível em [http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/c753eade63d2e51bd3814d9f877c7298/\\$File/5326-a.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/c753eade63d2e51bd3814d9f877c7298/$File/5326-a.pdf). Acesso em: 31 jan. 2016.

VALENTE, R. R. From inception to present: The diminishing role of women in the Congregação Cristã no Brasil. *PNEUMA: The Journal of the Society for Pentecostal Studies*, n.37, jun. 2015, pp. 41-62. Amsterdam: Brill Academic Publishers. Disponível em: http://www.researchgate.net/publication/277556213_From_Inception_to_Present_The_Diminishing_Role_of_Women_in_the_Congregao_Crist_no_Brasil. Acesso em: 23 out. 15

Bases de dados

IBGE. Resultados do Censo 2010 – Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência”. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia_tab_xls.shtm. Acesso em 11 mai. 2015.

IBGE/CSE. Metadados. População/Tabelas – Versão 2.1: dados editados para download. Disponível em <http://ces.ibge.gov.br/base-de-dados/metadados/ibge/censo-demografico>. Acesso em: 14 jan. 2016.

IBGE/SIDRA. Bando de Dados Agregados. População/Tabelas – Censo Demográfico 2010. Disponível em <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/popul/default.asp?z=t&o=25&i=P>. Acesso em 22 dez. 2015.

Materiais de imprensa

EXTRA/O GLOBO. ‘Avenida Brasil’: Paula Burlamaqui tem ajuda da própria empregada para compor Dolores. 05 set. 2012. Disponível em <http://extra.globo.com/tv-e-lazer/avenida-brasil-paula-burlamaqui-tem-ajuda-da-propria-empregada-para-compor-dolores-5995454.html>. Acesso em: 05 dez. 2014.

EXTRA/O GLOBO. ‘O Caçador’: Nanda Costa vive uma prostituta que vira uma religiosa. 20 mar. 2014. Disponível em <http://extra.globo.com/tv-e-lazer/telinha/o-cacador-nanda-costa-vive-uma-prostituta-que-vira-uma-religiosa-compare-as-fotos-do-antes-depois-11923316.html>. Acesso em: 05 dez. 2014.

GLOBO.COM. América: Creusa seduz Tião. 14 mar. 2005. Disponível em <http://globo.com/rede-globo/memoria-globo/v/america-creusa-seduz-tiao/2778176/>: Acesso em: 05 dez. 2014.

IG/DELAS. Linha erótica para evangélicos tem vibrador líquido e gel “virgem de novo”. 25 fev. 2015. Disponível em <http://delas.ig.com.br/amoresexo/2015-02-25/linha-erotica-para-evangelicos-tem-vibrador-liquido-e-gel-virgem-de-novo.html>. Acesso em: 06 ago. 2015.

IG/ÚLTIMO SEGUNDO. Templo de Salomão pede a mulheres que esqueçam a legging e a estampa de animal. 11 ago. 2014. Disponível em <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2014-08-11/templo-de-salomao-pede-a-mulheres-que-esquecam-a-legging-e-a-estampa-de-animal.html>. Acesso em: 06 fev. 2016.

O DIA. Espetáculo de fé com jeito de boate e linguagem descontraída. 26 out. 2014. Disponível em <http://odia.ig.com.br/niteroi/2014-10-26/espetaculo-da-fe-com-jeito-de-boate-e-linguagem-descontraida.html>. Acesso em: 17 jan. 2016.

O GLOBO. Culto noturno atrai jovens com shows, teatro e megafestas. 28 mar. 2015. Disponível em <http://oglobo.globo.com/rio/bairros/culto-noturno-atrai-jovens-com-shows-teatro-megafestas-15721406>. Acesso em: 22 abr. 2015.

O GLOBO. Igreja Universal publica guia de como as mulheres devem se vestir no Templo de Salomão. 11 ago. 2014. Disponível em <http://oglobo.globo.com/sociedade/igreja-universal-publica-guia-de-como-as-mulheres-devem-se-vestir-no-templo-de-salomao-13560056>. Acesso em: 06 fev. 2016.

GOSPEL MAIS. Conselheira de casais critica surgimento da ‘piriguete gospel’ e afirma que ‘moda chegou para destruir vidas e relacionamentos’. 08 ago. 2012. Disponível em <http://noticias.gospelmais.com.br/piriguete-gospel-moda-destruir-vidas-relacionamentos-41021.html>. Acesso em: 12 abr. 2015.

GOSPEL MAIS. Filiais da Lagoinha voltadas para jovens fazem sucesso com jeito de ‘boate’ e atraem milhares. 07 abr. 2015. Disponível em <http://noticias.gospelmais.com.br/filiais-lagoinha-fazem-sucesso-boate-75701.html>. Acesso em: 17 jan. 2016.

PRAGMATISMO POLÍTICO. Como se vestir no Templo de Salomão? 11 ago. 2014. Disponível em <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/08/como-se-vestir-templo-de-salomao.html>. Acesso em: 06 fev. 2016.

Sites e blogs

Aderência Moda Evangélica. <https://aderenciamoda.com.br/>

Bela Loba Moda Evangélica. <http://www.belaloba.com.br/>

Bella Fiorela Moda Evangélica & Executiva. <http://www.bellafiorella.com.br/>

Blog da Maanuh. <https://blogdamaanuh.com/>

Blog Mulher Virtuosa. <http://www.blogmulhervirtuosa.com.br/>

Carmelo’s Moda Evangélica & Executiva. <https://www.facebook.com/lojacarmelos>

Crete Chic. <http://www.crentechic.com/>

Cristiane Cardoso. <http://blogs.universal.org/cristianecardoso/>

Diante do Trono Wear. <http://www.lojadiantedotrono.com/>

Facebook. <https://www.facebook.com/>

Fasciniu’s Moda Evangélica. <http://fasciniusmodaevangelica.com.br/>

Feminine Fashion Moda Evangélica. <http://femininefashion.com.br/>

iTunes. <http://www.apple.com/br/itunes/>

Joyal Modas Evangélicas. <http://www.joyal.com.br/site/>

Lara Bless Moda Cristã & Executiva. <http://www.larabless.com.br/>

Lu Moda Evangélica. <http://www.lumodasevangelica.com.br/>

Monia Moda Evangélica. <http://www.monia.com.br/>

Orem Moda Evangélica e Executiva. <http://www.orem.com.br/>

Passarela Estreita. <http://www.passarelaestreita.com/>

Rayza Nicácio. <http://blogs.universal.org/cristianecardoso/>

Saiabella Moda Evangélica & Executiva. <http://www.saiabella.com/>

Susan Dutra. <https://susandutra.wordpress.com/author/susandutra/>

Thais Rodrigues. <https://thaisrodriguesmodafeminina.com.br/>

Via Tolentino. <http://viatolentino.com.br/>

YouTube. <https://www.youtube.com/?hl=pt&gl=BR>

Apêndice

Tabela 7 – Opinião dos entrevistados sobre as práticas estéticas entre evangélicas.

PERGUNTA	VARIÁVEIS / Nº DE RESPONDENTES			
	A evangélica se veste para agradar a Deus?	NÃO		SIM
27		9		
A evangélica se veste para agradar mais a quem?	MARIDO		ELA MESMA	
	20		16	
Quais itens estéticos as evangélicas mais compram?	Maquiagem	Roupas/Sapatos	Jóias/Bolsas	Perfumes
	12	11	8	5

Fonte: Levantamento de campo (2015).

Quadro 7 – Lojas e marcas consumidas pelas entrevistadas (ordenadas pela frequência de citações nos discursos).

ROUPAS	
Marisa	Sandy (Plus Size)
Mercatto	Enjoy
C&A	Dress To
Renner	Scrap
Riachuelo	Levi's
Leader	Forever 21
Farm	Dresser
Aquamar	Brookfield Donna
Ecletic	Le Lis Blanc
Zinzane	Ann Taylor
Verty	Calvin Klein
Opção Jeans	Banana Republic

BOLSAS
Bagaggio Folha Seca Couros Louis Vuitton Gucci Prada Le Petits Joueurs Hugo Boss Givenchy
MAQUIAGEM
Avon Mary Kay Sephora Cosméticos (loja) Época Cosméticos (loja)
LINGERIE
DeMillus Duloren Hope
OUTRAS OPÇÕES CITADAS
revista Manequim catálogos Hiroshima e Quatro Estações Lojas da Saara/RJ Lojas do calçadão de Nova Iguaçu e Caxias Comprar tecidos para fazer roupas na costureira

Fonte: Levantamento de campo (2015).

Enquete² realizada com evangélicas sobre o tema “Você já foi a um sex-shop?”.

Canal: aplicativo WhatsApp / Data: 29 de outubro de 2015.

Entrevistadas: 7 / Respondentes: 5

V. I., 32 anos

“Bem, antes de convertida frequentava e quando me casar com certeza irei a um. Estava conversando com uma amiga evangélica. Nós compartilhamos da mesma opinião.”

Pesquisadora - Entendo. Essa sua amiga é de nível superior igual a você? Trabalha contigo?

“Ela é advogada. Meus amigos tb, homens. Super apoiam.”

Pesquisadora - Sua resposta corrobora um pouco um discurso que ouvi: os evangélicos que frequentam ou já são casados ou prestes a se casar. Não tem muita gente de pegação.

“Ou há...? Tem muito evangélico de pegação. A diferença é não assumir, rsss.”

Pesquisadora - Sim, claro. Mas acredito que a disposição de usar coisas especiais na parte sexual tem que ser para pessoas especiais, com quem vc tenha um compromisso.

“Vc tem que fazer sexualidade, a igreja precisa falar de sexo. Vc viu a missionária falando dos cristãos nos prostíbulos. As mulheres não estão prontas para uma vida sexual. E não é aula de sexologia. Ninguém fala de sexualidade na igreja, de pegação, de nada! As igrejas precisam discutir isso!”

L. P. 32 anos

“Já fui sim. Fui depois de convertida porque eu queria achar algo que me ajudasse a apimentar minha relação. Mas eu procurava algo simples, tipo bolinha lubrificante, calcinhas comestíveis, nada sadomasoquista. Nunca havia entrado em um antes de ser evangélica. Eu comprava com uma colega da faculdade. Conheço uma ou duas que frequentam. Eu curto alguns produtos de sex-shop, porém o Robson não gosta muito. Mas eu gosto das pomadas que prolongam o prazer sexual, óleos que esquentam e esfriam.”

Pesquisadora - Essas que vc conhece são evangélicas?

“Essas duas meninas são do Rio. Mas eu tenho aqui na igreja amizade com algumas meninas, posso perguntar pra elas. Tem a Nega, tem a Josi, tem a Brenda... Tem uma outra colega, o nome dela é Veridiana; ela é mais descontraída, ela é bem comunicativa, é ela quem faz as festividades, quem organiza as festividades. Posso estar perguntando a elas.”

Pesquisadora - Sim, sim. Se elas toparem conversar comigo, pode passar pra elas meu zap e pedir pra que elas me mandem uma msg que eu retorno a ligação. Essas suas amigas são casadas?

“Todas elas são casadas, sim.”

² Reproduzo aqui a transcrição *ipsis litteris* das respostas das entrevistadas.

L. R., 33 anos

“Já fui sim. Depois de casada pra comprar coisa pro casal. Antes de casar, só pra despedida de solteira das amigas.”

G. A., 32 anos

“Já fui sim, antes de me converter. Depois não fui mais, e não conheço cristãos que vão ou foram. Na verdade, como vc mesmo disse, um assunto íntimo assim nem todos conversam. Mudando de assunto...” (a interlocutora começa a falar de outro assunto)

D. C., 34 anos

“Já fui sim em sex-shop, já comprei coisas lá, não vou mais pq é muito caro, estou sem condições. Não vejo problema nenhum em ir! Pq uso com meu marido, e não com terceiros. Suas colegas não vão? Só eu???”

Pesquisadora - A maioria disse que já foi, mas hoje não vai mais. Iam antes da conversão. Mas ouvi dizer que evangélicos casados e solteiros vão, ambos os sexos. Sobretudo aqueles que estão namorando há mais de 1 ano ou noivos.

“Isso aí eu sei! Vc acha que casam virgens???”

Pesquisadora - Não.

“Hahahahahahaha. Me poupe. Isso é hipocrisia. Mas vai falar isso... Eu mesma não casei virgem, e perdi minha virgindade quando estava na igreja. Mas quando eu falo isso... Nossaaaaaaaaa, eu dou a de depravada.”

CONVERSA COM IRENE MARRAFA³

Proprietária do sex-shop pesquisado – 30/09/2015

Irene - A Paula, com quem você falou, aquela loirinha, ela é evangélica. E pra ela vir trabalhar comigo... ela queria muito, era minha fornecedora. Ela teve um problema com uma sócia e eu falei: “Paula, vem trabalhar comigo, você tem conhecimento. Eu tô com uma funcionária entrando de licença-maternidade...”. Ela: “Ai, não sei...”. Ela era fornecedora de alguns cosméticos, uma coisa branda, e aí ela falou assim: “Não sei. Você me dá um tempinho pra eu conversar com o meu marido? Ele virou evangélico há pouco tempo, a gente frequenta muito o lugar, três vezes na semana... E eu estudo a Bíblia, estou fazendo mesmo o estudo, e eu não sei como é que vai ser”. Aí eu entendi que seria uma consulta ao pastor. E ele falou que não, que tinha no coração dela que importava como seria essa estadia dela no sex-shop - porque tem sexhops que indicam meninas, infelizmente. Tem um caderno, o turista chega, perguntam “Você tem esse caderno?”, e aí a gente diz que não, aqui nós só vendemos. Então eles queriam saber; eu falei “Paula, fica tranquila”, porque o meu trabalho até o linguajar é já pra colocar esse cliente no lugar dele, entendeu? É vagina, não é aquele outro nome. Eles falam “Você tem aí aquela b... de plástico?” Aí eu: “É vagina, senhor? Nós não temos essa vagina”. Aí já ficam olhando assim pra gente, porque o linguajar excita também né, a postura te mostra até onde você pode ir. E aí ela falou assim: “Não, Irene, eu expliquei como é que você trabalha, então ele deixou livre-arbítrio pra mim”. Eu achei fantástico, porque na minha religião eu também vejo muito isso. Eu sou católica e não tenho estímulo pra ir à igreja, porque eu vejo que a maioria das frequentadoras falam uma coisa e não fazem isso, sabe?

- Então, esse foi um dos principais motivos que me instigou a vir aqui conversar com você. Eu já tô realizando essa pesquisa desde o início do ano, e mais ou menos a partir de junho aumentei um pouco o escopo do questionário, no qual introduzi perguntas a respeito de moda íntima e relacionamentos. E tem uma parte que eu pergunto aos entrevistados – tanto mulheres quanto homens – se as evangélicas estão consumindo lingerie sexys, se elas estão frequentando sex-shops. Essa é a única parte no questionário que as pessoas passam a responder menos ou quase nada, ainda é algo muito velado. Quando eu vim aqui e você começou a falar dessas questões que você tem, do público de clientes evangélicos, eu percebo que a coisa acontece sim, só que ninguém fala. Aí eu queria saber mais ou menos de você: como é esse público de evangélicos que vem aqui frequentar? Tipo de renda, classe social, no que você percebe?

³ Nome fictício.

Irene – É, eu percebo que são bastante pessoas de classe média, média mais pra alta.

- É um público mais esclarecido.

Irene – Sim. Eu não sei a nível cultural... eu acredito que sim. Tem também os de classes mais baixas, só que assim, a curiosidade é muito grande, ficam encantados. Não levam nesse dia, mas eles ficam assim encantados com a possibilidade do uso daquilo ali, e às vezes voltam com o seu parceiro, tipo 30 anos pra cima; nos mais novos não vejo. Se são, não falam. Os adolescentes evangélicos quase não vejo.

- Só acima de 30 anos... E você me falou uma coisa interessante - parecem que já têm um relacionamento há algum tempo, não tá de “pegação”.

Irene – Isso, a maioria. Muito pelo contrário, valorizam isso [o relacionamento], têm um cuidado com a lingerie... Quando é mais aberta eu noto que é gente que já tem muito tempo com essa pessoa, e falam assim pra mim: “Eu quero algo que é pra uma pessoa especial, e eu já estou há bastante tempo. Na verdade eu vou levar, mas vou amadurecer essa ideia pra usar”. Levam e às vezes eu pergunto, por isso que eu te fiz a pergunta. Às vezes eu pergunto e falam: “Ah, eu tô aguardando o momento certo”. Eu acho isso encantador. Não estão casadas, mas noto que já têm um tempo com essa pessoa; e às vezes voltam com essa pessoa, mostram pra essa pessoa, gostam de mostrar, perguntam se pode tirar foto... Eu acredito que seja pra um consentimento.

- Você teria como me mostrar quais seriam os tipos de lingeries que elas compram?

Irene – Tenho. Fantasias não. Quando eu falo de fantasias elas: “Não, não, não. Eu quero uma camisola”.

- Humm. Por que será?

Irene – Eu acredito que passe mais a coisa da pureza; querem branco...

- Ah, entendi. Fantasia traz uma coisa muito de fetiche, né.

Irene – Pode ser. O preto também é bem vindo; o vermelho não. Camisolas mais assim, olha... vou botar aqui pra você tirar foto [camisola preta soltinha]. Olha, duas camisolas pretas, tá vendo. Assim não, muito colada; tem que ser mignon. E assim eu percebo que sai mais, porque é bojinho e mais soltinha pra baixo. Não que não saia [a preta coladinha de renda], mas eu procuro conversar com todas e depois, no final, é que eu venho saber que a pessoa é evangélica, e ali é que eu percebo isso porque durante a compra é tudo normal. Camisolas assim, você entende? Marcando o bojo, marcando os seios sim, mas mais soltinha sabe, como se fosse até uma camisola de núpcias. Nada tanto quanto o meu público de modo geral, que são coisas mais “curradas” - quando eu percebo que não tem tanto tempo com essa pessoa. Quando tem muito tempo, o evangélico leva o body, leva corselet, mas

assim: as que eu percebo que já tem mais tempo, pela conversa. E cosmético muito limitado, isso pra todos os evangélicos; qualquer um é muito limitado. Pra sexo anal nem pensar! Aí é quando eu pergunto “Por quê? Muito incômodo? Você já percebeu se sua parceira quer? (ou seu parceiro quer?)”. – “Não, não, não. Eu e meu parceiro somos evangélicos”. Então eu só tenho essa procura ainda da parte masculina, da insistência. Aí também sai muito espartilho, sempre no branco. Eu percebo que são mais momentos assim, de comemoração.

- Hum, pra momentos especiais, né... Você costuma fazer chá de lingerie pra evangélicas?

Irene – Faço muito. Já fiz pra um grupo de marinheiras que a grande maioria – inclusive a que me contratou – era evangélica, e foi nesse estilo. Ela me pediu tudo, menos vermelho, já casada: camisolas; alguns bodys, de preferência branco; e cosmético ela tava amadurecendo a ideia de alguns. A grande maioria é assim. Perfume sai muito, pétalas pra ornamentar a cama sai muito... É totalmente diferenciado o público, é impressionante. Não o interesse: o interesse é o mesmo, a limitação é diferente, e elas respeitam. Tem um rapaz aqui que ele também é, trabalha aqui na galeria - ele e a namorada, já tem bastante tempo -, e eles são muito categóricos. Muito! Um rapaz bonito, alto, ela também, e eu acho bacana de ver, porque você vê que é uma coisa verdadeira, entendeu? Ele entra aqui às vezes pra trocar dinheiro, aí às vezes acontece de ter mulheres belíssimas aqui experimentando alguma coisa. Chama a atenção sabe, aquelas mulheres que chamam a atenção. E aí eu: “Bonita, né?”. – “É”. E sai. Aí um dia desses ele sentiu um cheiro de um perfume de feromônio, que sai muito pra todas – e é de esperma animal, que atrai o sexo oposto. Ficou curioso e falou: “Irene, posso levar”. – “Sim”. Aí brincando com ele, porque eu sei o quanto ele é fervoroso, falei assim: “Você vai usar? Você ainda não casou, você falou pra mim que não pode...”. – “Não, não... Poxa, a gente está junto há um ano, então se for algo pra nos fazer bem, sem o ‘finalmente’, a gente usa. Ela vai gostar muito desse perfume aí”. Então é uma outra curiosidade, porque tem muitos que são assim também (risos). Os homens levam mais a sério, mas eles – os evangélicos – levam mais a sério por causa da parceira. Eu tenho uns sete ou oito clientes aqui, e eu estava até conversando isso com uma pessoa ontem. Era um rapaz, aí eu falei assim: “Olha chegou o produto tal”; eles casaram há pouco tempo. Aí ele falou assim: “Não, ainda não. Não por mim...”. As mulheres são mais rigorosas nessas questões da religião dentro do âmbito sexual.

- É verdade. Percebi isso também.

Irene – Você tá percebendo isso também?

- Sim, sim, nos discursos delas.

Irene – É, né... Não que eles não sigam, mas assim, eles respeitam pra não perder a noiva, que é aquilo que ele quer realmente, então ele vai até o final. Pelo que eu vejo é isso. Agora, fantasia nem pensar.

- E essas calcinhas que estão aqui?

Irene – Elas até que são vendidas, mas não tão pequenininhas, sabe? Saem, mas como caleçon. Aí eu vou te falar uma coisa curiosa: essa aqui eu mostro, aí quando eu faço assim [vira o verso, fio dental], aí ela não leva. “Ah não, queria que fosse toda assim [caleçon]”. Caleçon sai muito, conjuntinho com sainha... Veja bem: tudo que lembra lingerie de menininha.

- Entendo. Então a preservação de certa sensualidade ocorre até mesmo no âmbito sexual entre aqueles que são casados.

Irene – Sim, sim, tem uma limitação. Aí Rita, é aquilo né: eu já não sei se entra na questão somente da religião, eu não sei se é só isso, ou se essas pessoas são assim. Como é que eu vou te dizer... Me pedem consultoria, eu tento ajudar, mas pode ser também educação.

- Mas também a questão religiosa potencializa essa educação, então cria uma pedagogia. Pode ser que a pessoa antes tinha um comportamento X, e a partir do momento que ela se converte e tem todo aquele processo de conversão, de amadurecimento dentro da igreja, há essa pedagogia sim.

Irene – Pode ser. Eu tenho meninas que eram meninas de programa e viraram evangélicas. Tem uma que frequenta aqui até hoje. Ela vem totalmente transformada do que ela era, outra pessoa... roupa, tudo. E ela um dia tava aconselhando uma outra menina aqui. Ela falou assim: “Faz, faz porque você vai fazer sucesso”. Aí a outra: “Mas como você consegue fazer isso até hoje?”. Aí ela: “Não, hoje em dia eu não faço mais nada disso. Agora eu sou evangélica, não faço mais nada disso”. Então eu não entendo como é que isso...

- Mas o que ela “não faz mais isso”?

Irene – Ela tava falando de sexo oral e sexo anal. Ela estava explicando à menina, e a menina: “Ai não, nem pensar. Não sei... será?”, e um monte de amiga aqui começou a conversar, não sei o quê, piriri, parará... E aí ela tava ouvindo, abriu a cortina – ela é minha cliente até hoje, estava levando uma camisolinha -, aí ela: “Meninas, qual é a dúvida? Faz assim, assim, assim...”. Aí eu fiquei olhando assim pra ela... eu já sabia que ela tinha parado de trabalhar. Aí a menina falou “Mas você faz assim?”. Aí ela - “Não, hoje em dia não mais; agora eu sou evangélica. Nada contra, mas eu tenho outra situação agora com o meu parceiro, entende?” Então eu não sei a que ponto tá agora esse relacionamento, mas é uma coisa que ela tá mantendo. E era uma menina de programa, acredito que seja muito mais difícil. E a questão que a gente não sabe se é cultural ou não. Por que eu tô te falando isso? Veja bem, os pais de 60, 70 anos: até o segmento religioso eu tô notando que tá acompanhando muito os nossos dias. Por que os pais todos estão abrindo mais a cabeça? Porque eles estão realmente

acolhendo. Eu acho isso fantástico do evangélico, de pastores, porque eles aceitam o jovem da maneira que ele tá buscando. “Vem, vem que eu vou te aceitar”. Não é toda religião que aceita, entende? [Irene começa a chorar] Eu me emociono porque eu tenho uma pessoa que tá nessa situação. “Irene, foi a única igreja que me aceitou”. Então eu acho que seja muito da educação também. Se são pessoas que tinham o pai e a mãe evangélicos, que frequentavam igreja há 30 anos atrás, estão com uma cabeça. Não são todos que vão acompanhar esses pastores que estão acompanhando os adolescentes. “Olha, isso aqui é permitido, sim, mas vamos fazer assim, assim e assim?” Os adolescentes estão gostando dessa abertura, porque antigamente não era assim, não era. Eu tenho amigos evangélicos: “Irene, até nisso os cultos estão diferentes”. Estão acolhendo mais, o linguajar tá mais aberto, então eu acredito que também seja por isso. Eu noto as evangélicas aqui mais velhas, levam uma camisola... Você nota no olhar: a gente tá mostrando, não querem nem olhar uma prótese. Às vezes um hidratantezinho que estala no corpo, pra uma massagem no parceiro... não quer nem olhar. E as evangélicas mais novas, menos de 25, quando procura é bem menos essa procura. São pessoas novas, mas “Ah, isso aqui a gente não faz. Isso eu não posso”. Mas elas estão mais abertas pra ver como é que é; de repente é uma menina que vai realmente se casar e ela já enxerga o quê que ela vai usar assim que casar. Eu percebo essa diferença.

- Muito interessante. Uma última pergunta: esse sex-shop tem quanto tempo?

Irene – Dez anos.

- E você percebeu uma procura maior de evangélicos a partir de que ano?

Irene – Ah, tem uns quatro anos pra cá. Não tem pouquinho tempo assim, não; uns quatro ou cinco anos. A minha base é de algumas clientes que tinham sumido quando virou sex-shop, porque a minha loja era ali em baixo há cinco anos atrás. Quando eu subi virei sex-shop de vez, como o nome mesmo “sex-shop”. Eu tinha loja de lingerie com algumas coisinhas de sex-shop, e atendia todas essas clientes evangélicas; não falavam, mas eu sabia que eram. E aí quando eu comuniquei que viraria sex-shop algumas sumiram há uns seis anos atrás, e de uns cinco anos pra cá: “Oi, tudo bem? Ih, mas aqui não tem nada de mais, assim né?”. Ficam de costas pras próteses, não olham – a maioria são as mais velhas. “Ih, não tem nada de mais, não. Ah, vou vir te ver mais”. Aí levam uma lingerie, levam uma caldinha... De uns cinco anos pra cá é que começaram a vir todas, porque assim, vem muitas de grupos de igreja né, uma avisando a outra, e aí foram procurando quase todas, e algumas sumiram. Aí eu percebi isso de uns quatro anos pra cá. Falei até isso pra ela [a cliente] que de vez em quando me pergunta: “Irene, eu tenho visto evangélico aqui, né?”. Falei pra ela: “Viu, isso é pra você conversar com seu pastor também”. Então assim, é muito bacana.

- A sua funcionária ainda não indicou amigas pra vir pra cá?

Irene – É curioso, ela fala: “Não, todos eles sabiam que eu era fornecedora de sex-shop”. Agora, é muito diferente você lidar com o público o dia todo, todo dia, atendendo, porque aqui a gente é quase que um psicólogo.

- Jura?

Irene – Muita coisa, muita coisa! Eu te digo que tem dia que a gente atende a maioria das clientes que querem conversar sobre aquilo que ela tá passando com o parceiro, às vezes de religiões diferentes, a mulher é evangélica e ele não. Tipo “Nossa, o quê que eu faço? Tá uma rigorosidade muito grande”. Isso elas conversam muito comigo. Aí um dia eu perguntei pra Paula [a vendedora da loja]: “E aí?”. Ela tava com três meses só trabalhando aqui. – “Ah, meu pastor sabe que não importa. Às vezes ele me pergunta como é que tá esse público, eu falo que às vezes eu me assusto”. Porque as pessoas acham realmente que nós somos meninas de programa. Isso é um sex-shop; é daí esse tabu. Talvez seja esse leque meio fechado dela pra falar, porque ela não quer ser mal vista onde ela frequenta; eu acredito que seja isso. Agora, é o que eu falei pra ela: “O mais importante você já falou, e ele concordou, porque ele sabe que você tá num lugar tranquilo. Você mesma disse”. Porque aqui é mesmo, entende Rita... Aqui é.

- Sim, sim, aqui é outro nível. Já frequentei outros sex-shops e aqui realmente é bem mais tranquilo.

Irene – É, aqui eu nem deixo. Já fiquei sem gente fazendo propaganda lá fora por não conseguir meninas mais normais, sem short muito curto, sem top, sem tudo de fora, por isso.

- Engraçado, no dia em que eu entrei pela primeira vez quem tava fazendo propaganda era uma senhora.

Irene – Uma senhorinha. Ela tá comigo há anos, ela só para quando tem problema na perna. Aí brincam com ela, mexem comigo: “Irene, por que você não bota uma mulher moderna? Como é que você bota uma senhora? Não vai atrair”. E eu falo: “Não, atrai sim. Atrai o público certo, o público que eu quero”. Eles tiram fotos, os gringos tiram fotos com ela, a “vovó do sexo”. Ela bota uma camiseta, e aí ela já peneira pra mim ali fora. Perguntam “Tem cabines? Tem meninas?” – “Não, não tem”. Então nem sobem. Ela faz essa peneiração pra mim, entendeu?

(fim)



Espartilho



Baby doll



Camisola soltinha (com bojo)



Caleçon

Figuras 56 a 59 – Tipos de lingeries consumidas pelas evangélicas no sex-shop pesquisado. Fonte: Levantamento de campo (2015).



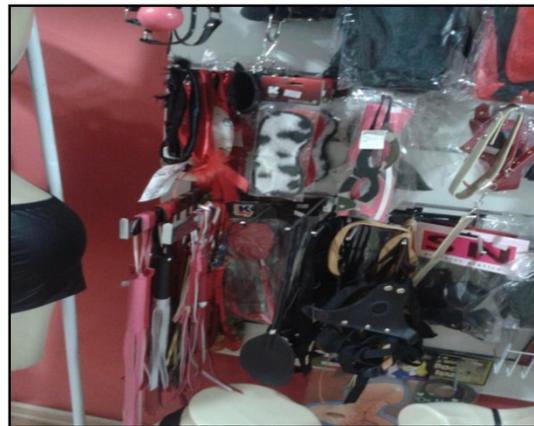
Fantasia



Calcinhas fio dental



Próteses



Algemas / Tapa-olhos



Mini fantasias ousadas

Figuras 60 a 64 – Produtos não consumidos pelas evangélicas no sex-shop pesquisado. Fonte: Levantamento de campo (2015).

ROTEIRO BÁSICO ENTREVISTA – Jan/15

- 1- NOME
- 2- IDADE
- 3- PROFISSÃO
- 4- QUANTO TEMPO VOCÊ TEM DE EVANGÉLICA?
- 5- DENOMINAÇÃO ATUAL
- 6- HÁ QUANTO TEMPO ESTÁ NESSA DENOMINAÇÃO?

- 7- FALE UM POUCO DE SUA TRAJETÓRIA COMO EVANGÉLICA (COMO SE CONVERTEU, SE PARTICIPA DE ALGUMA ATIVIDADE NA IGREJA ETC.).
- 8- VOCÊ SE CONSIDERA COMO UMA MULHER QUE GOSTA DE CUIDAR DA APARÊNCIA?
- 9- VOCE GASTA MUITO DINHEIRO COM ROUPAS, SAPATOS E ACESSÓRIOS?
- 10- QUAIS AS LOJAS EM QUE VOCÊ GERALMENTE COMPRA SUAS ROUPAS?
- 11- POR QUE VOCE COMPRA ROUPAS NESSA(S) LOJA(S)?
- 12- COMO VOCE CONSIDERA SEU ESTILO? CASUAL, BÁSICO, CHIQUE, ELEGANTE, CLÁSSICA...?
- 13- SEU MARIDO/NAMORADO/COMPANHEIRO/PARCEIRO DEMONSTRA A OPINIÃO DELE COM RELAÇÃO ÀS ROUPAS QUE VOCÊ USA?

- 14- COMO AS EVANGÉLICAS SE VESTIAM ANTIGAMENTE?
- 15- AS PESSOAS ACHAM QUE A EVANGÉLICA É CAFONA?
- 16- COMO AS PESSOAS DE FORA PENSAM QUE A MULHER DE DEUS DEVE SE VESTIR?
- 17- VOCE JÁ TEVE QUE MUDAR DE DENOMINAÇÃO PORQUE ELA PROIBIA USAR CERTO TIPO DE ROUPA?
- 18- QUANDO AS IGREJAS COMEÇARAM A DAR UMA ABERTURA EM RELAÇÃO AO USO DAS ROUPAS, VOCÊ ACOMPANHOU ESSA MUDANÇA OU QUIS CONTINUAR SE VESTINDO DA MESMA MANEIRA?
- 19- AS EVANGÉLICAS QUE TEM UM CARGO NA IGREJA PRECISAM SE VESTIR DIFERENTE?
- 20- A BÍBLIA DIZ ALGUMA COISA A RESPEITO DAS VESTES DA MULHER EVANGÉLICA?
- 21- EXISTE UMA ROUPA ADEQUADA PRA SE USAR DENTRO DA IGREJA? QUAL?
- 22- A ROUPA QUE A EVANGÉLICA USA DÁ TESTEMUNHO DE COMO ELA É?

ROTEIRO BÁSICO ENTREVISTA – revisão Jul/15⁴

Informações pessoais

- 1- NOME
- 2- IDADE
- 3- PROFISSÃO
- 4- QUANTO TEMPO VOCÊ TEM DE EVANGÉLICA/O?
- 5- DENOMINAÇÃO ATUAL
- 6- HÁ QUANTO TEMPO ESTÁ NESSA DENOMINAÇÃO?

Vivência no evangelho

- 7- FALE UM POUCO DE SUA TRAJETÓRIA COMO EVANGÉLICA/O (COMO SE CONVERTEU, SE PARTICIPA DE ALGUMA ATIVIDADE NA IGREJA ETC.).
- 8- O QUE VOCÊ ACHA QUE MUDOU EM VOCÊ NO ANTES E DEPOIS DA CONVERSÃO?

Estética feminina

- 9- VOCÊ SE CONSIDERA COMO UMA MULHER QUE GOSTA DE CUIDAR DA APARÊNCIA?
Você observa que as mulheres de sua igreja ou célula, no geral, gostam de cuidar da aparência?
- 10- VOCE GASTA MUITO DINHEIRO COM ROUPAS, SAPATOS E ACESSÓRIOS?
Você observa variedade, elegância e bom gosto nas roupas, nos sapatos e nos acessórios que elas usam?
- 11- QUAIS AS LOJAS EM QUE VOCÊ GERALMENTE COMPRA SUAS ROUPAS? POR QUÊ?

Moralidade estética

- 12- ENTRE OS TIPOS DE ROUPA, MAQUIAGEM E BIJUTERIAS QUE EXISTEM, QUAL DELES A EVANGÉLICA NÃO DEVE USAR?
- 13- EXISTEM EVANGÉLICAS QUE GOSTAM DE INSINUAR UMA SENSUALIDADE ATRAVÉS DAS ROUPAS? POR QUÊ?
- 14- VOCÊ ACHA QUE AS MULHERES USAM ESTRATÉGIAS PARA APARECER MAIS NA IGREJA?

⁴ As perguntas destacadas em azul foram dirigidas exclusivamente aos homens.

- 15- PRA VOCÊ, O QUE É MODÉSTIA? E DECÊNCIA?
- 16- PRA VOCÊ, O QUE DEFINE UMA MULHER “DO MUNDO”?
- 17- E O QUÊ QUE DEFINE UMA “MULHER DE DEUS”?
- 18- O QUÊ QUE HÁ DE MAIS BONITO NA MULHER DE DEUS?
- 19- ONDE ESTÁ A DIFERENÇA NO VESTUÁRIO DA MULHER DE DEUS?
- 20- QUANDO AS IGREJAS COMEÇARAM A DAR UMA ABERTURA EM RELAÇÃO AO USO DAS ROUPAS, VOCÊ ACOMPANHOU ESSA MUDANÇA OU QUIS CONTINUAR SE VESTINDO DA MESMA MANEIRA?
- Quando as igrejas começaram a dar uma abertura em relação ao uso das roupas, as mulheres que você conhece acompanharam essa mudança ou quiseram continuar se vestindo da mesma maneira?**
- 21- AS EVANGÉLICAS QUE TEM UM CARGO NA IGREJA PRECISAM SE VESTIR DIFERENTE?
- 22- EXISTE UMA ROUPA ADEQUADA PRA SE USAR DENTRO DA IGREJA? QUAL?
- 23- A ROUPA QUE A EVANGÉLICA USA DÁ TESTEMUNHO DE COMO ELA É?

Moda íntima / Relacionamentos

- 24- SEU MARIDO/NAMORADO/COMPANHEIRO/PARCEIRO DEMONSTRA A OPINIÃO DELE COM RELAÇÃO ÀS ROUPAS QUE VOCÊ USA?
- Você demonstra sua opinião em relação às roupas que sua esposa/namorada/companheira/parceira usa?**
- 25- VOCÊ SE VESTE PRO SEU MARIDO OU PRO SEU NAMORADO?
- A evangélica que tem um relacionamento se veste para agradar ao marido ou namorado?**
- 26- NO UNIVERSO PRIVADO, AS EVANGÉLICAS FAZEM DE TUDO PRA AGRADAR AO MARIDO (INCLUINDO O ÂMBITO SEXUAL)?
- 27- VOCÊ ACHA QUE AS EVANGÉLICAS FREQUENTAM SEX SHOP? ESTÃO CONSUMINDO CADA VEZ MAIS LINGERIES SEXYS?
- 28- PARA AQUELAS QUE SÃO SOLTEIRAS, VALE A PENA INVESTIR NA BELEZA E NA ESTÉTICA PARA ARRUMAR UM MARIDO?
- 29- COMO VOCÊ OBSERVA A CONCORRÊNCIA DO “MERCADO AMOROSO” DENTRO DAS IGREJAS?
- 30- COMO SER BONITA SEM SER VULGAR?**



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E ENTREVISTA

Eu, _____, portador da Carteira de Identidade nº. _____, inscrita(o) no CPF sob nº _____, residente à Av/Rua _____, nº. _____, município de _____/Rio de Janeiro, AUTORIZO o uso de minha imagem e/ou entrevista na composição do material textual e iconográfico da pesquisa intitulada "*Qual é o dress code? Corpo, performance e subjetividades no vestuário feminino evangélico*", sob a coordenação de Rita Gonçalo, socióloga e mestranda em Comunicação. Este material terá como produto final a dissertação de mestrado a ser defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro no primeiro trimestre de 2016. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem ou de partes da entrevista realizada em: (I) dissertação em formato digital e impresso; (II) apresentação em .ppt (Power Point) ou Prezi.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2015.

(digite neste campo seu nome completo ou insira uma assinatura digital)

Rita Gonçalo

Socióloga, Especialista em Filosofia Contemporânea

Mestranda do PPGCOM/PUC-Rio, Bolsista Capes

Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizaqv.do?id=K4434679P6>